

# MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira  
Abril de 2024

**Há 80 anos,  
a revolução de  
Guignard na  
arte de Minas**

***Conceição Evaristo na Academia:  
o poder da 'escrevivência'***

29

# SUMÁRIO

## CAPA

### O anjo mutilado\*

Há 80 anos, chegava a Belo Horizonte, a convite do então prefeito Juscelino Kubitschek, o pintor Alberto da Veiga Guignard, brasileiro de nascimento, mas com ascendência europeia, já então com densa vida artística no Rio de Janeiro e cursos na Europa. O lábio leporino de nascença, acompanhado de uma fenda no palato, era um problema que a medicina da época não resolvia e que o atormentou a vida inteira, fazendo dele uma personalidade complexa, que só se encontrou na arte. Guignard apaixonou-se por Minas e suas paisagens e aqui fez verdadeira revolução, a partir de uma 'escolinha do parque', onde abriu o caminho para grandes nomes das artes plásticas mineiras.

\* Alcinha dada pelo poeta Manuel Bandeira e título de recente biografia de Guignard (Companhia das Letras), escrita por Marcelo Bortoloti.

A arte da capa é de Sandra Bianchi.



## LITERATURA

**O que é que Ascânio Lopes tinha?**

Hermes Vilchez Guerrero

**4**

**Camilo Castelo Branco**

**Polêmico na vida e na obra,  
preveu o próprio suicídio**

Gutemberg da Mota e Silva

**12**

**Ernesto Sabato:**

**entre a ciência e a literatura**

Rogério Medeiros Garcia de Lima

**20**



## MEMÓRIA

**Olavo Romano,**

**a escrita viva do sorriso**

Fernando Armando Ribeiro

**26**



## ENSAIO

**Guignard e a revolução das artes  
plásticas em Minas, há 80 anos**

Márcio Sampaio

**30**



## CONCEIÇÃO EVARISTO / HOMENAGEM ESPECIAL

**A literatura da ancestralidade em  
busca da linguagem do pós-mundo**

Edilene Lôbo

**36**

**De Conceição a Maria-Nova,  
relatos de uma memória viva**

Ivana Fernandes Vieira

**40**

**Catarino, um elo entre Conceição  
e Guignard**

Eduardo de Paula

**44**



## CONTO

**Para sempre Bacamarte!**

Carlos Roberto Loiola

**48**



## MEMÓRIA

**Retratos de presidentes ajudam  
a preservar memória do TJMG**

Manoel Marcos Guimarães

**52**



## POESIA

### Palavra

Luziene Medeiros Barbosa Lima

57

### Dois poemas

Renato César Jardim

58

### Quatro poemas

Aldina Soares

60

### Dois poemas

Llewellyn Medina

61

### Prelúdio ao meio dia

José Maria Starling

62

### Três poemas

João Quintino Silva Galinari

63

### Asas de luz

José Venâncio de Miranda Neto

64

### Nômades

Amaury Silva

65



## ICONOGRAFIA

### O enigma da venda

Marcelo Cavalcanti Piragibe Magalhães

66



## PALAVRA DO LEITOR

70

# EDITORIAL

## Minas de Guignard e Conceição

A cada nova edição de *MagisCultura*, renova-se em mim, sem falso ufanismo, o sentimento de orgulho que devemos dedicar à cultura de Minas Gerais e à sua Magistratura, pela incomensurável contribuição dada, ao longo da história, para a formação do caráter nacional. A pauta desta edição 29 é mais um claro e insofismável exemplo.

Na capa, saudamos os 80 anos da chegada a Minas, pelas mãos de Juscelino Kubitschek, de Alberto da Veiga Guignard, que veio revolucionar as artes plásticas no estado e nos legar uma plêiade de grandes artistas, seus alunos e seguidores. Guignard se apaixonou pelas paisagens e pela gente de Minas e Minas o abraçou, oferecendo-lhe o ambiente e as condições para transformar seu sofrimento em arte.

Dois anos após a chegada de Guignard, nasce em uma favela de BH a mulher negra que, como ele, iria transformar o sofrimento imposto à sua gente e a si própria em arte, por meio de uma literatura forte, uma 'escrevivência' libertadora, que a levaria à Academia Mineira de Letras, em fevereiro último. A história e a arte dessa mulher, Conceição Evaristo, estão em nossas páginas, relatadas por duas mulheres magistradas.

São dois exemplos que bastariam para justificar nosso orgulho de ser mineiro e magistrado, mas a revista nos traz muito mais, ao recuperar a história dos retratistas de presidentes do TJMG, reiterar o talento dos magistrados estudiosos de autores como Camilo Castelo Branco e Ernesto Sábato e revelar a criatividade e inspiração de nossos poetas e contistas.

Boa leitura!

JD Luiz Carlos Rezende e Santos

Presidente

# MagisCultura

Mineira

Amagis • Diretoria Triênio 2022-2024

**Presidente:** Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

**Vice-presidente Administrativa:** Juiza Rosimere das Graças do Couto

**Vice-presidente Financeira:** Juiza Roberta Rocha Fonseca

**Vice-presidente de Saúde:** Juiz Jair Francisco dos Santos

**Vice-presidente do Interior:** Juiz Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro

**Vice-presidente Sociocultural-Esportivo:** Desembargador Maurício Pinto Ferreira

**Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas:** Desembargadora Aposentada Heloísa Helena de Ruiz Combat

**Diretora-secretária:** Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

**Diretor-subsecretário:** Juiz Evandro Cangussu Melo

**Diretora de Comunicação:** Juíza Daniela Cunha Pereira

**Coordenador de Comunicação:** Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim, Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Juiz Fernando Humberto dos Santos, Juiz Jorge Paulo dos Santos, Professor Hermes Vilchez Guerrero (Diretor da Faculdade de Direito da UFMG) e Artista Plástico e Escritor Márcio Sampaio (membro da AML).

• **Editor Responsável:** Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587 / MG)

• **Proj. gráfico e editoração eletrônica:** Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)

• **Ilustrações:** Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)

• **Impressão:** Rona Editora | **Tiragem:** 2.500 exemplares

• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa

**Endereço para correspondência:**

R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: [magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)

[www.amagis.com.br](http://www.amagis.com.br)

A Academia Mineira de Letras é parceira da revista *MagisCultura*.



# O que é que Ascânio Lopes tinha?

Hermes Vilchez Guerrero\*

Professor e diretor da Faculdade de Direito da UFMG, advogado criminalista

“É essa a pergunta que Pedro Nava faz a respeito de Ascânio Lopes. Também me faço a mesma pergunta, só que eu nem ao menos tento encontrar uma resposta. O que sei é que, desde a primeira vez que tomei conhecimento de sua poesia e de sua vida, tenho uma curiosidade, ou melhor, acho que é uma grande atração. Isso me leva a uma indagação: ele, que era considerado uma das grandes promessas do Modernismo mineiro, teria se transformado efetivamente no que dele se esperava? O que teria acontecido se ele não desaparecesse tão jovem?

Ascânio Lopes era um daqueles jovens escritores mineiros que ficariam mais tarde conhecidos como *modernistas*, na sua maioria formada por estudantes de Direito, quase todos nascidos nos primeiros anos do século XX. Somente Carlos Drummond e Pedro Nava não estudaram Direito: o primeiro era formado em Farmácia, sem nunca ter exercido essa profissão; o segundo, era médico. Os demais eram: Mario Casassanta, Abgar Renault, Emílio Moura, Martins de Almeida, João Alphonsus, Cyro dos Anjos, Austen Amaro, Milton Campos, Alberto Deodato e Gabriel Passos, dentre outros.

O Café Estrela, que na verdade era um bar, era o lugar onde se reunia o grupo de jovens intelectuais. Em seguida, ficavam parados na porta do Cine Odeon, para depois sumirem nas ruas empoeiradas da adolescente capital mineira. Vindos do interior, habitavam pensões, partilhavam o mesmo nível social e econômico. Algumas dessas jovens promessas não fizeram sua caminhada principal na literatura; uns foram para a política, como Milton Campos e Gabriel Passos, outros conseguiram conciliar as atividades jurídicas com o jornalismo e a literatura, como foi o caso de Alberto Deodato e Mário Casassanta. Ascânio Lopes era uma dessas grandes promessas que não se transformou em realidade porque não viveu o suficiente para isso. Faleceu com 22 anos, de tuberculose, antes de concluir o curso de Direito; não teve, portanto, a possibilidade sequer de escolher qual caminho seguiria.

## Cataguases, uma república cultural

Ascânio Lopes Quatorzevoltas nasceu em Ubá, em 11 de maio de 1906, era filho de Antônio Lopes Quatorzevoltas e de D. Maria Inês Quatorzevoltas. Antes de completar um ano foi morar em Cataguases, onde foi criado por seus padrinhos, o tabelião Cornélio Vieira de Freitas e Dulcineia Cruz. Faleceu em 10 de janeiro de 1929, em Cataguases, vitimado pela tuberculose.

Foi em Cataguases que um grupo de jovens, a grande maioria estudantes em Belo Horizonte e com menos de 21 anos, decidiu publicar uma revista literária, especialmente de

poesias, embora também contivesse ensaios e outros textos. Certamente foi uma das primeiras revistas de uma cidade do interior a alcançar projeção nacional e chamar atenção para o que se publicava no interior do país. Esses jovens eram Ascânio Lopes (21), Rosário Fusco (17), Guilhermino Cesar (19), Francisco Inácio Peixoto (18), Camilo Soares (18), Chistóphoro Fonte-Boa (21) e Oswaldo Abritta (19). A *Revista Verde*<sup>1</sup> foi publicada entre 1927 e 1929, em cinco volumes. Com a morte de Ascânio Lopes, também morreu a *Revista Verde*, que ainda teve uma edição para homenageá-lo. Nesse tempo, Cataguases, cidade da zona da mata mineira, já era importante polo cultural, mesma época em que o cineasta Humberto Mauro ali instalou sua produtora *Phebo Sul America Film*.

Em 1925, Ascânio Lopes, como muitos dos moços nascidos nos primeiros anos do século XX, veio para a capital mineira para estudar Direito, destino não apenas daqueles que pretendiam seguir carreira nas diversas áreas jurídicas, mas também para aqueles com vocações indefinidas.

Como se sabe, na primeira metade dos anos 1920, surgiu o Modernismo. Esse movimento, que contava aqui, em sua grande maioria, com jovens poetas, ensaístas, cronistas, jornalistas e, nas horas vagas, estudantes de Direito, era liderado por Carlos Drummond de Andrade. Ascânio Lopes foi modernista de primeira água e mantinha intensa correspondência com Mário de Andrade.

## Um só livro, e a vida interrompida

Ascânio Lopes publicou um único livro em vida, *Poemas Cronológicos* (1928), e sua poesia retrata o Modernismo mineiro, sua infância (*Serão de um menino pobre*) e também reflete a enorme influência de sua doença e a percepção de que não viveria muito tempo. Escreveu 48 poemas. Após sua morte, foram publicados *Maria Eugenia* (novela), *Os direitos da família sobre o cadáver* (ensaio) e *Sanatório* (poemas).

Em razão da doença, não concluiu o curso na Faculdade de Direito, abandonando os estudos no terceiro ano. Sua turma se formou em 1929. No belo convite de formatura, logo nas primeiras páginas, há uma homenagem a esse jovem poeta-estudante. É, evidentemente, uma homenagem póstuma: há nele sua fotografia com semblante sério e suas permanentes olheiras fundas, além de algumas referências carinhosas à sua pessoa. Nesse texto, num determinado trecho, Agrippino Grieco declarou sobre sua escrita<sup>2</sup>:

(\*) Integra o Conselho Editorial da MagisCultura, como convidado, a partir desta edição.

<sup>1</sup> Atribui-se a escolha do adjetivo verde em razão da juventude de seus integrantes.

<sup>2</sup> Em todas as transcrições foi mantida a ortografia original de seus autores.

*Uma linha interior muito subtil, que a paisagem e a alma mineiras não explicam de todo, prova haver sido restricta nelle, em dados momentos, a inspiração local. Ternura envergonhada e imagens um tanto sobrias no esbanjamento dos trópicos. Ar vago, de quem sonha acordado, de viajante immovel, affeito a vagabundar pelo cérebro, mesmo enterrado num sofá, e relativa insistencia do homem moral, que, num mysticismo intermittente, tem necessidade de Deus, exige o Absoluto, não pôde passar sem aquillo que não pôde ter e só estaria bem no logar em que não está. Esse visionário de cidade moderna, simples burocrata de Bello Horizonte, deixou-nos, em seus escriptos, uma melodia grave, e vários pensamentos seus, sombrios na base mas illuminados no alto, são comparáveis aos cyprestes que trazem uma estrella na ponta.*

*Tendo soffrido de verdade, com a Morte sempre a rondar-lhe o cubículo de enfermo, nem por isso insiste nos detalhes de hospital, não converte as lagrimas em vidrilhos, não faz o lenocínio da desgraça, e a sua queixa é apenas energia cerebral resistindo altivamente ao miseravel esphacelo da carcassa.*

Sobre ele, escreveu Carlos Drummond de Andrade:

*Tinha 23 anos e não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida o que ela consente em noticiar – muito pouco – outro pouco de que se tem a intuição, e nada mais. Salvo quando o individuo é poeta, caso de Ascânio Lopes e dos que, como ele, conheceram a vida sem terem tido tempo de vive-la; dos que adivinharam. Os versos ascanianos dos poemas cronológicos são adivinhações, ou por outra, prêmios de loteria que o autor ganhou sem nunca ter comprado bilhete.*

Para Tristão de Athayde, ele era “uma das sensibilidades mais curiosas que teve ocasião de conhecer”.

## “Todo mundo gosta”

Mas não são somente seus amigos e contemporâneos que têm curiosidade, acho que a palavra mais adequada é ‘atração’, por essa figura quase indecifrável. O advogado criminalista e professor Maurício Campos Júnior também tem grande interesse por esse poeta ‘Verde’ que não chegou a amadurecer e, quando lhe informei que estava preparando um artigo para a Revista *MagisCultura*, enviou-me a seguinte mensagem:

*Grande sujeito! Sempre me pego imaginando tanta coisa boa que só ele poderia escrever. [...] Sinto uma vontade (quase) incontrolável de querer tê-lo por perto pra conversar, e lamento (quase) resignado pelo fato disso ser impossível. Acho que foi assim com ele: uma vontade sua e de seus amigos que a vida fosse justa e o deixasse viver o tempo necessário para realizar todo o seu potencial e a dolorosa resignação pela escolha que a doença e a morte fizeram por ele [...]. É um sujeito que todo mundo gosta sem saber a razão [...].”*

### O halo invisível

Mas, afinal, o que é que Ascânio Lopes tinha? Muitos se fizeram essa pergunta. Pedro Nava, seu companheiro de juventude e de angústias, com sua maneira peculiar de perguntar, também o faz e tenta responder:

*Lembro Ascânio Lopes e pergunto o que teria? esse moço – para impressionar como impressionou tão fundamente seus companheiros de Cataguases e Belo Horizonte durante o pouco tempo que durou sua vida. O que é que o Ascânio tinha? Tinha inteligência? Tinha. Vivacidade? Tinha. E mais o que dizem os que escreveram sobre ele. Qualidades de sensibilidade, serenidade, mansidão, sinceridade sinceridade sinceridade. Tinha. Humildade, modéstia, a profunda penetração poesia... Mas esse sofredor de pequena biografia havia de ter mais alguma coisa de imponderável, talvez o halo que não se vê mas se pressente – campo magnético que aureola os avertis. Ou a tenuidade dos que estão em desmaterialização. Ou uma tristeza permanente de plano posterior. Dúvidas. Alguma certeza, talvez. O sentimento quem sabe? das fissuras que vão quebrar o sol e apagá-lo no nada. Alguma coisa assim porque ele não inspirava simples simpatia, nem apenas amizade. Também não era amor frater-*

no. Era maior porque todos nós nos impregnávamos – nós quase de sua idade! – de uma espécie de sentimento paterno como a adivinhar em torno dele o perigo; a querer protegê-lo e ampará-lo contra obscura ameaça...<sup>3</sup>

### Um caminho de pedreiros

Sobre Ascânio Lopes, mais precisamente sobre sua morte, Alcino Duque escreveu um belo poema:

*Você morreu como quem dorme de cansado desta vida e moço-poeta, e poeta moço.  
Morrer assim como quem diz – eu vou-me embora, está na hora – é quase um sonho, é quase nada.  
Quem foi você, Ascânio Lopes? Quem foi você aqui na terra, na sua estrada silenciosa?  
No seu caminho de pedreiros?  
(já de pequeno, você lia livros de história impossíveis, e a sua Mãe pobre coitada, noite adentro a costurar,  
Passava as mãos em seus cabelos,  
Lia seu Pai velhos jornais,  
E vinha a sombra, Ascânio Lopes...)  
Você morreu como quem diz – eu vou me embora, Criança e órfão... a sua vida foi aquela escura noite sem ventura que se chamou – pobre serão de moço pobre.  
E a sua carta pra Noivinha Imaginária?  
Foi uma carta muito triste...  
Você gostou de Cataguases... Deu-lhe tudo... o próprio corpo, sem rima rica nem compasso, nuns versos livres como os rios,  
Deixou contado o seu amor a linda terra cor de jambo, e Ubá ficou esquecida, sua noivinha imaginária...  
E a infância irrequieta? E os papagaios de papel?  
Furtos de frutas nos vizinhos? Banhos de tarde, quase à noite?  
E um dia então, mineirozinho silencioso, você saíu pra muito longe.  
E nunca mais voltou,  
Andou cuidando de ciência, andou vivendo sem viver...  
E agora está lançado sob a terra. Essa Noivinha Imaginária, a que vivia bem cansada desta vida,  
Foi muito má, o poeta-moço, o moço-poeta,  
Ela chegou devagarinho, tirou você de nosso meio,  
Levou você não sei pra onde,  
Pra nunca mais, Ascânio Lopes.*

### A última edição de 'Verde'

Como já mencionado, a Revista Verde foi publicada entre setembro de 1927 e maio de 1929. Esta última veio a público em edição especial em homenagem a Ascânio Lopes, poucos meses depois de sua morte. Logo na apresentação da derradeira edição, Henrique de Resende, um de seus editores esclarece:

“Morrer assim como quem diz – eu vou-me embora, está na hora – é quase um sonho, é quase nada...”



<sup>3</sup> Beira mar, Cia das Letras, 2013, p. 305.

“Ele vive nestas páginas – mais vivo do que nunca – sentindo a comovedora alegria dos seus irmãos, que, hoje, finalmente, lhe dedicam um número da revista que ele tanto amou – a noivinha imaginária do poeta distante...”

*Este é o número de Ascânio Lopes.*

*Longe de ser um número de tristeza piegas é de uma comovedora alegria para nós.*

[...]

*Ele vive nestas páginas – mais vivo do que nunca – sentindo a comovedora alegria dos seus irmãos, que, hoje, finalmente, lhe dedicam um número da revista que ele tanto amou – a noivinha imaginária do poeta distante...*

Nessa mesma edição da *Verde*, há um belo texto de nosso poeta maior, datado de 18 de março de 1929, nele Drummond declarou<sup>4</sup>:

#### ASCANIO LOPES NA RUA DA BAHIA

*A passagem de Ascanio Lopes pela rua da Bahia é o único capítulo de sua vida que eu conheço e este capítulo me enche de saudade.*

*Uma noite Martins de Almeida contou-me que descobrira um poeta na pensão onde morava: era de Cataguazes e escreverá um poema excelente sobre sua terra natal. Logo depois Emilio Moura levava o poema ao Diário de Minas, publicando-o com palavras de admiração.*

*Foi esta a primeira coisa de Ascânio Lopes que se publicou (6 de março de 1927) e é dos melhores que há nos Poemas Cronológicos.*

*Apresentado a Ascanio, elle sorriu para mim com timidez, disse duas ou três palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma longa conversa (e dahi, para que uma longa conversa?) mas em quem enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito de almas; julgo porém ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca cheguei a abrir. Deste modo, distante mas realmente perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos.*

[...]

*Passava tempos sem vel-o. Era esquivo e filtrava-se entre as arvores da rua. Dizem que optimo trabalhador. Na Secretaria do Interior, 6ª secção, fala-se muito bem do funcionario Ascanio Lopes. [...] Na inspeccão da Instrucção há a caneta com que elle escrevia, papeis que guardam a sua letra, recordações diversas de Ascanio, funcionario que deixava a poesia no cabide, com o chapéo, ao contrario de outros que só deixam o chapéo e fazem poesia na hora do expediente.*

*Dizem também que máo estudante, ou por outra, estudante displicente, mas isso só serve para aumental-o na minha estima. A nossa Escola de Direito não é melhor nem peor do que a commum das escolas, de direito ou não, que não dão gôsto nenhum de serem frequentadas. Mesmo assim Ascanio teve a pachorra (ou malicia) bastante para imaginar uma these, ‘O direito da familia sobre o cadaver’, cujo título suspeito dá idéa antes de uma blague juridico-literária, um pouco fúnebre.*

*Bom funcionario, máo estudante, bom poeta... A rua da Bahia não conheceu bem Ascanio Lopes, que passou por ella como um automóvel. Eu mesmo já tive occasião de dizer, há annos, num poema que provocou geral indignação, apesar de ser perfeitamente insignificante: há os que sobem e há os que*

<sup>4</sup> As transcrições referentes a Ascânio Lopes estão na *Revista Verde* n. 1, ano 1, segunda fase, 1929.

*descem a outrora famosa via publica. Os que sobem gloriosos e applaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascanio desceu com o pharol apagado, sem businar, e desceu para sempre.*

### Feliz com a alegria alheia

Rosário Fusco, seu amigo de adolescência e cofundador da *Revista Verde*, assim o descreveu:

*Magro e comprido. Os olhos pretoscavados entre olheiras funeraes-quasi enormes, a cabelereira crêspa e revôlta, jaquetão, azul escuro, chapéu na mão, bengala e pasta, a passos lentos um môço desce a rua do Sobe-desce, a caminho da Praça Santa Rita.*

*Este môço é o nôvo fiscal da Escola Normal, Ascânio Lopes.*

*– Hoje estou bem triste, Fusco. Fui obrigado a reprovar duas meninas no ultimo ano do curso!*

*Você si o conhecesse, Antônio de Alcântara Machado, não adivinharia melhor.*

*Êle era, antes de tudo, um Bom. Aliás todo mundo que dêle se aproximasse adivinhal-o-ia imediatamente.*

*Humilde e modesto, como os modestos e humildes, facilmente se entregava.*

*Porquê sua maior virtude era a sinceridade.*

*Sinceridade, coitadinho, até no sofrimento.*

*Um dia olhando pra mesinha cheia de vidros ainda por abrir, perguntei:*

*– não toma remédio não?*

*Não respondeu. Porém me olhou tão fundo que naquêle momento daria tudo pra não ter me olhado assim.*

*Ê que êle já sabia.*

*'Eu sei... Eu sei.....*

*Mas, não choro.*

*– O pranto é amargo e inútil!*

*E em vão nosso clamor tenta alcançar os céos.*

*Nem desespéro,*

*– de nada vale o desespéro ante as coisas irremediáveis.'*

*Nas minhas várias visitas à sua casa onde raramente chegava um outro cartão de seus amigos de fôra, jamais teve uma palavra de rancor pra esses amigos. Pelo contrario.*

*Com estas palavras, de uma comovedora serenidade, começava o discurso que escrevêra pra paraninfagem das normalistas de 1928: "Feliz quem como eu tem forças para na amargura alegrar-se com a alegria alheia."*

*Mas nós também sofrêmos com você, Ascânio. Não acredita?"*

### Sincero e bom

Outro de seus queridos companheiros, Martins Mendes, sobre ele escreveu:

*Nos ultimos dias do meu grande amigo eu fugi dêle. E porque fugia? Fugia pra não chorar e não vêl-o chorar.*

*Poucas vezes fui visital-o. E como êle me recebia triste! Zangava-se comigo porque eu andava sumido. Não aparecia pra jogar o xadrez... Eu me desculpava como podia. A distancia. As*

“Feliz quem como eu tem forças para na amargura alegrar-se com a alegria alheia.”

“Durante a caminhada eu vim pensando na última viagem que fizemos juntos. O meu companheiro estava alegre. Alegria sem barulho que se demorava um tempão a perceber nêle. Continuava sorrindo nas mãos da leitura.”

*minhas ocupações... Mas não era nada disso não, Ascanio, que fazia andar sumido. Era a dôr que eu sentia vendo Você magro, ardendo em febre, deitado na sua cama branquinha como a sua alma bôa, sem poder vir comigo pra cidade, pra passear. Eu imaginava, Ascânio, que Você, intimamente, devia sofrer muito quando nós, os seus companheiros, íamos à sua casa visitá-lo. Depois que nós saíamos o seu pensamento vinha conosco e com Você ficava uma tristeza grande, não era assim, Ascanio? Era assim que eu pensava, e não podia deixar de ser assim. Era assim mesmo porque Você gostava muito de nós. Um dia sua maesinha (que boa que ela é!) reparou a minha ausência e me censurou. E você me defendeu, não foi, Ascânio? Ela mesma foi quem me contou. E eu sei que a sua defesa foi sincera, porque Você nunca deixou de ser sincero e bom. E como eu agradeço a sua bondade, meu amigo, meu bom amigo, meu grande amigo.*

### Alegria sem barulho

Outro, seu amigo de infância e também fundador da *Revista Verde*, Guilhermino César declarou:

*Durante a caminhada eu vim pensando na última viagem que fizemos juntos. O meu companheiro estava alegre. Alegria sem barulho que se demorava um tempão a perceber nêle. Continuava sorrindo nas mãos da leitura.*

*Agora olho pro jornal azaranzado. Precisa-se de tudo. Os pequenos anuncios estão recheiados. E eu quase gritei: careço de um amigo como você, Ascanio, pra viajar, viajar...*

*Este carro deve conhecer muita história triste. Desde os que vieram procurar o clima benigno, como você fez, até os que vieram buscar reservas de serenidade, feição marcante da sua vida. Serenidade nascida em outra terra.*

### Dois poemas de Ascânio

Mas, sem ser necessariamente fúnebre, é sua falta de saúde e a aproximação da morte que mais se fazem presentes em sua poesia. É o que percebemos em

#### AS 7 TROMBETAS MISTERIOSAS

*Aquilo foi apertando meu peito enfermo e meus pobres pulmões carunchados. O ar faltava. De repente, percebi que eu estava diminuindo, diminuindo, até que ficará apenas uma rodilha de dores.*

*O quarto e o leito lavrado desapareceram e eu ficára imóvel no ar, onde ia adormecer para sempre. Subito soaram sete trombetas a arrebentarem meus ouvidos com o seu clangor misterioso. Olhei para o alto e sete bruxas de mãos dadas brincavam uma ciranda infernal. E do meio da roda foi crescendo, terrivelmente, um esqueleto branco, todo branco. As bruxas asquerosas desligaram as mãos findando a ciranda e então vi perfeitamente que o esqueleto era a Morte. E ela vinha vindo de foice como nas gravuras, lentamente para mim. A minha alma ficou pequenina. Gritei covardemente:*

*Não! Não quero morrer! Não posso morrer! Tenho ainda muita coisa a escrever!*

*As bruxas riram grotescamente e uma delas sentenciou alvarmente: a gloria é ilusão!*

*Eu ainda não vi a vida, covardes! Gritei.*

*Mas a Morte inexorável já me alcançara. E as bruxas rodeavam-me. Seus braços viscosos e nojentos ansiavam tocar-me.*

*Mas a foice do esqueleto já ia dar-me o golpe.*

*Não! Não me leves! Eu não posso deixá-la!*

*E gritei o nome do meu amor. Imediatamente uma mão branca que eu conhecia bem afugentou as bruxas que foram praguejando horrivelmente. A morte sumiu-se. Acordei tremendo. Alguem enxugava o suor frio da minha testa.*

*E perguntou-me:*

*– V. estava sonhando comigo, meu amôr?*

Certamente, o poema mais pungente, mais doloroso, confessional e resignado com a morte que a cada dia mais se avizinhava é Sanatório. Na Faculdade de Direito da UFMG, há uma parede com algumas poesias de ex-alunos. Sanatório está nessa parede em destaque:

#### SANATÓRIO

*Logo, quando os corredores ficarem vazios,  
e todo o Sanatório adormecer,  
a febre dos tísicos entrará no meu quarto  
trazida de manso pela mão da noite.*

*Então minha testa começará a arder,  
todo meu corpo magro sofrerá.  
E eu rolarei ansioso no leito  
com o peito opresso e de garganta seca.*

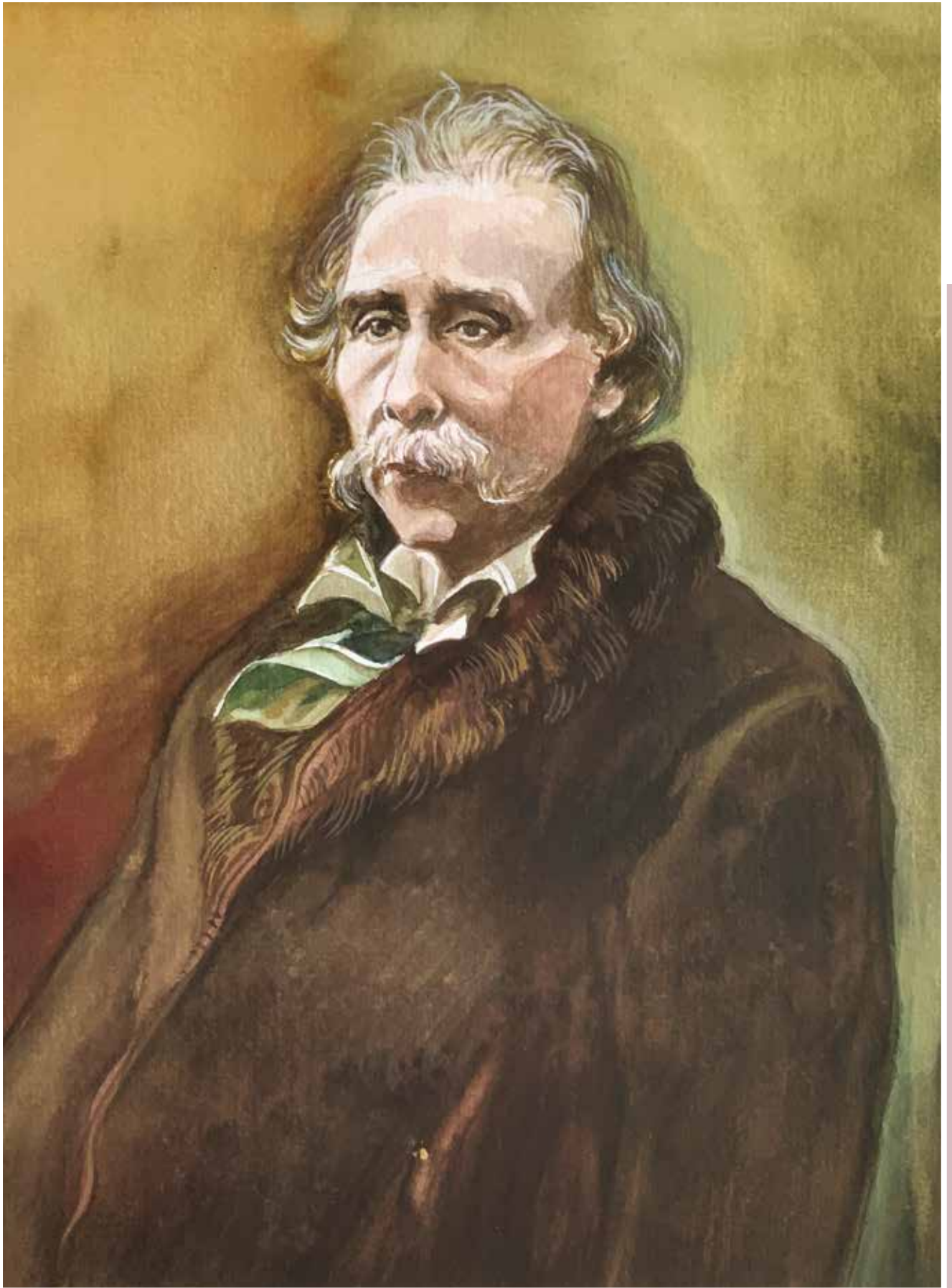
*Lá fóra haverá um vento máo  
E as arvores sacudidas darão medo.  
Ah! os meus olhos brilharão, procurando  
a Morte que quer entrar no meu quarto.*

*Os meus olhos brilharão como os da féra  
que defende a entrada de seu fôjo.*

Devo concluir este pequeno ensaio com a mesma pergunta que fiz no início, afinal, o que é que Ascânio Lopes tinha? Não é justo que jovens nos deixem antes de percorrer o caminho, antes de pelo menos tentarem realizar seus sonhos. Ascânio Lopes não viveu tempo suficiente para nos revelar o que é que tinha e, portanto, não nos foi permitido responder a essa indagação, o que não nos impede de perguntar novamente: “o que é que Ascânio Lopes tinha?”<sup>5</sup>

“Não é justo que jovens nos deixem antes de percorrer o caminho, antes de pelo menos tentarem realizar seus sonhos.”

<sup>5</sup> As transcrições referentes a Ascânio Lopes estão na *Revista Verde* n. 1, ano 1, segunda fase, 1929.



# Camilo Castelo Branco

## Polêmico na vida e na obra, previu o próprio suicídio

**Gutemberg da Mota e Silva**  
Desembargador do TjMG, aposentado

**E**u inclinava o peito crivado de dores  
sobre uma banca para ganhar,  
escrevendo e tressuando [suando] sangue  
para o sustento de uma família.

A luz dos meus olhos bruxuleava  
já nas vascas (na agonia) da cegueira.  
E eu escrevia, escrevia sempre.

Camilo Castelo Branco

Fecundo e polêmico escritor português, considerado o *Primeiro Romancista da Península* [Ibérica], autor de vastíssima obra literária, em que se destacam *Amor de perdição*, sua obra-prima, escrita na cadeia, *Amor de salvação* e outros romances, o romancista, poeta, tradutor, crítico literário e jornalista Camilo Castelo Branco (1825-1890) foi processado, preso e julgado por adultério, juntamente com a amante, a escritora portuguesa Ana Augusta Vieira Plácido, casada, poetisa, romancista, tradutora, feminista. O casal foi absolvido, mas, vencido por sua progressiva cegueira, *diplopia* (visão dupla), Camilo cometeu, em 1º de junho de 1890, o há muito anunciado suicídio, disparando um tiro na cabeça, vindo a falecer menos de duas horas depois.

Sentado numa cadeira de balanço na casa da Quinta de São Miguel de Seide [antes se grafava Ceide], município de Vila Nova de Famalicão, freguesia do concelho de Braga, a cerca de 50 quilômetros do Porto, no Norte de Portugal, Camilo aguardava alvoroçado a chegada do oftalmologista de Aveiro que o atenderia naquele domingo, sua última esperança de cura, mas, depois de examiná-lo detidamente, o profissional sugeriu apenas a mudança de ares e as águas do parque nacional Gerês.

No *Roteiro dramático dum profissional das letras*, Alexandre Cabral assinalou: “Camilo compreendeu a inexorabilidade da sentença na compaixão da mentira. O Dr. Edmundo [de Magalhães] Machado despediu-se e saiu, até à porta acompanhado de Ana Plácido” [sua terceira e última mulher]. “Calmo e decidido, Camilo sacou do revólver, em seu poder há vários anos, e disparou contra o parietal direito. Dizem que, com o desespero de falhar, segurou a arma com a mão esquerda, ficando com ela chamuscada. Eram três horas e um quarto da tarde. A agonia prolongou-se até as 17 horas.”

O fim da vida de Camilo – 65 anos, contemporâneo de outros eruditos escritores portugueses, como Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho e Eça de Queiroz – é relatado no *Roteiro* por Alexandre Cabral, historiador, escritor, romancista, jornalista, tradutor, então membro do Conselho Consultivo do Centro de Estudos Camilianos, de Famalicão. Um dos mais respeitados biógrafos de Camilo, Cabral dedicou décadas quase exclusivamente ao estudo da sua obra, afirma Hugo Pinto ao apresentar *Contos e novelas - Toda a ficção curta* de Camilo Castelo Branco.

### Um triste e desesperado documento

O padre Benjamim Salgado, então guardião da Casa de Seide, em *Camilo, notas, datas e comentários*, afirmou que “os males de Camilo se agravam mais e mais, começando a obsidiá-lo a ideia da morte como termo lógico de uma vida tornada insuportável”, estando a derrota moral bem expressa “neste triste e desesperado documento”, de 22 de novembro de 1886:

“Os incuráveis padecimentos que se vão complicando todos os dias, levam-me ao suicídio, único remédio que lhes posso dar. Rodeado de infelicidades de espécie moral, sendo a primeira a insânia de meu filho Jorge e a segunda os desatinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações da família. A mãe destes dois desgraçados não promete longa vida; e se eu pudesse arrastar a minha existência até ver Ana Plácido morta, infalivelmente me suicidaria. Não deixarei cair sobre mim essa enorme desventura – a maior, incompreensível à minha grande compreensão da desgraça. Esta deliberação de suicidar vem de longe como um pressentimento. Previ, desde 30 anos, este fim. Receio que chegado o supremo momento, não tenha a firmeza de espírito para traçar estas linhas. Antecipo-me à hora final. Quem puder ter a dimensão das minhas dores, não me lastime. A minha vida foi tão extraordinariamente infeliz que não poderia acabar como a da maioria dos desgraçados. Quando se ler este papel, eu estarei gozando a primeira hora de repouso[...]. Não deixo nada; deixo um exemplo. Este abismo a que me atirei é o término da vereda viciosa por onde as fatalidades me encaminham. Seja bom e virtuoso quem o puder ser.”

Algum tempo depois da morte de Camilo, o jornal *O Leme* publicou o seguinte poema dele, liberado por Ana, com apelo aos filhos e à mulher:

*Chega a morte. Vejo-a, sinto-a.  
A luz dos olhos se apaga...  
Vem meu filho, abraça e beija  
De teu pai a face fria.  
Limpa-lhe o rosto orvalhado,  
Não de pranto, que eu não choro,  
Mas do suor da agonia.  
Não me fujas filho; imprime  
na tua alma esta imagem.  
Daqui a pouco à voragem  
Resvalou teu pobre pai.  
Vem também santa das dores,  
Receber o extremo ai!  
Não me vás levar flores  
À sepultura, não vás.  
Leva-me os filhos felizes,  
Leva-os contigo e verás  
Que me aquece a luz da vida  
Na sepultura esquecida,  
Onde enfim hei de ter paz!*

### **“Amo de preferência o sossego do túmulo”**

O tema (morte) é recorrente em seus escritos. No romance *Amor de salvação* assim se refere à sua residência, a Casa Amarela: “*A casa onde vivo rodeiam-na pinhais gementes que sob qualquer lufada, desferem suas harpas. Este incessante ruído é a linguagem da noite que me fala: parece-me que é voz de além-mundo, um como burburinho que referve longe às portas da eternidade. Se eu não amasse de preferência o sossego do túmulo, amaria o rumor destas árvores, o murmúrio do córrego onde vou cada tarde ver a folhinha seca derivar na onda líquida; amaria o pobre presbitério, que há trezentos anos acolhe em seu seio de pedra bruta as gerações pacíficas, ditosas e incultas destes selvagens que tão iluminadamente amaram e serviram o seu Criador. Amaria tudo, mas amo muito mais a morte.*”

O episódio foi o maior dos infortúnios de Camilo nos 26 anos em que conviveu com Ana Plácido, a “mulher fatal”, na Casa Amarela da Quinta, hoje transformada na Casa-Museu Camilo Castelo Branco. Ela reproduz o ambiente da casa residencial, os milhares de livros que escaparam aos dois leilões de renda destinada à manutenção da família. Vê-se, entre os móveis, a emblemática cadeira de balanço, ocupando o mesmo lugar daquele dia, entre uma janela lateral e sua escrivaninha, no centro da sala.

Dentre os infortúnios podem ser apontados o acidente ferroviário de que foi vítima em 11 de outubro de 1878 (o descarrilamento do comboio Famalicão-Porto, deixando-o ferido), a loucura de um dos filhos, o comportamento extravagante de outro, o falecimento precoce do filho dileto, os dois espancamentos sofridos a mando de autoridades a quem criticara na imprensa.

No prefácio de *Roteiro*, o autor observou que em nenhum domínio da literatura Camilo deixou de se exercitar: “*Cultivou a poesia, a história, o teatro, a epistolografia, a polêmica e o jornalismo. Na imprensa periódica, que foi onde começou uma carreira que em pouco tempo ganharia fulgurâncias de primeira grandeza, desempenhou todos os cargos, de correspondente a diretor, de repórter anônimo a redator principal e muitas vezes único, com direito a figurar nos cabeçalhos dos jornais que fundou e dirigiu.*”

### **Independência, casos amorosos, vida conturbada**

Camilo teve uma vida bastante conturbada, assinala Paulo Neves da Silva, organizador do póstumo *Citações e pensamentos de Camilo Castelo Branco* (2012), “*em grande parte devido (sic) aos seus casos amorosos e, também, à independência que sempre fez questão de ter em relação a políticas e ideologias, o que lhe granjeou muitos inimigos[...]*”.

Paulo Neves da Silva continua: “*Sendo uma pessoa de nervos à flor da pele, e bafejado por uma escrita e retórica sem par, Camilo era conhecido como ‘marreta de ferro’, na forma como esmagava qualquer adversário que lhe tentasse fazer frente. Ainda que o seu objetivo de vida fosse dedicar-se o mais possível à escrita, tentou por várias vezes arranjar um emprego regular que lhe permitisse algum desfogo financeiro, sempre sem sucesso, vítima dos rancores das pessoas influentes que tinha atacado e esmagado sem dó nem piedade.*”

### “Escreveu para viver, ou viveu para escrever”.

“Autor de uma obra colossal de mais de cento e trinta títulos – observou Alexandre Cabral –, além das suas participações na imprensa e da sua vasta correspondência, visceral e impulsivo, retratador acutilante e eloquente dos costumes da sociedade e dos meandros da alma, polemista devastador sem adversários à altura, Camilo viveu também os seus amores ao extremo, ao ponto de ter sido preso por duas vezes em virtude da loucura e insensatez dos seus envoltimentos amorosos”.

Prefaciando *Roteiro*, Manuel Simões, então diretor da Casa de Camilo, afirmou: “O suicídio aparece sobretudo na correspondência como temido e inevitável. O fim da sua carreira de escritor explica em Camilo este desânimo vital, já que ele ‘escreveu para viver, ou viveu para escrever’”.

### Ana Plácido, a companheira feminista

Desde quando encarcerados, **Ana Plácido** ajudou a Camilo em alguns textos, como traduções. Foi a administradora da herança do falecido marido, Manuel Pinheiro Alves. Dedicou-se à literatura. Feminista, escreveu na imprensa – portuguesa e brasileira – usando pseudônimos masculinos, como Gastão Vidal de Negreiros e Lopo de Souza. Publicou os romances *Luz coada por ferros* e *Herança de lágrimas*.

Mas, “enquanto Camilo devaneia pelo Porto, ou simplesmente pelos arredores de Seide, quando não se encontra à banca, na lufa-lufa da criação romanesca, que faz Ana Plácido?” – pergunta-se Alexandre Cabral, para responder: “Ela que se perdera (ou reencontrara!) por causa de suas inclinações literárias (escreveu, traduziu e ajudou o companheiro nas esgotantes pesquisas e recolhas de elementos), acabaria por abandonar o cultivo das letras e dedicar-se em exclusivo aos afazeres domésticos, que eram bastantes e variados”.

A importância de Ana Plácido na vida intelectual portuguesa foi mais uma vez reconhecida em março de 2023, quando, para assinalar o mês do Dia da Mulher, o Centro de Estudos Camilianos dedicou o seminário *Mulheres com Norte “a três figuras nortenhas: Ana Plácido, Carolina Michaelis e Sofia de Mello Breyner, mulheres que se nortearam aqui por valores e ideais, para lutarem por uma maior justiça do papel da mulher na sociedade portuguesa”*.

### Três filhos homens, loucura e problemas

Camilo teve com Ana Plácido três filhos homens – Jorge Camilo, Nuno Plácido e Manuel Augusto Plácido; e teve também uma filha, Bernardina Amélia, fruto de sua união com Patrícia Emília de Barros, nascida em 1845, em Vila Real.

Segundo o biógrafo Alexandre Cabral, Manuel, Jorge e Nuno “cresceram e começaram a manifestar tendências inquietantes: negligência pelos estudos, vagabundagem, marialvismo, enfim, mau caráter”. O próprio Camilo, em 1867, no estilo galhofeiro que lhe era peculiar, “implora à Providência que faça bem brutos” os filhos.

Manuel Plácido, o mais velho dos três irmãos, foi reconhecido como filho por Manuel Pinheiro Alves, “pois nascido na



“A vida é uma teia intrincada em que cada ser se relaciona com muitíssimos outros, numa coexistência de complementaridade e interdependência.”

“Estivera em Lisboa, Coimbra, Porto e observara cada pormenor do viver da província; possuía uma experiência amorosa que incluía no ativo, efetivamente, um casamento frustrado e uma mancebia relativamente prolongada.”

constância do seu casamento com Ana, mas não se duvidou de que, na verdade, tratava-se de filho biológico de Camilo[...]”, diz o biógrafo. Ele “revelou-se batoteiro, estroina-vergas e marialva que era o ferrete da descendência camiliana”.

Emigrou para Angola, na companhia do morgado de Pereira, em 1873, [...] quando “contava 15 anos de idade e, mais do que o espírito de aventura e a cupidez de enriquecer, deve ter pesado na extravagante decisão (era herdeiro de apreciáveis bens) o fato de ter sido informado [...] das circunstâncias irregulares do seu nascimento”. Regressado ao continente, e já noivo, faleceu em 17 de setembro de 1877, com 19 anos, devido a uma pneumonia, conforme o relato.

Quando Jorge tinha cinco anos, sua mãe já intuía sua ‘loucura’, pelos muitos desatinos que cometia. Sobre ele, Camilo escreveu: “O meu filho Jorge, um rapaz que eu adorava, endoideceu. Tem 17 anos.” Jorge se julgava sequestrado. Isolou-se num hotel de Famalicão e também chegou a viver numa casita de colmos nos fundos da casa da Quinta. Camilo o tinha como o “filho do coração”. Morreu com 19 anos.

Nuno, assim como Manuel, era considerado um “estroina-vergas” (indivíduo rixoso, valdevinos, doidivasas - *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora), tendo atormentado muito a vida dos pais. Camilo lhe arranhou o título de barão de São Miguel. Nuno se serviu dele, mas, achando-o ridículo, pleiteou o de visconde, mais pomposo, sendo atendido.

Para que determinada moça dotada de bens aceitasse o filho num casamento de conveniência [comum nos anos oitocentos], Camilo chegou a lhe escrever como se se tratasse de Nuno, que se limitava a assinar os escritos do pai. Segundo Alexandre Cabral, em *Camilo em São Miguel de Seide*, o autor, Veloso de Araújo, escreveu: “Viscondizado, continuou com os seus desregramentos e libertinagens. Os pátios de Seide enchiam-se de carros, cavalos, amigos e meretrizes”.

Camilo buscou permanentemente garantir o futuro dos filhos, mas só o obteve em 1885, após intensa operosidade de quarenta anos e quinze anos de luta pela nobilitação.

### Um operário das letras

Conta Alexandre Cabral que quando, nos finais de 1848, desaguou no Porto, para conquistá-lo literariamente, cativando os jovens literatos economicamente poderosos, os chamados “leões”, Camilo “era um homem adulto com uma bagagem vivencial invulgar. Com efeito, conhecia o mundo e os homens”. Estivera em Lisboa, Coimbra, Porto e observara cada pormenor do viver da província; possuía uma experiência amorosa que incluía no ativo, efetivamente, um casamento frustrado e uma mancebia relativamente prolongada [...] iniciara os preparatórios de uma carreira de estudos superiores; estivera preso por razões de amor” e, para culminar a fama de estroina e marialva [mulherengo, conquistador], era já o autor de uns livros de versos, de uma peça de teatro e de umas quantas colaborações na imprensa [...]. Contava apenas 23 anos de idade, mas uma determinação férrea de conquistar um lugar ao sol, se possível sem um horário fixo. Mal suspeitaria, talvez [...], que para fugir à sujeição do emprego estável se entregaria de pés e mãos amarrados a uma profissão que ele próprio ia criar com o seu exemplo pela primeira vez no país: a de operário das letras”.

Camilo sempre se negou a escrever de graça, dizendo que trabalhava por dinheiro, não pela glória literária. Quando em maior aperto, intensificava seus pedidos de emprego estável. Sugeriu o posto de “escritor público”, o que não existia em Portugal. Servia para tanto o nobilitante cargo de visconde. No final da vida, após luta de quinze anos e operosidade de quarenta, foi nomeado Visconde de Correia Botelho, em junho de 1885. Queixava-se de que seu país nunca retribuía o bem que lhe propiciara sua produção literária, o que o levou, desde novo, acentua Alexandre Cabral, a *“encarar nos seus escritos o suicídio como única porta de saída para os desesperados na sua situação. E seria de fato a saída escolhida”*.

### Do convento para a casa do amante, com o filho

Ana Plácido rompeu com o esposo em 1859 e abandonou o lar, recolhendo-se ao Convento da Conceição, em Braga, mas, cerca de um mês depois, voltou para Camilo, levando consigo o filho que tivera com ele. O próprio Camilo desabafou a fiel e dedicado confidente, dizendo-lhe que, por mais de uma vez, estivera a pique de ser apanhado em flagrante pelo marido.

Sua fuga da casa do marido, diz o biógrafo, veio agravar uma situação econômica *“já bastante deficitária. E é a partir dessa altura, ou um pouco antes, mas na antevisão do passo que iria ser dado, que começou o triste fadário de esmolar um lugar, mesmo de caráter político”* (Contributos para a biografia de Camilo).

O processo a que respondiam os amantes apresentava sérios riscos. Camilo, conhecedor do rigor da lei [deportação dos adúlteros para a África, quando o crime fosse comprovado pelo flagrante delito ou provas escritas], *“anda foragido por várias localidades do País, não só para iludir a vigilância dos esbirros policiais, mas também para escapar do marido atraído”*.

### Prisão dos amantes na mesma cadeia

O processo-crime, fundado na alegação de adultério, foi requerido em 1859 por Manuel Pinheiro Alves. Pronunciada em 26 de março de 1860, sem direito a fiança, Ana foi presa no Porto, entrando na cadeia da Relação em 6 de junho. Camilo, pronunciado em 5 de maio, também não teria direito a fiança. Ele *“vagabundeia, fugindo à justiça, até que, em 1º de outubro, se entrega voluntariamente à prisão, na mesma cadeia”*, diz o Padre Benjamim.

A correspondência entre os amantes não se interrompeu mesmo quando era procurado pela polícia, cruzando as cartas dos lugares onde em curtos espaços de tempo Camilo se refugiava e a Cadeia da Relação, *“onde Ana está presa com o filhinho de ambos”*. Tais cartas foram destruídas de imediato, pois provariam o presumido delito. Salvaram-se apenas os telegramas, dados mais recentemente à publicidade na íntegra pela primeira vez, denominada pelo casal de Via dolorosa.

E, quando da pronúncia, fingindo destemor, e em tom poético, assim Camilo conclui o relato de sua prisão: *“Terminado o prazo das tréguas, que os aguazis [oficiais de diligências] me concederam magnanimamente, fui ao tribunal do crime, pedi um mandado de prisão, mediante o qual obtive do carcereiro licença de recolher-me a uma das masmorras altas da Relação”*.

“Queixava-se de que seu país nunca retribuía o bem que lhe propiciara sua produção literária.”

*Era o primeiro dia de outubro de 1860. O céu estava azul como nos meses estivos. O sol parecia vestido das suas galas de abril, a bafagem sul vinha ainda aquecida das últimas lufadas do outono; que formoso céu e sol; que suave respirar eu sentia quando apeei da carruagem à porta da cadeia"! Mas, despertado, às cinco horas da manhã seguinte, pelo estrépito dos ferrolhos de muitas portas e também das suas, que se abriam", registrou: "O primeiro acordar na cadeia é muito triste".*

### **"Logo que de todo cegue, suicido-me".**

Assinala o biógrafo que *"o espectro do futuro, especialmente nos períodos de depressão, mortificava-o cruelmente. É certo que em nossa opinião e contra a corrente comum, o romancista nunca se defrontou com a miséria. [...] Suas dificuldades econômicas [...] nunca chegaram a confinar com a pobreza [...]. Às sombrias perspectivas econômicas do porvir, há que acrescentar o fantasma aterrador da doença.*

*A partir da segunda detenção na Cadeia da Relação do Porto (1860-1861), "agravaram-se os padecimentos físicos do romancista, os ameaços de cegueira, de que sempre se queixou" [...] Temendo-a, escreveu em carta a amigo que "pediria a Deus, se Ele existisse, que o deixasse acabar sem a antecipação das trevas" e, noutra: "Logo que de todo cegue, suicido-me".*

### **O pai de Eça de Queiroz atuou no julgamento**

O romancista Eça de Queiroz teve seu nome ligado ao processo de Camilo porque seu pai, Dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, participou como juiz do julgamento do célebre caso de adultério feminino do Portugal oitocentista. Primeiramente alegou suspeição, por ser amigo dos querelados. O Tribunal a indeferiu. Voltando os autos, assim votou:

**"Camilo foi o primeiro homem de letras que em Portugal se atreveu a fazer da arte da escrita uma profissão."**

*"Julgo a querelada, D. Ana Augusta Plácido, casada com o querelante Manuel Pinheiro Alves, indiciada como autora do crime de adultério punido pelo art. 401 do Código Penal. Passem-se as ordens de captura, sem admissão de fiança".*

O juiz considerou Camilo inocente, por falta de provas, afirmando que, não tendo aparecido no processo prova de flagrante delito, ele não podia ser pronunciado. Camilo, que recebera do Dr. Queiroz seus conselhos jurídicos, ficar-lhe-ia eternamente grato, evocando amiúde o seu nome, com amistosos encômios, como "o boníssimo Queiroz".

Finalizando o julgamento, o Tribunal da Relação absolveu os réus. A sentença – absolvição do crime de adultério – seria lida, em 16 de outubro de 1861, no tribunal do Porto. Nessa altura, o Dr. Teixeira de Queiroz já não estava na cidade, pois fora transferido para a comarca de Vila Franca de Xira.

Dois anos depois da absolvição, Manuel Pinheiro Alves faleceu. Manuel Plácido, seu suposto filho, entre outros bens, herdou a casa de São Miguel de Seide, em Famalicão. "Na verdade, porém, salienta Alexandre, "o responsável do tardio milagre de concepção foi o romancista, sem qualquer dúvida. Logo de seguida, rebenta o escândalo do abandono do lar conjugal por Ana, que, ao procurar refúgio junto a Camilo, leva obviamente consigo o filho de ambos".

### **Monumento literário de proporções gigantescas**

Alexandre acentua que Camilo legou a seu país *"um monumento literário de proporções gigantescas, um repositório inesgotável de informações preciosas sobre a sociedade portuguesa da centúria oitocentista".*

O historiador António de Feliciano de Castilho, em carta a Camilo, profetizou: *"Que infinita colheita tenho feito para o Dicionário português nestes seus últimos livros. Se se perdessem todos os nossos clássicos, ficando só as obras de V. Exa., a vernalidade nada tinha perdido."* [Roteiro].

*"Camilo foi o primeiro homem de letras que em Portugal se atreveu a fazer da arte da escrita uma profissão – e profissão exclusiva, sem recurso a uma outra atividade subsidiária de mais segura e estável remuneração. Não fez outra coisa na vida que não fosse escrever, e matou-se quando a cegueira o defraudou de único lenitivo que encontrou para as vicissitudes da tormentosa existência: o trabalho literário".*

Alexandre ressalta que Camilo praticou *"o espantoso ou a insensata loucura, de romper com admirável coragem, com uma tradição, de raízes fundas, em que o escritor se via obrigado a sobreviver dos grandes senhores ou tinha de se socorrer dos rendimentos de outras profissões."* A esta regra não escapou nenhuma das grandes figuras do passado [...], que *"tinham de esmolar, a troco de um soneto "desde a camisa à vianda para saciar a fome".*

### **Corpo chega ao Porto num fourgon de mercadorias**

Quanto ao destino dos seus despojos, Camilo cogitara deixar seu corpo insepulto ou atirado no rio, mas se fixou no cemitério da Lapa, na Real Capela, no Porto, e foi atendido.

O féretro saiu de São Miguel de Seide na tarde de 3 de março de 1890, *"chegando ao Porto num fourgon de mercadorias, sem tochas, nem pano negro, nem cortejo na gare, nessa horrível manhã de névoa portuense"*, relata Alexandre Cabral, afirmando ainda que não compareceu *"nenhum escritor ou artista"*.

# Casa Amarela

A Casa Amarela, em 1864 ocupada por Camilo e família, foi mandada construir por Manuel Pinheiro Alves. Com a atuação do padre Benjamim, quando do seu guardião, pôde-se salvar da ruína a casa em que ele vivera e penara até a tarde fatal de 1º de junho de 1890. Os baixos do edifício foram transformados numa “funcional galeria de exposições que tem permitido até hoje trazer à vista regular do público algumas peças fundamentais da bibliografia, iconografia e história camilianas,” afirmou Aníbal Pinto de Castro em prefácio de Camilo em datas.

Um grande incêndio devastou a casa em 1915. Em 15 de outubro de 1922 inaugurou-se provisoriamente o museu camiliano. No final dos anos 1940, durante obras de beneficiamento, parte da casa ruiu, tendo sido reconstruída de forma tão próxima quanto possível da em que Camilo habitara. Em 18 de junho de 1958, a atual Casa-Museu Camilo Castelo Branco foi inaugurada. Vinte anos depois, recebeu novos melhoramentos. Em 1994 e 2021 realizaram-se significativas obras de conservação.

Quando, em 19 de julho de 2023, entrei na freguesia de São Miguel de Seide, município de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, distante uns cinquenta quilômetros do Porto, chamou-me a atenção, por suas dimensões e a vivacidade de sua cor Amarela, a casa de campo da Quinta onde Camilo Castelo Branco morou com sua então amante, Ana Plácido, pertencente, por herança a Manuel Plácido, filho legítimo dela e de Manuel Vieira, embora ninguém duvidasse de que seu pai verdadeiro era o escritor.

Quem a mandou construir, por volta de 1830, foi Pinheiro Alves, ao retornar do Brasil com a fortuna aumentada. Pinheiro faleceu em 1863, ano em que Camilo e Ana ocuparam a casa, nela vivendo até o falecimento - de Camilo em 1890, o de Ana em 1895.

Mas, no Parlamento, foi diferente: Na sessão do dia 2, Alberto Pimentel, amigo íntimo dele, propôs que ficasse registrado na ata “voto de profundo sentimento pela morte do eminente escritor, visconde de Correia de Botelho, Camilo Castelo Branco, glória da literatura nacional”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

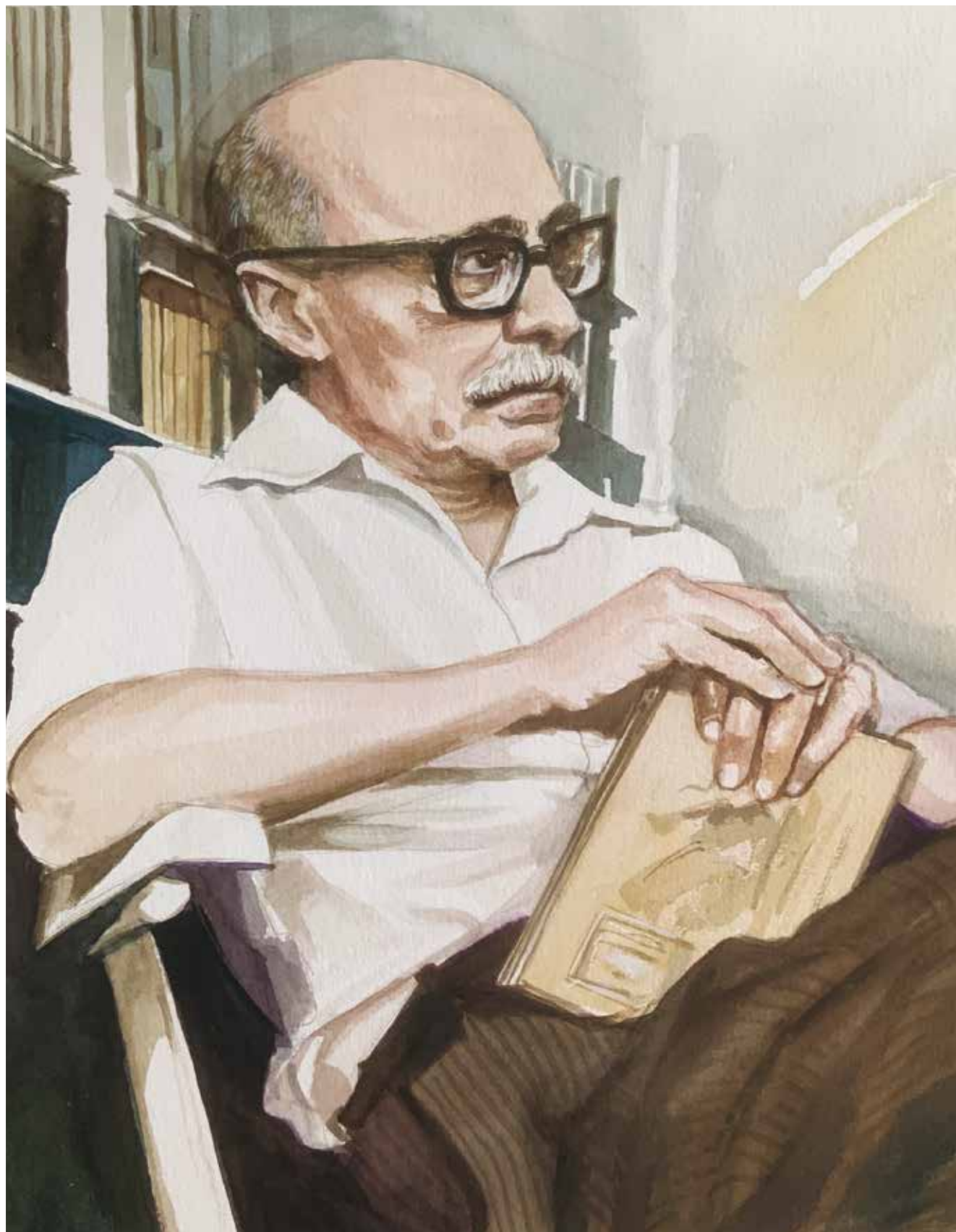
### Obras de Camilo Castelo Branco:

- *Memórias do cárcere*, v. I, 2ª. tiragem. Porto: Porto Editora, 2ª. ed., novembro de 2004;
- *Contos e novelas. Toda a ficção curta de Camilo Castelo Branco*, v. I, 2ª. tir. Org., Intro. e notas de Hugo Pinto Santos. São Paulo: E-Primatur, 2019;
- *Amor de perdição (Memórias duma família)*. São Paulo: Livraria Trio Editora, 1968;
- *Amor de perdição (Memórias duma família)*. Porto. Porto Editora, 1ª ed.: janeiro de 2016; reimpressão, agosto de 2020;
- *Amor de salvação*. Porto. Book Cover Editora, 1ª. ed., Eidal, 1ª. ed.: abril de 2022;
- *Citações e pensamentos de Camilo Castelo Branco*. Org.: Paulo Neves da Silva. Porto: Casa das Letras, 1ª. ed. outubro, 2012;

### Outras:

- *Roteiro dramático dum profissional das letras*. Alexandre Cabral. Famalicão: Editora Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (Centro de Estudos Camilianos) Estudos Camilianos – 1), 3ª. ed.: outubro, 1995
- *Contributos para a biografia de Camilo*. Alexandre Cabral. Famalicão. Editora Câmara Municipal de V.N. de Famalicão (Centro de Estudos Camilianos, 6), fevereiro, 1997;
- *Camilo em datas, fatos e comentários*. Benjamim Salgado. 2ª. ed. revista. Prefácio de Aníbal Pinto de Castro. Famalicão. Editora: Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão, 2012;
- *Eça de Queiroz. Uma biografia*. A. Campos Matos, 1ª. ed., Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 2014;
- *Eça – Vida e obra de José Maria Eça de Queiroz*. Maria Filomena Mónica. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.





# Ernesto Sabato: entre a ciência e a literatura

Rogério Medeiros Garcia de Lima

Desembargador do TJMG

**C**reio que a verdade é perfeita para a matemática, a química, a filosofia, mas não para a vida. Na vida contam mais a ilusão, a imaginação, o desejo e a esperança.

Ernesto Sabato

Este artigo narra resumidamente a vida e obra do notável argentino Ernesto Sabato (1911-2011). Era doutor em Física e se tornou escritor. Ex-militante do Partido Comunista no seu país, posteriormente foi ardoroso defensor dos direitos humanos.

## Pais imigrantes italianos

No final do século 19, Francesco Sabato e Juana María Ferrari, pais de Ernesto Sabato, emigraram da Calábria (Itália) para a Argentina. Naquela época, incontáveis camponeses italianos aportavam no Rio da Prata. Buscavam trabalho, para sobreviver e amparar economicamente familiares residentes no país de origem. Francesco viajou no barco *Italie*, como passageiro de terceira classe.

Ao ser cruzado, o Estreito de Gibraltar demarcava o fim do universo conhecido. Para os que deixavam a Europa, o grande penhasco parecia sinalizar a entrada em outro mundo.

Julia Constenla, biógrafa de Ernesto Sabato, assinalou:

*Mais além, enfrentariam semanas no oceano, antes de desembarcar. No infinito do horizonte, aguardavam-nos as promessas e oportunidades do desconhecido Novo Mundo.*

*Alguns filhos de imigrantes, entre eles Ernesto Sabato, obtiveram descrições comovedoras sobre o desamparo e a solidão daquelas partidas. Levam-nos a imaginar o sofrimento que infligia a certeza de que a despedida era para sempre, sem regresso possível às alegrias e dores que construíram suas vidas.*

*O gesto desconsolado do filho, que aparece pela última vez diante dos olhos dos pais.*

*Gente humilde que se dispunha a ir ao encontro de pássaros desconhecidos, de palavras sem sentido (outro idioma), de uma história que era somente uma página em branco, sobre a qual haveriam de aprender a escrever.*

*Há uma frase pitoresca, atribuída a dois escritores latino-americanos: os mexicanos descendem dos astecas, os peruanos dos incas e os argentinos dos barcos.<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> CONSTENLA, Julia. Sabato, el hombre. *La biografía definitiva*, p. 69-71; tradução livre.

## Tango, o pensamento que se dança

Em poucas décadas, milhares de imigrantes chegaram à Argentina. Contudo, ninguém poderia viver sem pátria, sem a terra onde se fixar e amar. Os imigrantes necessitavam urgentemente de uma para abraçar.

Naquele crepúsculo do século 19, chegaram àquelas praias barrentas multidões de seres corroídos pela miséria das aldeias italianas, espanholas, polacas, russas e libanesas. Vinham alentados pela esperança. A maioria encontrou outro tipo de pobreza, porém ofuscada pela saudade. Deixaram mães, noivas ou irmãos na pátria de origem.

*Como não iria nascer o tango de toda essa melancolia?* – questiona Julia Constenla.

Ernesto Sabato escreveria em *Tango, canción de Buenos Aires* (1962):

*Os milhares de imigrantes, que aportaram neste país em menos de cem anos, não somente engendraram esses dois atributos do argentino, que são o ressentimento e a tristeza, mas também prepararam o advento do fenômeno mais original do Prata: o tango. Esta dança foi sucessivamente reprovada, exaltada, satirizada e analisada.*

*Todavía, Enrique Santos Discépolo, seu maior criador, elaborou a definição, para mim, mais cativante e exata: 'É um pensamento triste que se dança.'<sup>2</sup>*

## Criação severa

Ernesto Sabato nasceu em Rojas, província de Buenos Aires, no dia 24 de junho de 1911. Era o décimo dos onze filhos do casal de imigrantes italianos Francesco Sabato e Juana María Ferrari. Os pais trabalharam duramente para garantir o sustento da família.

Francesco não batia nos filhos; mas Juana María, às vezes, era muito severa. Ernesto apontava os valores que recebeu dos genitores:

*Respeito pelo outro, sentido do dever e coerência com a própria moral. Foi criado com severidade. Saber que é de rigor cumprir a palavra empenhada e trabalhar seriamente, seja qual for a vocação de cada um. E isto serve sempre, são regras de vida, condutas para ele insubstituíveis.*

<sup>2</sup> CONSTENLA, Julia, *ob. cit.*, p. 71 e 173; tradução livre.

“Durante o regime de Stálin, os ‘traidores’ que abandonavam ‘a causa’ eram excluídos de um mundo fechado de militância.”

### Físico, matemático e professor

Ernesto Sabato formou-se em Física e Matemática. Frequentou a Universidade Nacional de La Plata entre 1929 e 1936. Concluiu o doutorado em Física em 1937. Coursou pós-doutorado no Laboratório Curie em Paris, em 1938, e no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em 1939.

Sabato descreveu sua estadia em Paris:

*Durante esse tempo de antagonismos, pela manhã me sepultava entre eletrômetros e provetas e anoitecia nos bares, com os delirantes surrealistas. No Dome e no Deux Magots, alcoolizado com aqueles enviados do caos e da transgressão, passávamos horas elaborando cadáveres refinados.<sup>3</sup>*

Retornou à Argentina em 1940. Entre 1940 e 1945, lecionou física teórica na Universidade Nacional de La Plata e em uma faculdade para professores de Buenos Aires.

### Militância política

Ernesto Sabato foi ativo militante do movimento de reforma universitária. Fundou o Grupo *Insurrexit* em 1933, de tendência comunista. Naquele mesmo ano, foi eleito Secretário Geral da Juventude Comunista. Em 1934 viajou a Bruxelas, como delegado do Partido Comunista no *Congresso contra o Fascismo e a Guerra*. Dissentiu de Moscou, abandonou o congresso e viajou para Paris. Quando deixou o partido, foi hostilizado pelos amigos:

*Durante o regime de Stálin, os ‘traidores’ que abandonavam ‘a causa’ eram excluídos de um mundo fechado de militância. Diante de qualquer desvio e sem sequer formalizar confissões forçadas, negava-se-lhes o apoio da estrutura, inclusive nas épocas difíceis de proscricção e perseguição. Os réprobos eram largados à própria sorte, sem poder contar com a ajuda e compreensão dos camaradas, que deviam manter lealdade ao partido, o que incluía a ruptura de todo vínculo pessoal.<sup>4</sup>*

Na década de 1940, Sabato passou a contribuir para a seção literária do jornal *La Nación*. Expressava sua oposição ao governo de Juan Domingo Perón. Por isso, foi afastado dos cargos de professor em 1945.

### Esposa protetora

Após a estadia em Paris, Ernesto regressou a Buenos Aires em 1936. Casou-se com Matilde Martha Kusminsky Richter, nascida em 1916.

A relação conjugal foi muito intensa. Sabato relatava que Matilde salvou alguns dos seus manuscritos da fogueira. Ela assumiu o papel de protetora do marido célebre. E também escrevia: em 1993, publicou um livro de poesias (*Cenizas y plegarias*) e outro de histórias.

<sup>3</sup> CONSTENLA, Julia, *ob. cit.*, p. 107; tradução livre.

<sup>4</sup> CONSTENLA, Julia, *ob. cit.*, p. 31; tradução livre.

Depois de alcançar estabilidade financeira, viveram na ampla e aconchegante casa de Santos Lugares (região metropolitana de Buenos Aires).

Matilde faleceu em 1998, após padecer longa enfermidade.<sup>5</sup>

O casal teve dois filhos: Jorge Federico Sabato (nascido em 1938) e Mario Sabato (nascido em 1945).

Jorge era advogado e cientista político. Atuou na política e foi ministro da Educação e Justiça (1987/89). Faleceu em 1995, em um trágico acidente automobilístico. Mario era renomado cineasta e faleceu em 2023.

### Surge o artista e escritor

Em 1943, Ernesto Sabato passou por uma profunda crise existencial. Constatou os males que a Ciência causava ao mundo. Ela nascera para solucionar problemas da sociedade humana, mas era também responsável pela sua destruição.

Abandonou a Física e passou a se dedicar exclusivamente à literatura e à pintura. “*Escrever e pintar vão me salvando da loucura*” – afirmou.<sup>6</sup>

Foram tempos difíceis. Ernesto recusou emprego em um banco. Fazia “bicos” para sobreviver, sempre sob pseudônimo: traduções, colaborações em jornais e agências de publicidade, venda da *Enciclopédia Britânica* e alguns trabalhos para o cinema.

Matilde ajudava no sustento da família, com o trabalho de encher tubos de pasta de dente.<sup>7</sup>

### Obra literária

A produção literária de Ernesto Sabato é considerada uma “arte de resistência”. No livro *El escritor y sus fantasmas* (1963), ele assinalou o sentido transcendente da literatura: mostrar a crise da nossa civilização e realizar a salvação do homem concreto. É a busca inconsciente de uma nova terra de esperança, uma luz no meio da escuridão e uma terra sólida no meio do dilúvio gigante. Muito foi destruído. Quando a realidade é a destruição, o novelesco só pode ser a construção de alguma nova fé.<sup>8</sup>

Sabato escrevia:

*Ante a vulnerabilidade, ou o fracasso da razão, da política e da ciência, o ser humano oscila no vazio, sem achar onde fincar raízes, nem no céu, nem na terra, enquanto é entupido por uma avalanche de informação que não consegue digerir e que não lhe proporciona alimento algum.*<sup>9</sup>

*Nós e o universo* foi o seu primeiro livro, publicado em 1945. Reúne artigos filosóficos, onde o escritor alerta sobre os perigos da desumanização provocada pelas modernas tecnologias.

<sup>5</sup> About Matilde Martha Kusminsky Richter, disponível em <https://www.geni.com/people/Matilde-Martha-Kusminsky-Richter/6000000001153462874>, acesso em 06.01.2024; tradução livre.

<sup>6</sup> CONSTENLA, Julia, *ob. cit.*, p. 102; tradução livre.

<sup>7</sup> CONSTENLA, Julia, *ob. cit.*, p. 48 e 51; tradução livre.

<sup>8</sup> HÜLSENDERGER, Margarete. *A arte de resistir nos ensaios de Ernesto Sabato*.

<sup>9</sup> SABATO, Ernesto. *A resistência*.

“É a busca  
inconsciente de  
uma nova terra de  
esperança, uma luz  
no meio da escuridão  
e uma terra sólida  
no meio do dilúvio  
gigante.”

“Entre 1976 e 1983, a Argentina viveu sob severa ditadura militar. Há uma estimativa de cerca de 30 mil pessoas desaparecidas, após serem apreendidas pelas forças da repressão política [...] Restabelecido o regime democrático, o presidente Raúl Alfonsín convidou Ernesto Sabato para presidir a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas.”

*O túnel*, primeiro romance, veio a público em 1948. Tinha marcas do “Existencialismo”, movimento filosófico muito em voga à época. Albert Camus elogiou a obra, que foi traduzida para o francês pela prestigiosa editora *Gallimard*.

Contém a narrativa, em primeira pessoa, do protagonista Juan Pablo Castel, que matou a mulher amava:

*Em todo caso, havia somente um túnel, escuro e solitário: o meu.*<sup>10</sup>

*Basta dizer que sou Juan Pablo Castel, o pintor que matou María Iribarne. Suponho que o processo está na memória de todos e que não são necessárias maiores explicações sobre a minha pessoa. (...)*

*Na realidade, sempre pensei que não existe memória coletiva, o que talvez seja uma forma de defesa da espécie humana. A frase “todo o tempo passado foi melhor” não indica que antes sucederam menos coisas más, mas que – felizmente – as pessoas as relegaram ao esquecimento.*<sup>11</sup>

*Sobre heróis e tumbas* veio a lume em 1961. Foi reputado o melhor romance argentino do século 20. É uma trama perturbadora, escrita a partir da notícia de jornal sobre a personagem Alejandra Vidal Olmos. Ela matou o pai e se suicidou em seguida, ao incendiar o seu quarto.

Editado em 1951, *Homens e engrenagens* é um livro cuja leitura me impressionou bastante. Nele, Sabato criticou o mundo dominado pela tecnologia. As pessoas saem das fábricas, onde são escravizadas pelas máquinas, e ingressam no reino ilusório criado por outras máquinas. Exemplificava com os rádios, rotativas e projetores – novidades daquela época. Na sociedade tecnológica, a pessoa humana torna-se “*mais uma engrenagem do sistema*”, caracterizada por profunda pobreza espiritual. Transforma-se em “coisa”:

*O relógio, que surgiu para ajudar o homem, hoje se converteu em um instrumento para o torturar.*

*A massificação suprime os desejos individuais, porque o Superestado precisa de homens-coisas intercambiáveis, como se fossem peças sobressalentes para máquinas. E, no melhor dos casos, permitirá a coletivização dos desejos e a massificação dos instintos. Construirá estádios gigantescos e fará com que os instintos das massas se derramem semanalmente num único feixe, com regularidade coincidente. Através do jornalismo, do rádio, do cinema e do desporto colectivo, as pessoas, entorpecidas pela rotina, poderão dar lugar a uma espécie de ‘folga’, à realização colectiva de um grande sonho. Assim, ao fugirem das fábricas – nas quais são escravos da máquina – entrarão no reino ilusório criado por outras máquinas – rotativas, rádios e projetores.*<sup>12</sup>

Ponho-me a imaginar como Ernesto Sabato reagiria diante do mundo atual, sob o influxo da Quarta Revolução Industrial e de avanços tecnológicos, tais como robotização, *smartificação*, internet das coisas e inteligência artificial.

Surgiram as redes sociais. As pessoas desaprenderam a debater civilizadamente. Agridem-se em círculos familiares,

<sup>10</sup> SABATO, Ernesto. *El túnel*, frase de abertura; tradução livre.

<sup>11</sup> SABATO, Ernesto. *El túnel* p. 7; tradução livre.

<sup>12</sup> SABATO, Ernesto. *Hombres y engranajes*, tradução livre.

profissionais, educacionais e pelos meios de comunicação social. Não somente por causa de política, mas também de religião, sexualidade, futebol e outros assuntos palpitantes.<sup>13</sup>

## Nunca mais

Entre 1976 e 1983, a Argentina viveu sob severa ditadura militar. Há uma estimativa de cerca de 30 mil pessoas desaparecidas, após serem apreendidas pelas forças da repressão política.<sup>14</sup>

Restabelecido o regime democrático, o presidente Raúl Alfonsín convidou Ernesto Sabato para presidir a Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP).

As investigações se desenrolaram durante os anos de 1983 e 1984. Resultaram na publicação do livro *Nunca Más*, obra que embasou o julgamento dos militares envolvidos em violações de direitos humanos:

*Inúmeros são os pronunciamentos sobre os sagrados direitos da pessoa ao longo da História e no nosso tempo, a partir do que a Revolução Francesa consagrou até os consignados nas Cartas Universais dos Direitos Humanos e nas grandes Encíclicas deste século. Todas as nações civilizadas, incluída a nossa própria, estatuíram nas suas Constituições garantias que jamais podem ser suspensas, mesmo nos mais agudos casos de emergência: o direito à vida, o direito à integridade pessoal; o direito a ser processado; o direito a não sofrer inumanas condições de detenção; o direito à justiça e à não execução sumária.*

*Da enorme documentação que recolhemos, infere-se que os direitos humanos foram violados de forma orgânica e oficial pela repressão das Forças Armadas. E não esporadicamente, mas de maneira sistemática, sempre da mesma forma, com seqüestros semelhantes e idênticos tormentos em todos os recantos do Território Nacional.*<sup>15</sup>

## Morte

Ernesto Sabato viveu muitos anos. Recebeu duros golpes da vida. Velho e fragilizado, a doença da esposa Matilde e a morte do filho Jorge quebraram as suas últimas resistências.

A cada dia era um pouco menos ele mesmo. Seu olhar opaco não ia mais além das plantas do jardim, das estantes da biblioteca ou dos quadros nas paredes da casa.

Durante muito tempo, viveu em largo silêncio. As pessoas que o cercavam respeitaram a distância que separava Ernesto da vida.<sup>16</sup>

O escritor faleceu na residência de Santos Lugares, em 30 de abril de 2011. Pouco tempo antes de completar 100 anos de idade.

O seu maior legado é a esperança utópica no ser humano:

*Há certos dias em que acordo com uma esperança demencial, momentos em que sinto que as possibilidades de uma vida mais humana estão ao alcance de nossas mãos. Hoje é um desses dias. (...)*

<sup>13</sup> GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros. Internet, redes sociais e direitos humanos.

<sup>14</sup> Por que Argentina não sabe quantas pessoas 'desapareceram' na ditadura militar 40 anos após fim do regime, *BBC News Mundo*, 10.12.2023

<sup>15</sup> *NUNCA MAIS – Informe da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina*, presidida por Ernesto Sábato, p. 2.

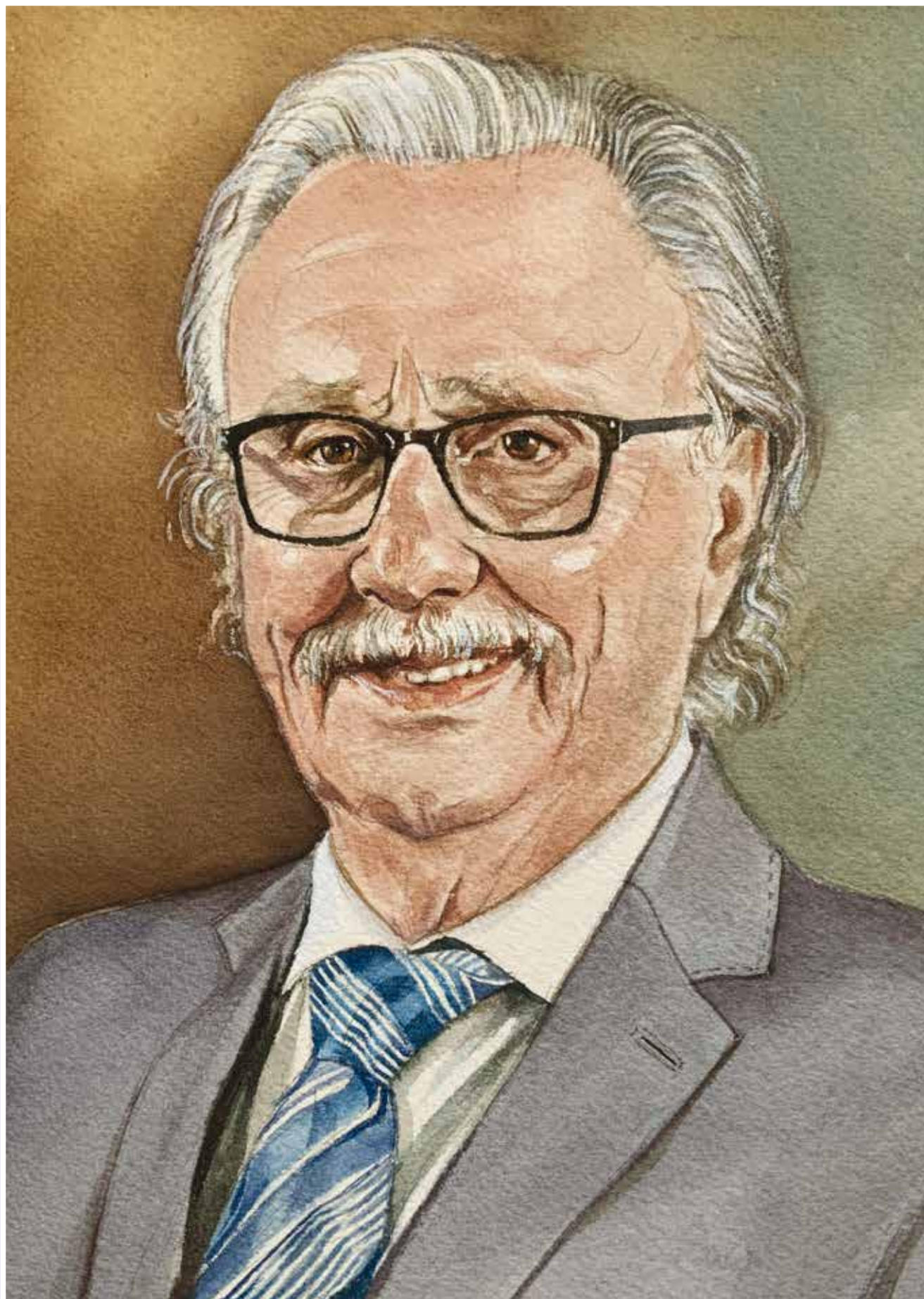
<sup>16</sup> CONSTENLA, Julia, *ob. cit.*, p. 17; tradução livre.

*Há uma coisa que não falha, e é a convicção de que – unicamente – os valores do espírito podem nos resgatar deste terremoto que ameaça a condição humana.*<sup>17</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *About Matilde Martha Kusminsky Richter*, disponível em <https://www.geni.com/people/Matilde-Martha-Kusminsky-Richter/6000000001153462874>, acesso em 06.01.2024.
- CONSTENLA, Julia. *Sabato, el hombre. La biografía definitiva*. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.
- Ernesto Sabato. *Enciclopedia Britannica*, disponível em <https://www.britannica.com/biography/Ernesto-Sabato>, acesso em 04.01.2024.
- GARCIA DE LIMA, Rogério Medeiros. *Internet, redes sociais e direitos humanos, em Direito e Bioética: Estudos em Homenagem à Professora Stela Barbas*. Coimbra, Portugal: Almedina, organização de José Alexandre Ribeiro Fernandes e outros, 2020, p. 427-466.
- HÜLSENDERGER, Margarete. *A arte de resistir nos ensaios de Ernesto Sabato*. Revista Entrelaces, Universidade Federal do Ceará, vol. 11, nº 23, jan-mar 2021, p. 68-79.
- *NUNCA MAIS – Informe da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina*, presidida por Ernesto Sabato. Porto Alegre: L&PM Editores, trad. Roberto Mara, 1984.
- *Por que Argentina não sabe quantas pessoas 'desapareceram' na ditadura militar 40 anos após fim do regime*. Por Veronica Smink Role, *BBC News Mundo*, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cm5p4zk0jm2o>, acesso em 10 dezembro 2023.
- SABATO, Ernesto. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, trad. Sérgio Molina, 2008.
- \_\_\_\_\_. *El escritor y sus fantasmas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.
- \_\_\_\_\_. *El túnel*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Hombres y engranajes*. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Sobre heróis e tumbas*. São Paulo: Companhia das Letras, trad. Rosa Freire Aguiar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Uno y el Universo*. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.

<sup>17</sup> SABATO, Ernesto. *A resistência*.



# Olavo Romano, a escrita viva do sorriso

**Fernando Armando Ribeiro**

*Desembargador do TjMMG, membro da Academia Mineira de Letras Jurídicas*

**A**os que não tiveram a sorte de conhecê-lo, impossível seria descrever a figura única e multifacetada de Olavo Celso Romano. Ouso buscar, contudo, aquela síntese, de matizes tipicamente barrocas, que edifica um todo complexo a partir de um único elemento que possa refletir, de algum modo, as suas diversas partes, como soube argutamente notar Milan Kundera (*A Imortalidade*, Companhia das Letras, 2015). Ao fazê-lo apontaria em seu sorriso, a síntese humana de seu ser.

Aos que não tiveram a sorte de conhecê-lo, impossível seria descrever a figura única e multifacetada de Olavo Celso Romano. Ouso buscar, contudo, aquela síntese, de matizes tipicamente barrocas, que edifica um todo complexo a partir de um único elemento que possa refletir, de algum modo, as suas diversas partes, como soube argutamente notar Milan Kundera (*A Imortalidade*, Companhia das Letras, 2015). Ao fazê-lo apontaria em seu sorriso, a síntese humana de seu ser.

Seguramente, um dos maiores contadores de “causos” do Brasil, em histórias multiplicava seu sorriso com os daqueles que, encantados, o ouviam. Escritor prolífico e refinado, Olavo nos legou inúmeras obras, em que as narrativas, geralmente marcadas por traços regionalistas, refletem sempre o universal. Nesses escritos também se faz presente o sorriso, cujo humor contribui para a força e perenidade dos textos.

O sorriso de Olavo esteve também em sua atuação como homem público. Sua gestão como presidente da Academia Mineira de Letras foi verdadeiro divisor de águas, inaugurando-lhe uma nova fase, em interlocução intensa com a sociedade. De suas ações advieram contribuições efetivas para a vida cultural em nosso Estado. Seu sorriso manifestava-se também em sua leveza, seu modo de encarar a vida, em seu jeito naturalmente empático e acolhedor. O magnetismo indizível deste sorriso, era mesmo Olavo Romano, agregador por excelência, capaz de despertar nas pessoas sempre o melhor de si.

Por meio dele, fica-nos um consolo e uma certeza: se “*a alegria é a prova dos nove*”, como disse Mário de Andrade, Olavo Romano foi homem que viveu de fato, sem nunca deixar de ser menino.

Dono de rica trajetória literária, com passagens por diversos periódicos como o *ESTADO DE MINAS*, *Jornal de Casa*, *IstoÉ*, *Veja*, e programas na Rede Minas, Olavo legou-nos inúmeras obras de ficção, escritas em prosa, mas de grande voltagem poética, como *Casos de Minas* (1982, Paz e Terra), seu livro de estreia; *Dedo de prosa* (1986); *Prosa de mineiro* (1986, Editora Lê); *Os mundos daquele tempo* (1988, editora Atual); *Um presente para sempre* (1990), que se encontra já na 16ª edição; *Memórias meio misturadas de um jacaré de bom papo* (2002, editora Dimensão); *São Francisco rio abaixo* (2006, pela Abi-

graf); *Retratos de Minas* (2007, Conceito); *A cidade submersa* (2016, editora Ramalhete); e *O homem que veio de longe* (2023) pela Caravana Grupo Editorial.

*O homem que veio de longe*, que viria a ser sua última obra, teve a honra de prefaciar, a convite do autor. Em homenagem à sua memória, permito-me retomar algumas considerações ali tecidas, que ressaltam o valor e a importância literária, artística e humana, das narrativas do saudoso escritor que recentemente nos deixou.

Olavo Romano faleceu em 16 de novembro de 2023, aos 85 anos. Nasceu em Morro do Ferro, distrito de Oliveira (MG). Iniciou sua carreira por volta dos 40 anos, consagrando-se como emérito ‘contador de causos’. Foi presidente da Academia Mineira de Letras (AML) e ocupante por quase 20 anos da cadeira 37 da instituição. Graduou-se em Direito (PUC-MG), Administração (FGV-RJ), Inglês (Universidade de Michigan) e Planejamento Educacional (Banco Mundial) e fez carreira no serviço público, aposentando-se como Procurador do Estado. O escritor foi convidado especial da revista *MagisCultura* número 13, de abril de 2015.

“O sorriso de Olavo esteve também em sua atuação como homem público.”

# O homem que veio de longe

Um dos segredos mais fascinantes da literatura é sua aptidão para oferecer uma visão de longe, um olhar estrangeiro. E o faz não apenas a partir de lugares e tempos distantes, mas também, e sobretudo, permitindo-nos um olhar novo sobre muito do que remanesce encoberto nas longínquas cercanias do dia a dia.

O livro *O homem que veio de longe* pulsa e vibra nessa clave. É ela que permite percebermos a unidade que permeia toda a obra, pela coesão e harmonia de seus textos.

Escritos em momentos distintos e distantes daquele em que hoje vivemos, as crônicas e contos que compõem o livro permitem-nos perceber também um outro fascinante traço que marca a boa literatura: a perenidade de seus textos. Afinal, se a literatura é “*news that is always new*”, O homem que veio de longe é mesmo um grande livro literário. Nele, Olavo Romano reafirma seu talento singular para captar, na fugacidade do cotidiano, o essencial e fundamentalmente humano, a transcender tempos e geografias.

Outro traço fundamental desses textos, que marca toda a escrita de seu autor, é o humor. “*O humor salva a verdade*”, disse certa vez Martin Heidegger (*Ser e Tempo* Petrópolis: Vozes, 10 ed, 2015), traduzindo com isso uma lição de que se nutre a literatura ocidental desde obras seminais como *Don Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *Gargantua e Pantagruel*, de François Rabelais. Pelo humor, a um só tempo, relativizamos e densificamos nossas relações com o mundo, suspendendo temporariamente o véu, por vezes enganoso e sobrestimado, com que nos apegamos a nossos dramas. Aprendendo a rir de nós mesmos, relativizamos a pretensiosa sisudez do mundo, clarificando nossas lentes para perceber o valor das pequenas coisas.

É esse humor presente em *CTI em três tempos* que lhe permite revisitar de forma leve, mas aguda e penetrante, esse lugar de medos e desassossegos. Acompanhando as sucessivas interações de Marcelo, o narrador nos permite viver o drama e aflição de seus familiares, o prosaico ambiente dos leitos, mas também o inusitado prazer do paciente diante de singelas coisas, como degustar um café com pão de queijo na lanchonete do hospital.

Na crônica *Memória*, um poliedro complexo e intrincado de elementos parece estruturar-se como uma peça de música barroca, ou como um poema harmônico de Mário de Andrade ou João Cabral de Mello Neto. Afinal, a memória aqui se coloca não apenas como tema, mas como fio condutor de toda a narrativa. A partir da lembrança de um antigo amigo do narrador, somos guiados através das memórias desse personagem, que busca recuperar detalhes da infância e da terra natal de seu pai. Na viagem de ônibus que empreende para reencontrá-lo, Lúcio Flávio Libânio, pianista e arquiteto, mergulha em lembranças de falas, hábitos e gestos de seu velho, tal como o modo com que esboçava um desenho ou cuidava de suas plantas. Recordar-se também de que, tendo o pai vivido certo tempo em Belo Horizonte, a ela nunca mais retor-

“Aprendendo a rir de nós mesmos, relativizamos a pretensiosa sisudez do mundo, clarificando nossas lentes para perceber o valor das pequenas coisas.”

nara, por considerá-la uma cidade sem memória, em que os nomes de ruas e avenidas eram trocados por outros de menor significado ou beleza. Após longo périplo, Lúcio chega à casa do pai, que o recebe sem, contudo, reconhecê-lo. Vai aos poucos, porém, percebendo as similitudes entre aquele jovem e seu filho, quando esse estende-lhe as mãos, propondo que rezassem o Pai-Nosso. Numa síntese harmônica de rara beleza, as mãos dos personagens, que tocam piano e cuidam de rosas, entrecruzam-se e se encontram com as mãos do narrador, tecendo em conjunto essa trama de memórias.

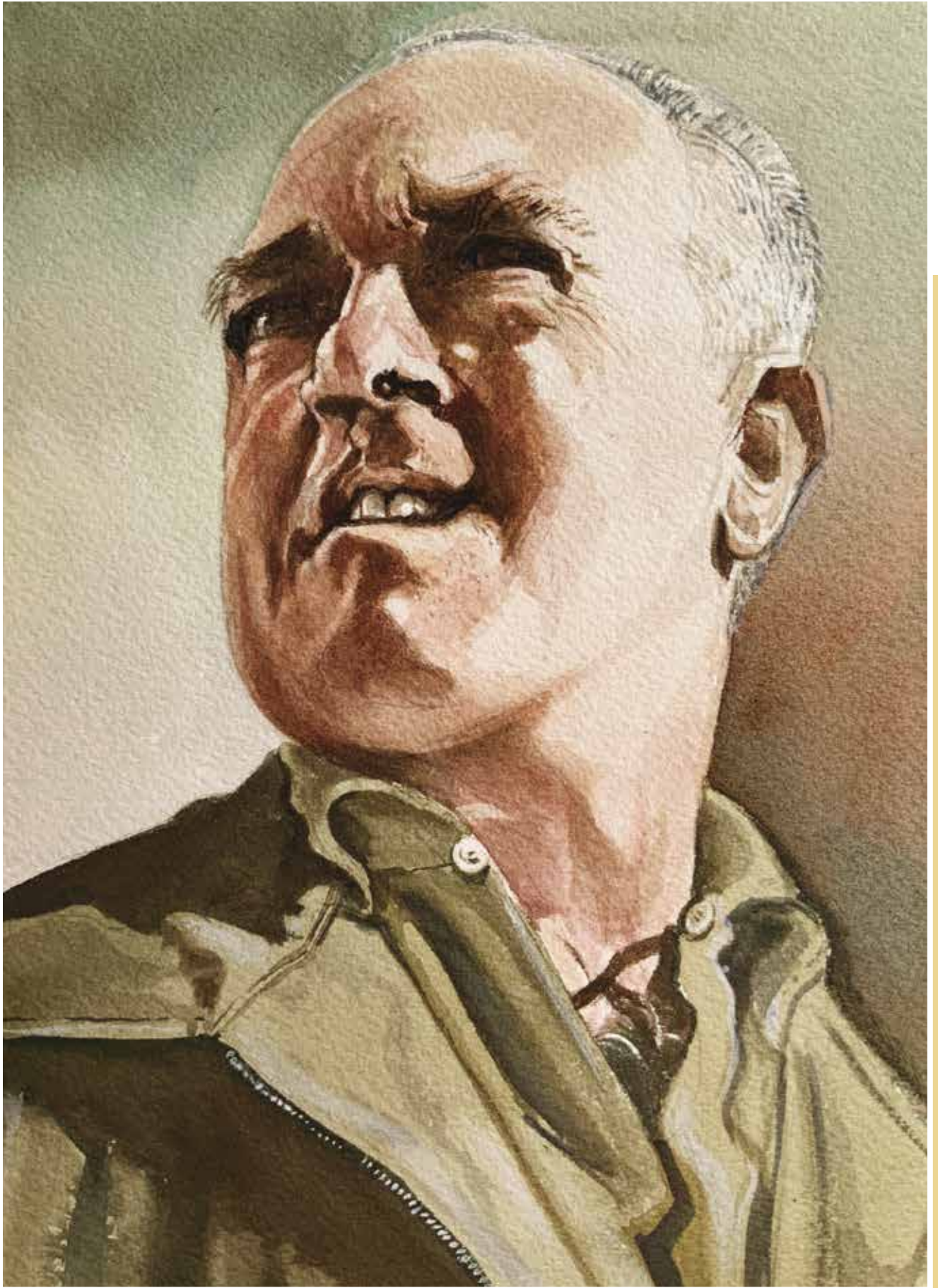
No texto que dá nome ao livro, como em diversos outros aqui reunidos, o leitor há de encontrar “causos” do interior de Minas, marca registrada de Olavo Romano, que se destaca nacionalmente como um dos maiores representantes do estilo. Nele, a linguagem simples da gente interiorana revela-se em toda sua musicalidade, humor e sabedoria, colocando-se em diálogo com temas e personagens da tradição literária. Em tempos excessivamente urbanizados, tecnicizados e virtualizados, ler os “causos” de Olavo é permitir às palavras novas efusões de vida, as quais nos lembram e convencem do acerto da observação de Clarice: “*quantos perdem por não nascer em Minas*” (LISPECTOR, Clarice. “Das vantagens de ser bobo”, In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016).

Por fim, em se tratando de obra em prosa, não poderia deixar de destacar a alta qualidade poética que permeia os seus textos, fazendo de muitas histórias, autênticas e belas poesias. Um exemplo de tais prosas poéticas é *Pulsações*, uma crônica sobre árvores, aves e natureza no intercurso de uma estação tórrida. Ali, a linguagem lírica que nos convida a buscar “*finas novidades nos mundos sutis da natureza*” é a mesma que consegue extrair humor de alta voltagem a partir de jogos e explorações dentro das próprias palavras. Assim, entre o riso e a levitação, pulsações nos inserem em uma deliciosa epifania.

Destaco, ainda, Um certo pote azul, no qual o autor nos conta sua vivência como participante de oficina literária em Festival de Inverno de Ouro Preto. Ao explorar as experimentações conduzidas pela artista africana *Inno Sorcy*, Olavo Romano nos coloca como observadores do próprio processo de criação, visto por dentro e com supremo lirismo, encontrando síntese conclusiva no fascinante objeto que dá nome ao conto. Afinal, o misterioso pote azul, tal qual a guitarra azul de Wallace Stevens, é metáfora da própria poesia como elemento que reconstitui e reinventa o que convencionamos chamar realidade.

O homem que veio de longe, como todas as obras de Olavo Romano, ajuda-nos a ver o mais próximo, a abrimo-nos a realidade, seus vastos matizes e cores. Falando-nos a partir do simples, ensina a perceber o complexo; fazendo-nos rir mostra o belo, etéreo, em plumagens de espuma, que a solidez de um mundo sem histórias deixaria tristemente escapar.

“Falando-nos a partir do simples, ensina a perceber o complexo; fazendo-nos rir mostra o belo, etéreo, em plumagens de espuma, que a solidez de um mundo sem histórias deixaria tristemente escapar.”



# Guignard e a revolução das artes plásticas em Minas, há 80 anos

**Márcio Sampaio**

*Artista plástico, escritor.*

*Membro da Academia Mineira de Letras\**

“**N**asceu em 25 de fevereiro de 1896, feio como todo recém-nascido. Estudou em Munich, na Real Academia de Belas Artes, onde aprendeu desenho e amou. De acadêmico passou a moderno, após ter visto uma exposição de arte moderna alemã. O Modernismo o fascinou. Em 1929 veio para o Brasil, onde teve o choque com o ambiente artístico, bem acanhado em relação à Europa. Abriu seu atelier no Jardim Botânico, entre a vegetação e milhares de mosquitos.

Veio para Belo Horizonte a chamado do então prefeito Juscelino Kubitschek, e aqui se enamorou, desde o primeiro dia, da paisagem. Fundou a Escolinha de Guignard que tem vivido por milagre e amor de alunos e mestre, e aqui ensinou arte a diversas gerações de jovens. Adora ser cercado pela juventude, principalmente moças bonitas, e Ouro Preto é sua cidade amor-inspiração”.

(GUIGNARD: *Autorretrato Psicológico* - Catálogo da exposição retrospectiva no Museu da Pampulha, 1962).

Marcado pela simplicidade e humor, este depoimento do pintor Alberto da Veiga Guignard expõe o homem, o artista e mestre em sua melhor medida. Regressando ao Brasil, com 33 anos, encontraria um ambiente diferente da grande efervescência artística e intelectual que deixara na Europa, mas, em compensação, aqui empreenderia a redescoberta de sua infância, da luz tropical, da natureza e da paisagem humana, da acolhida calorosa de artistas e, principalmente, de jovens que em torno dele haveriam de gravitar, em um momento significativo da produção e reflexão artísticas, fundamental para a consolidação do Modernismo em Minas.

## Estigmatizado pela modernidade

Ao transferir-se para Belo Horizonte, em 1944, a convite do prefeito Juscelino Kubitschek, para instalar o curso de desenho e pintura, Guignard era já nome respeitado nos meios artísticos do Rio de Janeiro. Tivera na Europa um início de carreira bastante promissor, com participações no Salão de Outono (Paris) e na Bienal de Veneza. No Rio, obtivera premiações importantes – *Viagem ao País* e *Medalha de Ouro*, do Salão Nacional – integrando várias exposições no Brasil e no

exterior. Em 1942, teve duas obras adquiridas pelo Museu de Arte Moderna de Nova York.

Reconhecido nos meios artísticos como um dos grandes nomes da arte brasileira, celebrado pela crítica e pela intelectualidade do Rio, Guignard vinha atuando como professor na Fundação Osório, na Universidade do Distrito Federal e em cursos livres promovidos pelo Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, além de orientar um grupo de jovens artistas reunido em um ateliê denominado *A nova Flor do Abacate*.

Praticando uma pedagogia fundamentada no binômio *liberdade com disciplina*, ele buscava provocar a emergência e a manifestação das potencialidades individuais dos alunos/artistas, ao mesmo tempo indicando a eles os caminhos de uma expressão *moderna*. Por circunstâncias várias, Guignard acabou tornando-se personagem polêmico, atirado no epicentro de alguns dos acontecimentos que marcam significativamente a luta pela afirmação do Modernismo no Brasil.

Achava-se, portanto, Guignard, estigmatizado pela ‘modernidade’ – traço situado entre rebeldia e projeção de um talento superior – o que o levava a buscar patamares mais altos da expressão artística. Esse fato haveria de acentuar sua marginalidade e o caráter *gauche* de sua personalidade, decorrente de uma vida atribulada, uma adolescência infeliz e marcada pelas dificuldades de superação do defeito físico – o lábio leporino – que haveria de levar por toda a vida.

E se esses atributos já poderiam travar-lhe a liberdade dentro de um meio acadêmico / conservador que era o Rio, maior choque sofreria ao instalar-se em Belo Horizonte, dada a alta voltagem do tradicionalismo acadêmico e o caráter fechado da sociedade mineira; o provincianismo dominante em um meio infenso às mudanças que se operavam com a esfuziante administração do prefeito JK, naquele crepúsculo do Estado Novo.

Contudo, impregnado dos valores positivos que, em contrapartida, lhe oferecia essa outra Minas – Ouro Preto, as cidades coloniais, o Parque Municipal, a luz e as montanhas, o afeto e entusiasmo dos jovens alunos e alguns amigos – Guignard se sentiria suficientemente estimulado para levar à frente seu projeto de artista e professor.

(\*) A Academia Mineira de Letras é parceira de *MagisCultura* e a cada edição é publicado texto de um de seus membros.

“Sua consciência trágica da condição humana é sublimada pela capacidade de integrar o ser à natureza, comungando com ela e dela fazendo a extensão do ser [...]”

*“O primeiro período de minha estada nas montanhas de Minas foi uma das fases mais felizes da minha vida. Maravilhei-me com a luz espetacular, essa claridade que dói nos olhos, mas empresta à pintura uma vida melhor.”*

### Idílio pela paisagem mineira

O diálogo de Guignard com a paisagem de Minas, a partir do deslumbramento de sua revelação, transformou-se em idílio. A sua visão penetrante carregou-se de uma emoção profunda sob os estímulos da paisagem colonial, fazendo germinar um conjunto extraordinário de obras cheias de legítima poesia, as quais se identificam menos com a realidade física do “modelo” e mais com o clima espiritual que o envolve.

A paisagem pintada por Guignard não se refere especialmente a um trecho da natureza, ou a um local especial, mas a um conjunto de valores culturais e formais, de ambiente e atmosfera, que a sua sensibilidade assimila e transforma, segundo sua visão particular do mundo, que projeta tanto a alegria como a dor de viver.

Sua influência decisiva e altamente positiva no desenvolvimento da arte em Minas contribuiu, igualmente, para a reavaliação da “paisagem colonial” e da manifestação barroca mineira. Criou, também, uma nova interpretação de paisagem, inteiramente diversa daquela dos pintores acadêmicos, de ateliê, infensos aos estímulos reais da natureza.

### O trágico e o lírico na obra e na vida

A consolidação do nome de Guignard como um dos maiores artistas brasileiros não modifica o rumo de sua obra nem de sua vida. Fixado em Belo Horizonte, acompanha com entusiasmo o desenvolvimento de seus alunos, ao mesmo tempo que vai construindo e amadurecendo sua própria obra.

Sua fase mais madura e definitiva emerge do clima de Ouro Preto, Sabará, Diamantina, recriando a geografia e o espírito da Minas colonial, em cujas noites iluminadas por diáfanos balões, o casario se transfigura, as igrejas se multiplicam conquistando espaços que o minerador nem sonhara; e as montanhas abrem-se para os sonhos e para as visões fantásticas.

A poesia surpreende a primavera de Boticelli, amanhecida nas Minas Gerais. Suas numerosas ‘Marílias’ sobrevoam o campo da paixão que domina o artista, com a aura da ingênua alegria e contida sensualidade – a necessidade premente de conviver e amar. Flores e quadros são mandados a essas suas ‘Marílias’, acompanhados de versos arcádicos que talvez queiram apenas encobrir o permanente sentimento de recusa.

A obra de Guignard transpira sua *alegria simples*, como reflexo não do ser ingênuo, do *anjo* (como alguns amigos afetuosamente teimavam em qualificá-lo) mas como um jeito de buscar equilíbrio, na profunda consciência do humano, com suas limitações e suas carências, e de suas imensas possibilidades de sobrepujar o ridículo, o grotesco e a solidão com a própria capacidade de transfigurar em arte tais limitações.

Sua *consciência trágica* da condição humana é sublimada pela capacidade de integrar o ser à natureza, comungando

com ela e dela fazendo a extensão do ser; e pela capacidade de refazer a circunstância da vida com a arte, que a sobreviva e a reinvente a todo momento, criando valores éticos como razão da obra. E mais, ainda, por um aspecto mais ou menos marginal de sua obra: o humor revelado em cartões, em mensagens desenhadas, nas decorações de festas e ambientações, em cartas amorosas e amáveis, de um amor impossível por não correspondido; um humor delicado e comovente no discurso literário e gráfico.

Missivista atencioso, Guignard mantinha afetuosa correspondência com amigos, dando notícias de suas andanças, pesquisas e criações, em confidências que mostravam a confiança em seus correspondentes. Ao mesmo tempo, revelava-se sempre lúcido na expressão de suas angústias e conflitos diante da complexidade de sua vida: alcoolismo, solidão, nomadismo, um homem sem casa levado de um lado para outro, na solidariedade de amigos que o abrigam. Tal soma configura seu trágico e complexo 'estar no mundo', que a arte pôde de certa forma superar, fazendo com ela esse instrumento sublime da criação.

### Inteligência plástica e intuição

Sob essas perspectivas, a revisita à obra de Guignard concede-nos viver um momento mágico com o sentimento de epifania que só as obras superiores conseguem transmitir. A saber:

Os **retratos** são ao mesmo tempo considerações poéticas sobre o modelo, no qual um sentimento de afeto ilumina a imagem, visualizando o momento de silencioso diálogo, de mútuas adivinhações, de sua perspicácia em revelar, por uma delicada e sutil construção formal, a psicologia do retratado.

Os vários **autorretratos**, pintados ao longo da vida, dão conta da forma como se apresentava, sem rodeios e sem malabarismos, se expunha ao mundo.

Ainda projetava sua imagem, de maneira mais dramática, nos **Cristos** e nos **São Sebastião**, com suas fixações mais trágicas do sofrimento humano e da complexidade da estrutura existencial.

As **cenas brasileiras** com seus acentos líricos de quem se redescobre um brasileiro, irmão da gente simples, sonhadora, e dos ambientes mais singelos com que se comprazia em elevar a um nível saboroso de fantasia.

E as **naturezas-mortas**, organizando sobre fundos de paisagem os objetos e frutos em fraterna convivência. E as flores depositadas em jarros que palpitam, geradas por jardins mágicos em que a verdade da forma se encontra muito mais nas promessas e mistérios da natureza da pintura.

A **paisagem**, da mesma forma, em suas transfigurações poéticas, na féerie dos deslumbramentos das noites juninas, ou na perspicácia dos jogos de montagens de formas, transparências, névoas, movimento, ritmo e cor – conferem a cada obra um sentido de surpresa, de redefinição da memória, esse lugar mágico onde circulam em ebulição as lembranças.

Tudo em Guignard é ao mesmo tempo esse sentido de inteligência plástica e intuição, com uma substância de melancolia e iluminação. Pura poesia.

“Ao mesmo tempo, revelava-se sempre lúcido na expressão de suas angústias e conflitos diante da complexidade de sua vida: alcoolismo, solidão, nomadismo, um homem sem casa levado de um lado para outro, na solidariedade de amigos que o abrigam.”

“Com Guignard, tem início a criação de duas marcas fundamentais da arte moderna em Minas: o gosto pela paisagem, como tema, e o desenho como linguagem.”

### Paisagem como tema, desenho como linguagem

Com Guignard, tem início a criação de duas marcas fundamentais da arte moderna em Minas: o gosto pela paisagem, como tema, e o desenho como linguagem. Mas não por um acaso ou por força de um capricho. Entende-se perfeitamente que a presença da paisagem na arte mineira vem da influência poderosa da natureza sobre o homem, que reflete e responde aos seus estímulos como à sua repressão. É o artista repetindo e domando as suas formas como a compensar a dificuldade em conquistá-la.

Nesse contexto, a técnica mais adequada para expressar tais relações é o desenho, que, ao mesmo tempo, tanto permite a fluência do registro, como exige a firmeza, a contenção, a reflexão – na verdade valores e procedimentos que marcam e denotam o caráter do mineiro. Assim, entende-se por que, apesar da ampla liberdade de criação que Guignard buscava aplicar a seu método de ensino, muitos de seus alunos acabaram por sofrer profunda influência de sua obra e de seu procedimento como criador.

O desenho de Guignard está na base de toda sua obra, já que a própria pintura vive, em grande parte, das qualidades do desenho.

Ágil, espontâneo, lírico, é no desenho que Guignard melhor se deixa soltar, liberando o humor, a capacidade de jogar e dá asas ao seu gosto pela brincadeira gráfica. No desenho, Guignard brinca com o próprio desenho, com a própria condição de artista.

Mesmo os temas mais densos de dramaticidade, como o Cristo coroado de espinhos, o São Sebastião atingido por flechas (ou pincéis?) ele os cerca de anjinhos brejeiros, que brincam à sua volta e transfiguram sua dor.

## As confissões e o humor nos desenhos

O caráter informal de rabisco, da anotação, do recado – em oposição à pintura que se faz “obra”, algo definitivo, formalizado como produto – o desenho possibilita a Guignard extravasar-se, confessar-se, comentar-se.

Desenhar informalmente, relaxadamente, à vontade, à mesa do bar, como no campo, ao sol. Desenha no gabinete, mergulhado no silêncio e na penumbra, a gravidade da reflexão. Ou humoradamente, fazendo da porta, do parapeito, a prancheta.

Guignard desenha recados aos alunos, ao senhorio, à dama que o hospeda. Desenha lembranças, autorretrata-se como infeliz pintor condenado às provações do trabalho ao sol escaldante, às vistas do diabo faminto, na expectativa de fisgar o “churrasco”. Desenha cartões de Natal, faz desenhos de boas-vindas ao recém-nascido; poemas às ‘Marílias’ bem-amadas; desculpas por ausências imprevistas; desenha cardápios e contas de bar.

O traço flui amavelmente, sem medidas, como o gesto claro e espontâneo, como o riso fácil da piada, a conversa confortável com amigos. Pequenas obras-primas, de mestre do desenho, a figurar com humor, uma sensualidade latente,

uma ternura intensa, uma atrevida dissolução e sua permanente busca de relações amoráveis. E mais: o desenho não se vende: dá-se. Esquece-se. Larga-se ao destino incerto.

Assim, desenho, em Guignard, é exercício de liberdade, sem fronteiras. Contudo, tem a sua ética. E sua dignidade se manifesta; é a própria prática da intuição e da liberdade criativa. É o estar sendo, sempre, simplesmente. É a resposta direta, despretensiosa, porém profunda, à manifestação da vida, às solicitações do mundo em volta.

Quando desenha a partir de um modelo – seja o casario de Ouro Preto, uma figura humana, seja a natureza, a floração tropical – cuidadosamente observa os elementos, desvenda os mais sutis detalhes, para recompô-los e articulá-los à sua maneira, acrescentando dados externos: solta da gaiola um pássaro imaginário e apreende-lhe o canto, para tecer um quintal; reedifica casarões, recompõe morros e refaz a geografia de Minas. Retraça o risco de igrejas e inventa santos e anjos numa coreografia ágil em meio a *rocailles* e frutas. Aprofunda-se no olhar e no sorriso tímido, retempera nos rostos as palavras silenciadas, povoando o mundo de novos personagens, paisagens e falas.

# Nos retratos, a verdade oculta da pessoa

É interessante observar, ainda, que na maior parte dos retratos que pintou ele se preocupou em dar-lhes um fundo figurativo e identificável, e geralmente esse fundo era um fragmento de natureza, que tem uma força quase sempre igual à da figura, fazendo-a integrar-se na atmosfera típica de seus quadros de paisagem.

Assisti, algumas vezes à sua performance de pintor, sempre fazendo retratos com o modelo à sua frente. Postado a um canto da sala – um espaço um tanto tumultuado no porão das ruínas do futuro Palácio das Artes – eu observava emocionado como o pintor examinava a pessoa a ser retratada. Havia tensão e ternura, aquele sorriso estranho, aqueles olhos brilhando, aquela silenciosidade quase dramática.

Muito depois, entendi que naqueles momentos preparatórios da pintura, o artista buscava absorver da pessoa, o sumo da sua alma, seus sentimentos ocultos, apreensões e satisfação em ser retratada pelo Mestre. Percebi que era naqueles momentos iniciais que Guignard prefigurava o quadro e sabia o que haveria de fazer, como registro da verdade oculta da pessoa, desvelando-a para o mundo. E ao final a obra adquiria sua liberdade, independência, mesmo se tornando um registro mágico e de um momento de pura impregnação amorosa pela humanidade.

## Obra é reflexo da mineiridade

Todos esses aspectos da vida e da obra de Guignard se conectam por fios de uma refinada, sutil urdidura de valores, de uma sensibilidade aberta e alerta que o levou a responder com intensidade a todas às solicitações, impulsões e compulsões do meio em que viveu a quadra final de sua vida.

Somente assim se poderá compreender como sua obra da fase mineira pôde refletir com tanta força e tanta verdade – sob formas tão livres e espontâneas – o caráter da mineiridade; como criou uma arte tão rica e tão densamente carregada dos valores espirituais da Minas Gerais em que viveu. A Minas Gerais que está fixada tanto nas cenas, nos retratos, na Via-Sacra, na cena trágica da execução de Tiradentes, nas ilustrações de livros de amigos, e nas cabeças de Cristo, nas naturezas-mortas, mas principalmente nas paisagens, o tema mais significativo e mais amplamente trabalhado pelo artista, no qual melhor se reflete sua relação com esse *“paisinho que é Minas Gerais”*.

## Curso de desenho e pintura

O curso livre iniciado por Guignard funcionava em instalações improvisadas no Parque Municipal de Belo Horizonte, onde hoje está o Palácio das Artes, e deu origem à Escola Guignard, há 35 anos integrada à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). As comemorações dos 80 anos da Escola foram abertas em fevereiro, no Palácio das Artes, com um concerto de música mineira e a abertura de exposição de obras de Guignard e de muitos de seus alunos, e se estendem durante todo o ano de 2024.

“[...] naqueles momentos preparatórios da pintura, o artista buscava absorver da pessoa o sumo da sua alma, seus sentimentos ocultos, apreensões e satisfação em ser retratada pelo Mestre.”



# A literatura da ancestralidade em busca da linguagem do pós-mundo

**Edilene Lôbo**

*Doutora e Mestra em Direito,*

*professora titular da pós-graduação da Universidade de Itaúna, professora convidada da PUC-Minas e da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Ministra substituta do Tribunal Superior Eleitoral.*

**C**onheço praticamente toda a obra de Conceição Evaristo, que li e releio com imenso prazer, ousando mesmo declamar seus versos, por vezes me atropalhando, engolindo palavras juntamente com o choro, porque tudo nela é emoção, descoberta, aprendizado, desconforto, gosto de terra na boca, como menciona em *Mineiridade*<sup>1</sup>.

Conceição Evaristo faz da leitora sua coautora, sôfrega para rever, reviver, modificar a realidade-mentira que ela joga sem piedade na cara do mundo, 'escrevivência' que não pactua com a letargia, a dormência dos dias mornos e calmos dos abastados, confortavelmente instalados nas prateleiras de cima da sociedade.

É um soco no estômago, um murro na cara, como ela já disse, que deve ser dado no alijamento das mulheres negras dos bens da vida, construídos por mãos calosas, sangue retinto repisado<sup>2</sup>, heroínas que não estão no retrato.

## Memória e resistência

Tal como em *Meu rosário*<sup>3</sup>, me falta a voz e saltam lágrimas quando me lembro da coroação de Nossa Senhora, no mês de maio, em Taiobeiras, minha cidade natal, quando minha irmã Helena, ansiosa por coroar a Rainha, sonhando desfilando vestida de anjo – o anjo que ela sempre foi, o anjo que a Covid levou para outras plagas, impactada pelo sofrimento mental, incompreendida, sofrida, massacrada pelo preconceito –, contentava-se em espiar pela janela, a vida lhe reservando migalhas.

Conceição Evaristo é Helena, sou eu, é você, é *Ponciá Vicêncio*<sup>4</sup>, significando muitas daquelas meninas-mulheres desesperadas para não se esquecerem da mãe, da ancestralidade, da origem, enfim, da terra que, por vezes, lhes negou tudo!

<sup>1</sup> EVARISTO, Conceição. *Cadernos Negros 13*. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1992, p. 29.

<sup>2</sup> História para ninar gente grande. Samba enredo da Mangueira. 2019.

<sup>3</sup> EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

<sup>4</sup> EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. – 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

*Olhos d'água*<sup>5</sup>, olhos rasos d'água, boca seca, coração apertado, uma dor latente, a navalha cortando a carne sem ruído, sem parar, sem piedade... Palavras como navalhas, como lembranças seculares nos *Becos da memória*<sup>6</sup>.

Memória chama resistência, que impõe reparação, que busca justiça para o povo negro, na sua maioria composta por meninas e mulheres que esperam, com pressa, sede e fome, o porvir. O porvir que não chega nunca, vazio denunciado na escrevivência que parte do chão de terra solta, onde Bondade é um personagem que torce pelo *Time Esperança*, que se vê como passarinho "trazendo alívio para o coração de todos"<sup>7</sup>.

Conceição Evaristo, nessa explosão de vida real, faz compreender que o fenômeno literário precisa ser encarado como ocorre na contemporaneidade. Ele sucede em todo lugar, em todos os segmentos sociais, em todas as faixas etárias, nas comunidades periféricas, nas favelas, nos quilombos, nas aldeias indígenas, entre crianças, adolescentes, pessoas das mais variadas caras, jeitos e trejeitos. O romper das barreiras do tempo e do espaço diz que não há limites para o fenômeno, que força e reforça o desenvolvimento de olhares sensíveis e atentos para a realidade pujante.

## Linguagem de um pós-mundo

Desde um *Quarto de despejo*<sup>8</sup>, onde poderiam ter tintilado *Louças de família*<sup>9</sup>, bocas abertas, desdentadas, indagando *Quem quer (pode) ser negro no Brasil*<sup>10</sup>, em *Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente*<sup>11</sup>, a escrita hodierna diz

<sup>5</sup> EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016

<sup>6</sup> EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

<sup>7</sup> EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 24.

<sup>8</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. – 10. ed. – São Paulo: Ática, 2014.

<sup>9</sup> MARQUES, Eliane. *Louças de família*. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.

<sup>10</sup> JESUS, Rodrigo Ednilson de. *Quem quer (pode) ser negro no Brasil*. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

<sup>11</sup> SILVA, Igor Pires da. *Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente*. – 1. ed. – São Paulo: Globo Alt, 2017.

“O significado da leitura de Conceição Evaristo se apresenta na reflexão sobre as desigualdades, que ecoam em todos os âmbitos. Ela marca o presente com a chaga do passado que ainda não passou.”

que *Tudo é rio*<sup>12</sup>! E, como no desafio que se lança *Maria-Nova*, Conceição Evaristo escancara possibilidades inimaginadas para as viventes: “*Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente*”<sup>13</sup>.

A literatura brasileira hoje não emerge apenas dos estratos beneficiados pela renda, pela origem, pela idade. Não pode mais ser enquadrada nos clássicos, que dormitam nas estantes sem pulsar vida. Ela está em toda parte. Por vezes, em gerações da mesma família, como constato ao ler o livro de Cássia França<sup>14</sup>, *Metamorfoseando*, aos 57 anos, e de sua neta, Ana Aurora França<sup>15</sup>, de 9, aflita, n’*O dia que catatau fugiu*.

Para nós, que, quando nos afastamos da terra natal, carregamos um “*trem esquisito no peito*”, com os olhos “*divagando saudades*”, “nos bolsos queijos, quiabos babentos da calma mineira”<sup>16</sup>, ter Conceição Evaristo na Academia Mineira de Letras, Imortal Sempre, mesmo antes de ali adentrar, é receber o calor do fogão da casa de Ponciá Vicêncio, no cantinho, perto do jirau em que dormia junto ao seu irmão, com “*uma sensação de conforto e segurança*”, crente que um dia tudo há de mudar<sup>17</sup>.

Conceição Evaristo, ao lado de Ailton Krenak, traz à minha mente bel hooks, que me parece ter escrito para ela e para ele o que ambos significam para nós: uma cultura fora da lei, representando resistências<sup>18</sup>.

E o quão importante é essa revelação?

A sociedade plural em que vivemos exige a representação ética e estética da humanidade que a compõe.

Essa humanidade reclama a linguagem literária que Conceição Evaristo oportuniza, da escrita como força da imaginação em busca de um pós-mundo.

O significado da leitura de Conceição Evaristo se apresenta na reflexão sobre as desigualdades, que ecoam em todos os âmbitos. Ela marca o presente com a chaga do passado que ainda não passou. Ela fala da dor e do sofrimento dos excluídos, eclipsados, oprimidos, ao mesmo tempo em que realça suas potências, a poética do corpo negro, a beleza da cadência, da fala, da sagacidade, que refletem a geografia do afeto, a morfologia do cuidado.

As palavras que rasgam a alma, saltando da escrevivência de Conceição Evaristo, destacam a emergência da literatura feminina, colocando as mulheres negras como musas de sua própria história, mas exige atenção com a juventude negra, sob extermínio veloz, à espera da pátria-mãe-gentil da música cantada a plenos pulmões nas cerimônias oficiais, mas sem aplicabilidade imediata no cotidiano.

Conceição Evaristo é enciclopédia a ser aplicada em qualquer canto da vida, reclamando do Direito e seus intér-

<sup>12</sup> MADEIRA, Carla. *Tudo é Rio*. – 18ª ed. – Rio de Janeiro : Record, 2023.

<sup>13</sup> EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. – 3. Ed. – Rio de Janeiro : Pallas, 2017. p. 151.

<sup>14</sup> FRANÇA, Cássia Aparecida de Souza. *Metamorfoseando em prosa verso e vida*. Belo Horizonte: Editora Usina do Livro, 2019.

<sup>15</sup> FRANÇA, Ana Aurora dos Reis. *O dia que catatau fugiu*. Belo Horizonte: Editora Escola Municipal Júlia Paraíso - Estante Mágica, 2023.

<sup>16</sup> EVARISTO, Conceição. *Cadernos Negros* 13. Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1992, p. 29.

<sup>17</sup> EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. – 3. ed. Rio de Janeiro : Pallas, 2017.

<sup>18</sup> HOOKS, Bell. *Cultura fora da lei: representações de resistência*. São Paulo: Elefante, 2023.

pretes, por exemplo, um compromisso com o significado de Justiça, para que se supere a iniquidade que impede a promoção de meninas e mulheres negras aos espaços decisórios, aos ambientes de poder. Afinal, *A Justiça é uma mulher negra*<sup>19</sup>.

A iniquidade é o antônimo de justiça, precisando ser combatida para fazer jorrar das sentenças não as penas de morte, mas a ordem de vida, vida em abundância para os que precisam de mãos generosas, braços abertos, compreendendo que a partilha dos bens coletivos por meio de políticas públicas eficazes não é esmola<sup>20</sup>, não é favor, tampouco ser subtraída sob a justificativa de conferir segurança jurídica, sem se preocupar com a coarctação da insegurança social.

Conceição Evaristo é consciência, alma, beleza, magia, dor, flor, mulheridade.

### Libertação real das senzalas

Mulheridade, em tempos de democracia substancial, a propósito, coloca na mesa da sociedade comprometida com a partilha equitativa o compromisso de promover meninas e mulheres negras aos variados espaços decisórios. Um deles é o da política.

As eleições de 2024, que ocorrerão em 5.569 municípios do Brasil, precisam contar com mais mulheres negras se candidatando, administrando campanhas, fazendo a advocacia e a contabilidade eleitorais, enfim, atuando juntas para a reversão do quadro de sub-representação, ou mesmo de nenhuma presença, como se pode conferir em vários municípios do País.

Certamente que para mais mulheres negras nesses espaços, o ambiente da política deve oferecer condições seguras e sustentáveis, que garantam ampliação da participação.

Além de presença efetiva nas listas de candidaturas, o financiamento das campanhas e o compartilhamento do tempo de propaganda no rádio, na televisão e, principalmente, na arena digital, devem ser de qualidade e sem desvios.

Outro obstáculo gigantesco a ser enfrentado, exigindo esforços conjugados do poder público, dos partidos políticos e da sociedade, é a violência política contra as mulheres, que atinge as negras num vagalhão ainda mais asfixiante, exponencializada nos subterrâneos da web, servindo-se do discurso de ódio que amedronta, paralisa e exclui.

A luta contra o discurso de ódio, que se acavala na desinformação, deve ser levada a sério pelo sistema de justiça, com atuação ágil dos órgãos encarregados da investigação desses crimes, marcadamente praticados no mundo digital, seguida de denúncias pertinentes oferecidas a tempo e modo.

Mais mulheres negras nos espaços decisórios, à exata medida do quanto representam na população, pode permitir, em algum tempo, falar de libertação das senzalas, que só mudaram de nome, para uma vida melhor, com acesso a políticas públicas emancipatórias, como a educação pública deselitizadora desde o ensino fundamental até o superior, de empre-

gos decentes com igualdade salarial, de atenção à saúde, de moradias dignas, por fim, num tempo em que não haja mais a dor pungente de *Maria-Nova*, “com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos”<sup>21</sup>.

Isto, ou *Não verás país nenhum*<sup>22</sup>, sem que se ouça *A canção de nossa gente*<sup>23</sup>, em que “*Toda história é remorso*”<sup>24</sup>.

“A luta contra o discurso de ódio, que se acavala na desinformação, deve ser levada a sério pelo sistema de justiça, com atuação ágil dos órgãos encarregados da investigação desses crimes [...]”

<sup>19</sup> VAZ, Livia Sant’Anna. *A Justiça é uma mulher negra*. – Belo Horizonte, MG : Casa do Direito, 2021.

<sup>20</sup> Cota não é esmola. Letra e música de Bia Ferreira, jovem mineira de Carangola, cosmopolita em voo pelo Brasil, radicada entre Rio e São Paulo. tal como Conceição Evaristo, cidadã de todos os lugares.

<sup>21</sup> EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. – 3. Ed. – Rio de Janeiro : Pallas, 2017. p. 87.

<sup>22</sup> BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum*. 28ª ed. São Paulo: Editora Global, 2019.

<sup>23</sup> GALEANO, Eduardo. *A canção de nossa gente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

<sup>24</sup> DRUMMOND, Carlos. *Museu da Inconfidência*, in *Antologia Poética*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983, p. 45.



# De Conceição a Maria-Nova, relatos de uma memória viva

**Ivana Fernandes Vieira**

*Juíza de Direito do TJMG Comarca de Contagem*

**A**s magistradas integrantes do Clube de Leitura da Amagis se reuniram em 20 de outubro último na sede da associação, para celebrar o encerramento do ciclo de estudos de 2023, em uma roda de conversa em torno da obra *Becos da memória*, de Conceição Evaristo.

Com certo embaraço, confesso que, até a sugestão de leitura, não conhecia a renomada escritora Conceição Evaristo; apesar disso, expresso com alegria minha gratidão por ter tido a oportunidade de conhecê-la e de poder comentar aqui sua obra.

## Escrevendo a vida

Em *Becos da memória*, desde a primeira página, onde constam os agradecimentos, a escritora traz importante lição de vida. Conceição Evaristo nos informa que esperou vinte anos para publicar a primeira edição do livro. Diversas foram as negativas editoriais, afirma a escritora. Concluída no final da década de 1980, a primeira edição impressa ocorreu somente no ano de 2006.

Conceição Evaristo conta que muito se frustrou com as buscas malsucedidas para a publicação, a ponto de guardá-la na “*gaveta do esquecimento*”. Embora tenha esquecido, ainda bem que a “*gaveta*” estava lá para lembrá-la que não deveria desistir de trazer ao público o seu valioso conteúdo.

A grande lição extraída dessa passagem consiste em acreditarmos naquilo que nas profundezas de nosso (*in*)consciente sabemos ser importante. A negativa a um propósito não pode ser vista como o fim da linha, mas, talvez, como o recomeço imediato ou como uma pausa necessária.

Logo em seguida, ainda no início da obra, Evaristo usa o termo “*escrevivência*” para explicar como se deu a construção de “*Becos*”. A escritora explica que a escrita e a vida se confundem, numa mistura da ficção com as lembranças e experiências vividas por ela, sua família e os seus, ainda guardadas em sua memória. Diz que foi assim que, em poucos meses, terminou o texto.

“*Escrevivência*”, expressão linda, gostosa de ouvir e de falar. Leve. Que traz uma sensação boa. Que causa uma boa impressão. Assim, Evaristo nos envolve com sua narrativa, apesar da complexidade, densidade e riqueza das estórias narradas.

## Um retrato da desigualdade

*Becos da memória* tem especial sabor porque conta a história de moradores de uma favela, situada na região central

da minha cidade natal, Belo Horizonte, que foram desalojados de suas casas, no contexto da urbanização local, sem muitas explicações. Por esse motivo, a narrativa aguça especial curiosidade sobre as mazelas sociais denunciadas na obra.

Como profissionais do Direito e sendo um grupo composto por mulheres, não tinha como deixarmos de observar que a literatura de Evaristo apresenta diversos episódios de violações de direitos, como o direito à moradia, à dignidade da pessoa humana, violência de gênero, preconceito racial, preconceito contra a pobreza, alcoolismo, exploração no emprego, fome, miséria e desigualdade social. Evaristo também fala de afeto e de cultura. Demonstra que no meio de tanto sofrimento há espaço para a amizade entre os moradores, para a diversão nos festivais de bola e nas festas juninas.

Conceição Evaristo, belo-horizontina, nasceu em 1946. No livro, *Maria-Nova*, com 13 anos de idade, parecia ser a escritora, o que permite concluir que o desfavelamento narrado na obra teve início na década de 1960.

Após uma breve pesquisa, descobrimos que a favela retratada no livro é a “*Pindura Saia*”, informação que surpreendeu a nós todas. É que a favela se localiza na região Centro-sul de Belo Horizonte, no bairro Cruzeiro, onde está a sede da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis). Que coincidência!

Pelo desalojamento, os moradores foram indenizados com algum material de construção ou com uma quantia irrisória, que no final não dava para nada.

As pessoas viviam angustiadas, à espera de sua vez, sem saber como seria a nova vida em locais tão distantes. Sem saber como trabalhariam. Como estudariam. Sem saber a finalidade do desfavelamento, se era para a construção de um hospital, de um mercado ou de avenidas.

## Personagens vivos

*Tio Totó*, importante protagonista, com “*apelido de cachorro*”, filho de cidadãos escravizados, nasceu na vigência da “*Lei do Ventre Livre*” (Lei nº 2.040/1871). Totó não se importou de ser apelidado com nome de cachorro, diz a escritora, pois “*cachorro é amigo do homem*”. Quando conseguiu juntar as palavras, entendeu com alegria que “*Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro*”!

*Tio Totó* expressa sua tristeza com mais uma mudança em sua vida. Inconsolável, dizia: “*Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança*”.

*Mãe Joana* não sorria. Talvez pela dificuldade da vida.

“Como profissionais do Direito e sendo um grupo composto por mulheres, não tinha como deixarmos de observar que a literatura de Evaristo apresenta diversos episódios de violações de direitos [...]”

Os operários que moravam no local não sabiam ler.

*Fuinha* espancava a sua mulher e a sua filha, “*por tudo e por nada*”, até matar a primeira. Abusava sexualmente da segunda. “*Mulher é para gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha*”.

Mas, *Negro Alírio* tinha esperança. Era preciso lutar pelo direito de permanecer onde estavam. Era preciso reunir forças. *Negro Alírio* sabia ler. Era um “*construtor da vida*”.

*Dora*, por sua vez, gostava de ouvir a palavra ‘negro’ pronunciada por um negro, pois “*negro na boca de branco é para xingar: negro safado; negro filho da puta, negro baderneiro*”. *Dora* não pensava que os restos que ganhava das patroas correspondiam aos excessos que elas tinham.

As crianças criavam seus brinquedos imaginários. Inventavam doces e picolés.

*Vó Rita* era doce.

A festa junina era bancada pelos ricos, num acordo tácito entre os favelados e os vizinhos ricos do bairro, visando evitar o arrombamento das casas.

À medida que o desfavelamento avançava, o ódio crescia entre a comunidade. A mãe descontava no filho, com agressão. O homem espancava a mulher. Alguns se apegavam em Deus. “*Há de existir um Deus ao lado deles*”, escreve Evaristo.

*Bondade* fazia *jus* ao apelido. Ele contava histórias para *Maria-Nova*, menina curiosa que gostava de ler. Ainda pequena, “*se entretinha horas e horas com revistas e jornais que a mãe e a tia lhe traziam*”. À medida que conhecia o mundo, percebia que as histórias que ouvia se repetiam. A miséria era a mesma. Repetindo-se numa verdadeira ciranda sistêmica.

Contudo, o desejo de aprender impulsionava *Maria-Nova*. Mesmo com a fome no caminho da escola, mesmo como pouco dinheiro para comprar pão, a menina comprava o caderno, lápis ou borracha e seguia mestra dos irmãos menores e das crianças da vizinhança. “*Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação*”.

### Obra grandiosa

As breves pontuações acima revelam a grandiosidade da obra. Demonstram as vivências, as alegrias e o drama dos moradores, homens, mulheres e crianças, predominantemente negros, prestes a serem removidos de suas casas.

A obra, escrita no final do ano de 1980, demonstra que a realidade daquela época não era tão diferente da atual. Os relatos denunciam graves situações de vulnerabilidade humana.

Ainda bem que o gosto pelo saber de *Maria-Nova* não se perdeu na sua infância, diante de tantas dificuldades. Ainda bem que a menina fez seu sonho acontecer: “*Sonho que é uma vontade grande de o melhor acontecer; sonho que é a gente acreditar no que vê e inventar para os olhos o que a gente não vê*”.

Conceição Evaristo é graduada em Letras, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada. Foi laureada em 2023 com o Troféu do “*Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano*”, da União Brasileira de Escritores (UBE).

Ao pesquisar o significado de seu nome, descobri que ‘Conceição’ é de origem portuguesa. Significa fecundo, imponente, forte, elegante. ‘Evaristo’ indica uma pessoa movida pelo desejo de transformar tudo para melhor, na sua vida e nas condições da comunidade. Esta é Conceição Evaristo. Mulher forte, que se dedica a expor as dificuldades sociais com o evidente propósito de melhorar as condições da vida humana. Escreve sobre a discriminação racial, de gênero e de classe. Expõe seu trabalho com maestria.

Voa, Conceição!

Enquanto desenvolvia o presente artigo no meu pensamento, pretendia terminar com a frase, um pouco clichê: Voa Evaristo!

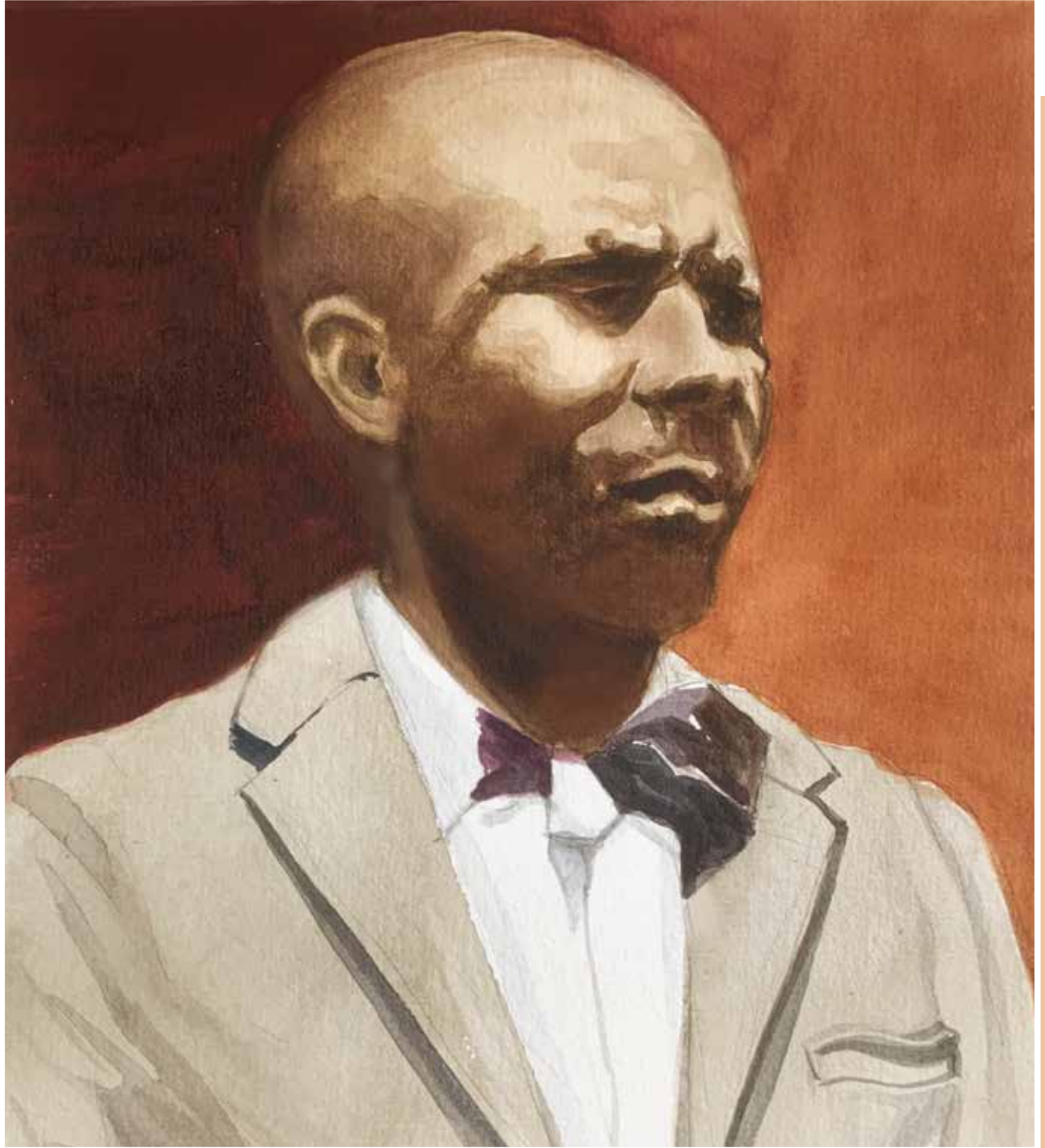
Mas vejo que ela já voou. Voou no desfile de Carnaval da Portela, representando, mais uma vez, o povo Negro. Voou e pousou na Academia Mineira de Letras! É a mais nova integrante da Academia, ocupando a cadeira de nº 40

Então, só me resta terminar, questionando, ansiosamente, para onde será seu próximo voo!

#### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- Evaristo, Conceição, 1946 - *Becos da memória*; - 3ª ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/conceicao/evaristo/> (acesso em 21/02/2024).

“Ao pesquisar o significado de seu nome, descobri que ‘Conceição’ é de origem portuguesa. Significa fecundo, imponente, forte, elegante. ‘Evaristo’ indica uma pessoa movida pelo desejo de transformar tudo para melhor, na sua vida e nas condições da comunidade. Esta é Conceição Evaristo.”



# Catarino, um elo entre Conceição e Guignard\*

**Eduardo de Paula**

*Artista plástico, professor aposentado da Escola de Belas Artes da UFMG, ex-aluno de Guignard*

## COLEGA CATARINO

**A**bre-se esta página com um relato que remete à segunda metade dos anos de 1950. São revelações oriundas da convivência do autor deste Blog\* com Oswaldo Catarino Evaristo, artista e ex-pracinha da Segunda Guerra mundial. Na intimidade, era tratado como Catarino.

Em 1955, contando 18 anos de idade, lhes digo que fui contratado como desenhista da revista *Alterosa*, com sede em Belo Horizonte. Assumi esse trabalho mesmo sendo autodidata, embora trazendo breve experiência em agência de publicidade. Pouco tempo depois, aconselhado por uma amiga, me matriculei na escolinha do Mestre Guignard. Nessa casa de ensino artístico, tive a sorte de me aproximar do personagem Catarino.

Na edição de 15.10.1959, a revista *Alterosa* publicou uma reportagem sobre Catarino. Preenchendo três páginas, foi assinada por André Carvalho, com fotos de Derly Marques e diagramada pelo autor deste Blog, nós quatro éramos amigos comuns.

Reescrevendo o que ali está e acrescentando mais detalhes, aqui interpreto essa história:

Ainda muito jovem, Catarino empregou-se na Telefônica Brasileira e pode conhecer vários países: Argentina, Bolívia, Paraguai, Chile e o além-mar, no Portugal. Viviu sempre atrelado com uma ou outra mulher, mas apenas em sonho. De vez em quando, as exibiu no papel, em versos de amor da sua lavra. Se pudesse, gostaria de estar junto delas em carne e osso.

Até que chegou o momento de prestar o serviço militar obrigatório, onde lhe fizeram soldado reservista de 1ª categoria, no 11º Batalhão do Exército, em São João del-Rei (MG). Logo depois, ao eclodir a segunda Guerra Mundial, meteram-no nela. Chegou à Itália em novembro de 1944, onde lutou pelo Brasil e viu morrer inúmeros amigos mais chegados. Como soldado prestava obediência, mas, uma vez que era muito humano e poeta, não conseguia se livrar do medo. Verdade é que, na guerra, teve participações corajosas e por elas recebeu várias medalhas.

Em certo momento, num confronto com os alemães, na região de Monte Castelo\*, vinte e cinco soldados do seu pelotão, inclusive ele, foram dados como mortos ou desaparecidos. Porém, no dia 12 de dezembro de 1944, Catarino reapareceu ileso junto aos seus, no povoado de Abetaia, nas cercanias de Gaggio Montano. Noutro combate, uma granada arrancou-lhe um pedaço da barriga da perna. Apesar das dores, guardou silêncio, com receio de ter que baixar no hospital. Porém, mancando e febril, teve que ir em frente, na própria Gaggio Montano, em direção ao Monte Castello. Por

“Como soldado prestava obediência, mas, uma vez que era muito humano e poeta, não conseguia se livrar do medo.”

lá, em meio à neve, participou de patrulhas, se expôs a bombas que cruzavam os ares e a rajadas de metralhadora, ao mesmo tempo em que evitava barreiras de canhões.

Em fevereiro de 1945, durante uma operação visando os alemães, ocorreu outro confronto, quando os inimigos foram rechaçados com força, embora havendo inúmeras baixas entre os brasileiros. Pouco dias depois, houve mais um combate vitorioso, mas com sabor de derrota, desde que o terreno ficou coberto pelo sangue de vários amigos. Mais adiante, houve a conquista de Castelnuovo, pelo 1º Batalhão, do 11º Regimento de Infantaria, e lá esteve mais uma vez Catarino. Em seguida, promoveram um ataque a Vergato, onde caíram num campo minado.

Em meio a tantas mortes, mesmo com os olhos já se acostumando com as terríveis cenas, a neurose foi tomando o soldado Catarino. Sufocava o homem e aniquilava o poeta. Por tudo isso, mandaram-no de volta à pátria, mas quando chegou à sua cidade, Belo Horizonte, encontrou-a muito tristonha e não lhe apresentava boas perspectivas. Num certo momento, com a neurose lhe consumindo, optou por mudar-se para Pedro Leopoldo, uma pequena cidade na vizinhança. Deu certo, porque lá encontrou Gilda, um caso amoroso que lhe serviu para aliviar dores da guerra.

Porém, retornou a Belo Horizonte, onde empregou-se como servente, em 1948, na Secretaria da Educação. Desde

\* Texto originalmente publicado no *Sumidoiro's Blog* (<https://sumidoiro.wordpress.com>), em setembro de 2021.

“Até que, em certa oportunidade, teve a sorte de manter contato com um grupo de alunos da escola de belas-artes do mestre Guignard, fato que provocou uma reviravolta na sua vida.”

então, suas poesias ficaram conhecidas, embora num círculo restrito e, esporadicamente, publicadas em um suplemento literário. Até que, em certa oportunidade, teve a sorte de manter contato com um grupo de alunos da escola de belas-artes do mestre Guignard, fato que provocou uma reviravolta na sua vida. Como o estabelecimento se organizava em cursos livres, nele se matriculou e experimentou várias especialidades: desenho, pintura, escultura, etcétera e tal. Tudo lá se encaixava muito bem com o espírito do poeta nato.

Apesar de tudo, ainda lhe faltava encontrar a verdadeira mulher da sua vida, uma vez que Gilda não passara de um relacionamento efêmero. Surgiu então no seu caminho uma mulher branca, que sentiu no preto Catarino uma alma afim e, por isso, tornam-se amigos. Assim, prosseguiram ao ponto de chegarem nada mais que ao amor platônico.

Ela o incentivava, animava, posava para retratos, fossem em desenho, pintura ou escultura. Fez-se também instrutora e apontava falhas, e caminhos. Curava tédios, apagava lembranças ruins. Enfim, procurava preencher quase todos os seus vazios. Para ele, havia surgido uma mulher perfeita, de nome Solange. Sobre o que veio depois? Infelizmente, Catarino não está mais aqui para contar...

#### Em família

Em 29 de novembro de 1946, Catarino teve uma grande alegria, nascera uma filha da sua irmã Joana Josefina Evaristo, lavadeira. Quando adulta, tornou-se professora universitária e escritora famosa. Nome: Conceição; sobrenome: Evaristo(6). Por suas próprias palavras, informou que possuía uma espécie de notificação do seu nascimento, lavrado pela Santa Casa de Belo Horizonte e acabou por dizer:

*“Tive esse registro de nascimento comigo, durante muito tempo. Impressionava-me, desde pequena, essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra.”*

O soldado artista Catarino, quando retornou a Belo Horizonte e enquanto estudou na escolinha de Guignard, morou no quartinho de um barracão na favela, junto com a irmã e sobrinhos. Quem esclarece é a sobrinha Conceição, que foi desperta para as letras pelo tio querido. Em depoimento, que fez em 2019, revelou:

*“Meu tio Oswaldo Catarino Evaristo possuía uma biblioteca no quartinho em que morava, mas de entrada independente, ao lado da casa de minha mãe. Biblioteca que minha mãe não nos deixava visitar e que era trancada quando ele saía para trabalhar. Imagino que era leitura só para adultos.”*

“ O desfavelamento da denominada favela do “Pindura Saia”, melhor dizendo, “Pendura Saia”, ocorreu em 1971.

Site “*Escrevendo o Futuro*”, 2019.

Certa feita, já adulta e morando no Rio de Janeiro, visitou o lugar da sua infância, mas que fora transformado em um bairro urbanizado. Dessa experiência, deixou por escrito:

*“Dali só reconheci a terra da favela\*. Sim a terra, o pó, o barranco, sobre o qual está edificado o “Mercado Cruzeiro”, no final da rua. Observei que, ao edificarem o prédio, conservou-se parte do barranco sem cimentá-lo. Pude contemplar o solo, a base da construção. Em um ponto qualquer daquele espaço, literalmente, está enterrado o meu umbigo. Sem que ninguém percebesse, alisei o chão e dele catei alguns fragmentos. Tive um desejo louco de tocar a boca nas minhas mãos.”*

E disse mais:

*“Durante toda a primeira infância, até ali por volta dos 10 ou 11 anos de idade, morou conosco na favela, em um quartinho à parte, meu tio materno Oswaldo Catarino Evaristo. Esse tio havia servido à pátria lutando na Itália, na Segunda Guerra Mundial. [...] Ao longo dos anos, ele estudou, desenvolvendo seus dons de poeta e artista plástico. E, mais do que isso, foi sempre um consciente questionador da situação do negro brasileiro. Repito sempre que a ele devo as minhas primeiras lições de negritude.”*

“Ao longo dos anos, ele estudou, desenvolvendo seus dons de poeta e artista plástico. E, mais do que isso, foi sempre um consciente questionador da situação do negro brasileiro.”



# Para sempre Bacamarte!

**Carlos Roberto Loiola**

*Juiz de Direito do TJMG, aposentado*

**C**rônicas antigas da caserna e devidamente publicadas em boletins literários do famoso, mas já extinto, *Jornal do Bentinho Queima-Campo*, editado no 2º GAC – Regimento Deodoro, de Itu, nos deram a conhecer onde nasceu a alcunha de nosso intrépido e quase centenário Coronel Bacamarte, que vez ou outra ainda é visto fazendo caminhadas matinais pela Praça João Pinheiro, em Pouso Alegre, sempre de braços dados à sua amada e doce Ermelinda, também já beirando o centenário.

As cinco últimas edições mimeografadas desse fabuloso jornal ituano de deveras outrora chegaram-me às mãos por um desses caprichos da mais pura sorte, encontrados que foram dobrados no interior de um velho alfarrábio de mais de dois quilos, sobre artilharia, que adquiri de um sebo, pelos correios, talvez esquecidos ali pelo antigo dono. Pela qualidade da impressão, vê-se que teve circulação bem limitada, mas, pelo conteúdo, em tudo supera os hodiernos, mormente os de circulação que se pretendem universais.

Bentinho Queima-Campo realmente fez sucesso incensurável em nossa literatura, tanto que livros com suas antigas histórias, novinhos em folha, ainda são publicados e comercializados. Merecia realmente um jornal de caserna, palco de tantas histórias memoráveis. E pelo fabuloso conteúdo literário desse periódico (dos poucos exemplares que me chegaram às mãos), posso vos garantir, sem qualquer receio de estar sendo injusto, ainda não foi superado por quaisquer outros congêneres, ainda mais os que circulam atualmente pelas redes sociais, em especial os planaltinos, muito distantes de se compararem ao *Jornal do Bentinho Queima-Campo*, bem poderiam ser chamados de *Jornal do Queima-Rosca*. Não têm nada de caserna.

Mas deixemos de firulas palacianas e vamos ao que nos interessa.

Nascido no imenso e mais famoso casarão da Rua Nova, reformado e caiado de branco e com 50 janelas verdes para cada lado, um pátio no centro e numerosos cubículos, na pacata Itaguaí, numa madrugada chuvosa do dia 24 de outubro do ano da graça de 1929, foi batizado Stanislaw Cornélio Silva e Lima e, a bem da verdade, sempre lembrava o próprio aos amigos mais chegados, não sem um certo ar sarcástico no rosto: “– *Aquele não foi bem um ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, como consta nas escrituras; muito menos aquele dia de enorme desgraça. Não, evidentemente, em razão de meu natalício, pois disso dou graças ao Senhor, mas pelo raríssimo fato de que ao nascer foram rompidas duas bolsas, e não apenas uma, como é de costume em casos que tais: o de minha querida mãe, naturalmente, e a da Bolsa de Nova York. A desgraça foi a segunda*”.

A alcunha de Bacamarte, que sempre ostentou com orgulho e galhardia, esta recebeu ainda nos tempos do 8º Re-

gimento de Artilharia Montada, hoje o valoroso 14º Grupo de Artilharia de Campanha. Deve-se em especial às brincadeiras literário-filosóficas-fanfarronas de seus pares oficiais, estes sim bem familiarizados com a arte machadiana, não só pelo fato de ter nascido no casarão dantes especificado, mas igualmente pelo rigoroso costume de estar sempre enquadrando nos regulamentos militares o autor de quaisquer mentiras, aleivosias, falsidades e embustes de toda ordem. Verdadeiro sábio, amante dos melhores vinhos e acima de tudo da ciência e da mais lúdica verdade, a mentira sempre foi para Bacamarte um nefasto indicativo de perda das faculdades mentais.

Nunca escapou das gozações de ter nascido no casarão construído pelo famigerado Simão Bacamarte, ícone das penas do fundador da Academia Brasileira de Letras e maior (o Simão) dos médicos do Brasil, Portugal e Espanha, quiçá das Américas, África e Europa, alienista que fez história na arte de curar mentes doentias, loucos de todo gênero e escarafunchador dos profundos recantos da patologia cerebral.

Contudo, nosso intrépido coronel artilheiro não chegou a participar de nenhum evento bélico, propriamente dito. Talvez sua missão militar mais belicosa tenha sido uma blitz rodoviária, nas proximidades do Pico da Bandeira, na época da ditadura militar, ocasião em que foram presos alguns subversivos comunistas, e fez carreira sempre longe das lides e contendas armadas, preferencialmente às sombras dos vinháticos e sapucaias, ou outra árvore igualmente frondosa nas muitas incursões que fez pela Amazônia geral como integrante de alguma expedição do Projeto Rondon. Mas não havia uma só peleja histórica, desde os tempos dos Césares, passando pelos Guararapes e pelas guerras napoleônicas, que se revelasse incapaz de descrever todos os movimentos de cada uma das armas, cada um dos batalhões, cada uma das peças de artilharia, nos respectivos momentos dessas batalhas todas.

Foi para a reserva sem as láureas do generalato, mas colecionou um respeitadíssimo número de condecorações, cadarços com variados nós, cruces, alfinetes e medalhas as mais diversas com símbolos guerreiros, espadas e águias gravadas em cobre ou latão amarelo e ornadas com fitas multicoloridas, relíquias próprias e de terceiros, guardadas num enorme quadro na parede da sala de estar sobre um feltro vermelho e protegidas por uma fina folha de vidro e que poderiam até bem fazer a alegria de qualquer escoteiro júnior ou criança afeita a colecionar selos ou tampinhas de garrafas, se é que ainda exista alguma neste abençoado país calhada a estes nababescos e faustuosos passatempos de outrora.

Apesar dessa valiosa descoberta acerca do passado mais longínquo, proporcionada acidentalmente pelos boletins li-

“Naquela feliz manhã de final de dezembro, como um presente natalino, um desses milagres cada vez mais raros estava acontecendo naquele apartamento: o destemido Coronel Bacamarte havia despertado de sua longa primeira infância provocada pelo mal de Alzheimer. ”

terários descobertos pelo acaso, o que nos move realmente é o presente, na verdade um passado mais próximo, conquanto estes visceralmente ligados àquele, conforme podereis observar, se a tanto dispostos a ler apenas mais algumas laudas, coisa que, tenho notado, está ficando cada vez mais rara hoje em dia.

Levantou-se bem antes do toque da alvorada soar lá pelos lados do Jardim Yara e olhou pela janela da área de lavanderia de seu pequeno apartamento do 12º andar, na Praça João Pinheiro. O 14º GAC ainda se escondia sob a cerração que caía sobre a vargem do Rio Mandu. E nosso intrépido Coronel Bacamarte, para espanto de Dona Ermelinda, vestiu sua farda de desfile cívico-militar cuidadosamente guardada há mais de 40 anos no guarda-roupas de jacarandá-rosa, calçou as meias de seda pretas e o sapato social, abotoou cuidadosamente cada um dos botões dourados da farda, colocou o quepe, ajeitou a gravata verde musgo à frente do espelho e pomposamente empossou sua espada de oficial de artilharia, com bainha de prata e adquirida num antiquário de Paris, numa das incursões feitas naquelas terras vinícolas para dar a conhecer onde foram travadas antigas guerras napoleônicas.

Altivo, foi até a sala, abriu o enorme quadro de relíquias militares e se autoproclamou titular da Medalha da Imperial Ordem do Cruzeiro, da Medalha de Ouro da Independência, Cavaleiro Imperial da Ordem da Rosa, Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, afixando cada uma delas no seu fardamento. Outras não as afixou, menos por julgar suficientes tantas glórias e honrarias, mais em razão da ausência de espaço no jaquetão já todo decorado de insígnias e estrelas gemadas para dispô-las em perfeita ordem unida, como sempre gostava de fazer em tudo que tocava.

Num móvel também de jacarandá, este trazido de Rondônia, ao lado da pequena árvore de Natal, contemplou por alguns minutos diversas fotografias nos incontáveis porta-retratos, em especial a que mais gostava, a primeira foto colorida sua, posando à moda de Napoleão Bonaparte ao lado de seu primeiro automóvel zero quilômetro, um possante Ford Mustang v-8, carburador Stromberg, 1969, vermelho, foto tirada em frente ao Portão da Academia Militar das Agulhas Negras.

Dirigiu-se militarmente, ao depois, defronte o espelho próximo da varanda, repetiu a napoleônica cena da fotografia mettendo a mão por debaixo do jaquetão verde e experimentou, silenciosamente, alguns comandos dos bons tempos de tropa: sen... tido! Descan... sar! Ombro... arma! Apresentar... arma!...

Ainda meio confusa com aquela situação, sem saber se ainda estava sonhando ou se tudo era mesmo realidade, Dona Ermelinda acendeu a luz do abajur ao lado da cama e percebeu que estava sozinha no quarto e sobre a cadeira, num canto, estavam o pijama e a fralda abandonada à sorte de seu amado esposo. Levantou-se apreensiva e foi até a sala, encontrando nosso intrépido coronel marchando de um lado a outro, como costumava fazer nos áureos tempos da lucidez completa.

Naquela feliz manhã de final de dezembro, como um presente natalino, um desses milagres cada vez mais raros estava acontecendo naquele apartamento: o destemido Coronel Bacamarte havia despertado de sua longa primeira infância provocada pelo mal de Alzheimer. Voltava a ser aquele bravo guerreiro de outrora. Ela sorriu para o marido; ainda incrédula e toda desconfiada apenas o cumprimentou:

– Oi, você está melhor hoje, querido?

– Nunca estive tão bem!

E para completa felicidade da esposa perplexa, completou:

– Ermelinda. Minha doce e linda Ermelinda.

Fazia pelo menos quatro anos que ele não conseguia se lembrar de seu nome e quem ela era; nem mesmo de quem ele próprio era. Aquele “– *Ermelinda, minha doce e linda Ermelinda*” soou não apenas como uma formosa declaração de amor, sobretudo como um grande milagre de Natal.

– Você se lembra, minha linda, daquela vez que eu voltei lá do Mato Grosso, daquela expedição com o pessoal da Brigada de Selva?

– Claro que me lembro, meu velho. Você me trouxe um lindo colar de dentes de jacaré, feito pelos índios que vocês encontraram por lá... Você me disse que os índios daquelas terras acreditavam que as forças daqueles animais se encarnavam na pessoa que usasse o colar. E eu sempre acreditei nisso, porque sempre fui muito forte esses anos todos...

– Pois é, minha doce e linda Ermelinda... Aquilo sempre doía em mim. Sempre achei aquilo uma coisa sem sentido, coisa de gente primitiva, ignorante, deserdada de espírito, como diria o próprio Simão Bacamarte em pessoa. Acreditar que o jacaré que morreu vai trazer forças para a pessoa que usar o colar feito com os dentes dele... Isso sempre incomodou-me deveras, doía-me por inteiro, até no mais íntimo d`alma. Como alguém pode pensar uma coisa dessas? – sempre me perguntei. Mas ontem à noite eu vi pela televisão, numa entrevista, um soldado estranho, sem fardas, feições semelhantes àquele triste soldado francês atravessado por uma espada, da pintura de Goya que vimos na última viagem para Toledo, sorrindo laconicamente e insinuando que se a gente tomar essa vacina da Covid pode acabar virando jacaré... Sujeito pé-de-cão!

Não tendo visto a reportagem, a velha imaginou que o milagre havia se dissolvido, não havia durado mais que uns poucos segundos, mas foi novamente interrompida por seu amado artilheiro.

– Lembrei-me na hora, Ermelinda, daquela tribo de gente tão forte e bonita lá do Mato Grosso. Gente feliz, guerreira de verdade. E a dor que eu sentia daquelas bobagens todas dos índios, esses anos todos, passou, de repente. E durante o sono desta noite lembrei-me da expedição inteira, desde que saímos de Brasília, do meu Jeep 1951, que havia sido do General Mascarenhas; do cabo motorista, o Vilas Boas; da chegada na tribo dos Kiquinau; da caçada daquele enorme jacaré que os índios fizeram para nos homenagear; das gentis índias tecendo o colar de dentes que eu trouxe para você; tudo, tudo, até o retorno para cá; dos rostos e dos nomes de cada um da nossa tropa. Tudinho, tudinho, nos mínimos detalhes. Não sinto dor alguma nesta manhã, minha linda. Não é essa tal de *fake news* que tanto se discutiu no programa da televisão, ontem à noite, logo depois que o soldado falou, minha linda. Não é nada disso! Parece que a verdade é um bom remédio mesmo, toda a dor deixa de doer se aceitamos esse medicamento. Os índios é que estavam certos, sabe... Vamos lá, minha doce e amada Ermelinda, vá se vestir; hoje a gente vai tomar mais uma dose da vacina.

“Você me disse que os índios daquelas terras acreditavam que as forças daqueles animais se encarnavam na pessoa que usasse o colar.”



*J. B. Campos, em retrato pintado por José Maria Ribeiro, especialmente para MagisCultura. Técnica: Nanquim sobre papel.*

# Retratos de presidentes ajudam a preservar memória do TJMG

**Manoel Marcos Guimarães**  
*Jornalista, editor de MagisCultura*

Dois artistas mineiros são os autores dos retratos dos ex-presidentes do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), expostos no Salão Nobre do Palácio da Justiça, na avenida Afonso Pena, 1420, em Belo Horizonte: João Bosco Campos, que assinava J. B. Campos, e José Maria Ribeiro. JB Campos é o retratista de 46 ex-presidentes, de Brito Guerra a Cláudio Costa, e José Maria Ribeiro, contratado após o falecimento de J.B. Campos, pintou outros cinco, de Joaquim Herculano a Nelson Missias de Moraes, e já está trabalhando nos de Gilson Lemes e José Arthur Filho (veja lista).

A galeria começou a ser montada em 2009, na gestão do presidente Sérgio Resende e tendo como superintendente da Mejud o desembargador Hélio Costa, e foi inaugurada em 27 de maio de 2010. Servidora concursada do Tribunal e, à época, assessora de Relações Públicas e Cerimonial, Heloísa Maria Penido de Azeredo lembra que foi uma *"festa inesquecível, com a presença maciça dos presidentes vivos e de familiares dos já falecidos"*.

Foi ela também que coordenou a parte técnica da seleção realizada para escolha do artista, *"mediante edital bem amarrado, para garantir a qualidade, com inexigibilidade de licitação"*, como consta no processo nº 1151/2009. No parecer 146/2009 aprovando a inexigibilidade, a Ascont afirma que *"superada a questão formal, há que se asseverar a importância da instituição, manutenção e conservação do acervo histórico desta E. Casa. A história é dinâmica, está sempre em movimento, sempre se modificando ao longo dos acontecimentos. Dessa feita, torna-se essencial a promoção de atos que assegurem a lembrança dos fatos célebres e importantes relacionados às atividades deste Tribunal. A história, se não conservada, se perde e deixa de cumprir o seu papel fundamental junto às gerações futuras, que é o de instruí-los no desempenho de seu papel social."*

## **JB Campos, paisagista e retratista**

A contratação de João Bosco Campos foi decidida com base em proposta na qual ele apresentou seu vasto currículo *"de artista plástico impressionista, com experiência de mais de 30 (trinta) anos de carreira, reconhecido nacional e internacionalmente, em virtude de trabalhos feitos para instituições públicas e particulares"*. Entre essas, ele citou retratos para a Santa Casa de Belo Horizonte, a Universidade Católica de MG e a Câmara Municipal de BH, além de *"exposições em diversas galerias no Brasil e no exterior"*. O preço foi de R\$ 1.930,00 por retrato, o mais baixo entre os três concorrentes.

A execução do trabalho durou aproximadamente nove meses, segundo Heloísa Azeredo, que acompanhou o artista em todos os passos. *"Ele tinha ateliê no bairro Planalto e, felizmente, os presidentes vivos e familiares dos demais foram muito receptivos, fornecendo fotos e se dispoñdo a posar, quando era o caso"*, diz ela. A maioria dos retratos, naturalmente, foi feita com base em fotos.

Nascido em Itamarandiba, no Vale do Jequitinhonha, em 5 de março de 1964, J. B. Campos tinha 45 anos à época da contratação e já era um artista reconhecido, não apenas pelos retratos que pintara para outras instituições, mas também por suas paisagens rurais, focalizando sempre o interior mineiro. Começou autodidata, mas fez curso de aperfeiçoamento da Escola do Parque Lagte, no Rio de Janeiro. Faleceu em 21 de julho de 2012, aos 48 anos, vitimado por um tumor no cérebro.

A homenagem de *MagisCultura* a ele é feita a seguir com depoimentos de seu irmão Geraldo Carlos Campos, juiz de direito do TJMG, aposentado, e de sua filha, Letícia Campos.

**“Torna-se essencial a promoção de atos que assegurem a lembrança dos fatos célebres e importantes relacionados às atividades deste Tribunal.”**

## DEPOIMENTO

# Um artista do seu tempo

**Geraldo Carlos Campos**

*Juiz de Direito do TJMG, aposentado*

“Impressionista, as suas obras retratam as coisas simples do cotidiano, mormente a vida rural, tais como o arrear de animais; galinhas ciscando; a capina; brincadeiras de crianças; procissões religiosas; marujadas; as lavadeiras na lida diária, para citar algumas.”

João Bosco Campos, artista plástico, conhecido artisticamente por JB CAMPOS, é natural de Itamarandiba/MG, Vale do Jequitinhonha, quarto filho de uma numerosa família de agricultores.

Autodidata, o talento artístico logo fora revelado e percebido por uma professora do curso primário, Graziela Costa, que, com muita sensibilidade e humanidade, não só o encaminhou nas primeiras orientações, mas também lhe forneceu alguns materiais, comprando dele a primeira tela, a título de incentivo.

Evidentemente, naquela jornada, outras almas bem-aventuradas lhe estenderam as mãos, não se podendo esquecer do historiador e também artista plástico Paulo Pavie, de saudosa memória, que lhe desvendou os primeiros mistérios da magia das tintas e das cores.

Na adolescência, aventura-se na Capital mineira em busca de oportunidades e logo se integra nas referências de Edgar Walter, Alberto Braga, dentre outros. Aperfeiçoou-se nas técnicas de pintura na Escola de Artes Visuais no Parque Lage, no Rio de Janeiro/RJ, sob a orientação do também artista plástico e professor Roberto Leal. Ali, aprendeu anatomia, especializando-se nos retratos, a sua grande vocação.

Impressionista, as suas obras retratam as coisas simples do cotidiano, mormente a vida rural, tais como o arrear de animais; galinhas ciscando; a capina; brincadeiras de crianças; procissões religiosas; marujadas; as lavadeiras na lida diária, para citar algumas. Na arte, não se limitou à pintura. Prestigiava o folclore e era comum frequentar os “pousos” das Folias de Reis nas roças da terra natal, juntamente com os tios, primos e amigos.

Entretinha-se também nas cantorias acompanhadas de violão e acordeão e não fugia de uma boa prosa. Considerava-se abençoado por Deus, por permitir-lhe viver a plenitude da arte e dizia sempre que “*talento não se reproduz; é um dom emprestado por Deus*”. No mais, seria “*dedicação, persistência e estudo, como em qualquer outro ramo de atividade*”.

Faleceu ainda jovem, aos 48 anos, e os seus restos mortais jazem na “*terrinha*”, cuja Casa de Cultura leva o seu nome.

## DEPOIMENTO

# Meu pai, um artista múltiplo

**Letícia Capistrano Campos***Filha de J. B. Campos*

*“Talento não se produz.  
Creio que é um dom  
emprestado por Deus”.*

J. B. Campos

Meu pai nasceu em Itamarandiba, no dia 5 de março de 1964. Apesar da infância pobre no Vale do Jequitinhonha, foi uma criança feliz. Ele contava histórias interessantes, de que me lembro com carinho, como da vez em que pulou o muro da casa paroquial e roubou uma galinha para cozinhar e comer com os amigos.

Ele se lembrava com carinho da Dona Graziella, a professora que lhe deu os primeiros materiais que despertaram seu interesse pela arte.

Me contava que precisou trabalhar desde muito cedo para conquistar tudo na vida e que, quando veio morar em Belo Horizonte, ia a pé do bairro Floresta até o Colégio Estadual Central para assistir às aulas, muitas vezes sem ter o que comer.

Ele e minha mãe se conheceram enquanto ele cantava e tocava violão. Ele amava música sertaneja e cantava como ninguém. Tinha uma bela voz e, como na pintura, também aprendeu a tocar violão sozinho; um autêntico autodidata. Por vezes, fecho os olhos e consigo escutá-lo tocando e cantando todos os dias à noite na nossa casa, quando eu chegava da escola. E depois jantava e se deitava comigo no sofá da sala, até que eu adormecesse e ele me levasse no colo até a cama. Todos os dias, sem falhar. Ele era bastante preocupado e bravo, mas também muito amoroso. Me levava e buscava todos os dias na escola, na faculdade... até adoecer.

Sempre admirei meu pai por sua história.

Adoro também minha avó, Dona Maria, uma mulher à frente de seu tempo. Com dedicação, persistência e esperança, ela ‘estudou’ seus filhos, muito embora morassem na zona rural, no Vale do Jequitinhonha, há cerca de 60 anos, quando o acesso aos estudos era ainda muito precário. Minha avó repassou valores importantes ao meu pai: honestidade, integridade, idoneidade, sentimento de família e, sobretudo, fé. Tenho muita sorte de ter também herdado os mesmos valores, repassados ao longo das gerações.

## Um empreendedor, pela família

Além do João Bosco artista plástico, que levou nossa querida Minas Gerais ao conhecimento do mundo, poucos sabem que ele foi um grande intelectual.

Era inteligentíssimo. Foi artista plástico, empresário, comerciante, construtor; se preocupava com a saúde financeira e com o conforto da família. Sempre esteve pronto para ajudar qualquer pessoa que precisasse. Não é raro encontrar pessoas que dizem ser eternamente gratas por algo que meu pai lhes tenha feito.

Era um sábio. Eu sempre o questionava muito quanto às decisões que tomava para minha vida, mas hoje sou muito grata por tudo que fez por mim. Um exemplo, é de quando me obrigou a ingressar numa faculdade que eu não queria. Hoje, graças a isso, sou servidora pública e me encontrei nessa carreira. Atualmente, sou chefe de gabinete da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais. Me lembro o quanto ele chorou ao me levar pela primeira vez à Cidade Administrativa para meu primeiro estágio. Ele parecia enxergar o futuro de forma diferente!

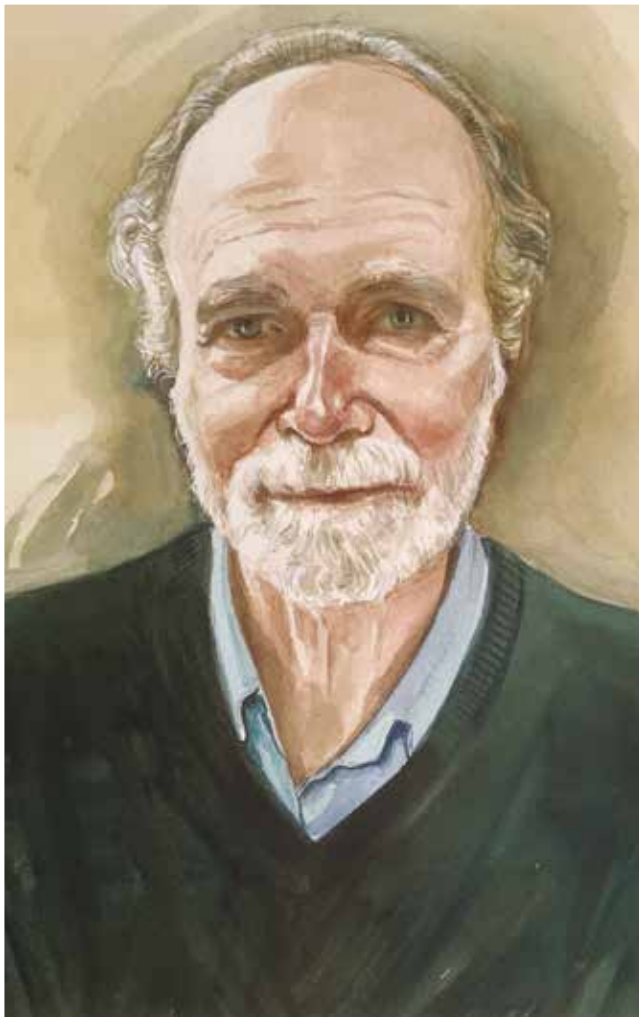
Aos 48 anos de idade, meu pai descobriu um câncer no cérebro, um glioblastoma multiforme Grau IV. Houve um encontro de grandes itamarandibanos naquele momento. Ao saber o diagnóstico, meu pai procurou o Dr. Sebastião Gusmão, um dos mais renomados neurocirurgiões do país, seu conterrâneo. Eu o acompanhei na consulta. O Dr. Sebastião, ao ver os exames, determinou sua imediata internação, para fazer a cirurgia de retirada do tumor e iniciar o tratamento. Naquele momento, ele já havia perdido parte da visão, algo muito caro para ele, pois era o que lhe permitia pintar. Meu pai estava fraco, triste, não conseguia mais pintar. Naquele dia, eu o deixei sentado num banco do hospital e corri atrás do Dr. Sebastião para perguntá-lo sobre o futuro. Ouvi dele que infelizmente era um câncer extremamente agressivo e sem cura, com prognóstico variável, mas com sobrevida de não mais de dois anos. Apesar de ter recebido o melhor tratamento disponível, ele acabou falecendo em 21 de julho de 2012. Quando faleceu, estava preparando a publicação de um livro com sua história, que não foi publicado.

J. B. Campos partiu, mas deixou viva em nós a lembrança do grande homem que foi. Deixou sua marca no mundo através da arte. Arte que retrata a de muitos mineiros e que tanto nos orgulha.

## Retratos pintados por J. B. Campos

Brito Guerra – Alves de Brito – João Bráulio – Augusto Olyintho – Prestes Pimentel – Theóphilo Pereira – Ferreira Tinóco – Saraiva Sobrinho – Edmundo Lins – Hermenegildo de Barros – Arthur Ribeiro – Raphael Magalhães – Tito Fulgêncio – Rodrigues Campos – Baptista de Oliveira – Amílcar de Castro – Aprígio Ribeiro – José Alcides Pereira – Alencar Araripe – Gonçalves da Silva – Pedro Braga – Faria e Souza – Helvécio Rosenberg – Mello Júnior – Edésio Fernandes – Ferreira de Oliveira – Natal Campos – Hélio Costa – José de Castro – Reis Alves – Régulo Peixoto – Werneck Côrtes – José Arthur – Otaviano Andrade – Fernandes Filho – Vaz de Mello – Costa Loures – Monteiro de Barros – Paulo Tinóco – Lúcio Urbano – Sérgio Lellis Santiago – Gudesteu Biber – Corrêa de Marins – Hugo Bentson – Orlando Carvalho – Cláudio Costa.

# José Maria Ribeiro, um sucessor de qualidade



O atual retratista dos ex-presidentes do TJMG é José Maria Ribeiro, um dos mais renomados artistas mineiros nessa especialidade, para quem retratar uma pessoa não é apenas reproduzir sua fotografia: *“Não basta reproduzir com fidelidade o retratado; a pintura em si, a arte, tem que ter relevância”*, diz ele. E complementa: *“Eu prezo muito a questão artística; o retrato pintado não é apenas uma ilustração”*.

Ele não conheceu pessoalmente seu antecessor, embora tenha disputado com ele a concorrência do Tribunal, mas considera o trabalho dele *“muito bom, ele era um ótimo retratista, pena ter falecido tão novo”*. Desde a morte de J. B. Campos, José Maria tem sido selecionado para retratar os presidentes do TJMG, a partir de Joaquim Herculano.

Além do Tribunal, ele é também o retratista dos reitores da UFMG, desde o de Gerson Boson, em 1973, e de presidentes de algumas entidades, entre as quais o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. A maioria dos retratos ele pinta a partir de fotografias, mas diz preferir fazê-los com o modelo ao vivo: *“Pela fotografia, é mais trabalhoso, fica muito frio”*.

Natural de Bambuí e hoje morando em Lagoa Santa, onde tem ateliê, José Maria é também exímio paisagista, mas dedica a maior parte de seu tempo aos retratos. *“Comecei muito cedo, gostava de desenhar, fiz retrato do meu avô quando ainda era criança”*, conta. Depois, trabalhando como contínuo no banco BMG, aos 14 anos, *“desenhava os colegas, fazia retratos para as namoradas deles”*.

Aos 18 anos ingressou na Escola de Belas Artes da UFMG e passou a frequentar os festivais de inverno, em Ouro Preto, onde teve contato e aprendizado com pintores de todo o país. *“Há quem goste de se declarar autodidata; eu não, eu digo que estudei muito e aprendi com muita gente boa”*, completa.

## Retratos pintados por José Maria Ribeiro

Joaquim Herculano - Bittencourt Marcondes - Herbert Carneiro - Geraldo Augusto - Nelson Missias de Moraes - Gilson Lemes (\*) - José Arthur Filho (\*)

(\*) no fechamento da edição, estavam em execução

# Palavra

**Luziene Medeiros Barbosa Lima**  
*Juíza de Direito do TJMG*

**F**oi com a palavra  
 que aqui cheguei  
 e será com a palavra  
 que daqui partirei!

A palavra é meu sustento  
 e meu bem maior,  
 meu refúgio na dor  
 que me faz viver!

Com a palavra eu desabafo,  
 com a palavra me revelo  
 ao definir o meu querer,  
 e o meu julgar!

A palavra é meu desafio  
 e minha resiliência  
 é quem dá força ao meu temor  
 e inibe dentro de mim meu ser vingador!

A palavra me completa,  
 me acalenta a alma  
 e me faz perdoar  
 o mais vil perseguidor!

A palavra é, também,  
 minha mais doce expressão de amor,  
 pois cresce e vive para sempre,  
 neste meu peito sofredor!

Por isso, quando um dia, enfim,  
 a morte meu corpo abraçar,  
 e minha boca, então, calar,  
 minha palavra ainda viverá!



### Sertanismo epopeico

Vai velho rio  
 Desde serrana nascente  
 Em complacente alvedrio  
 Atender ao clamor dessa  
 gente.

O sertão teu caminho  
 Terra sem água, insana,  
 Clama pelo carinho  
 A bondade franciscana.

As lágrimas de teu leito  
 Borrifadas na descida  
 Um milagre liquefeito  
 Água benta esparzida.

Surubins, dourados, barqueiros  
 Há vida nas corredeiras  
 A graça na fé de romeiros  
 Abundância nas videiras.

Januárias são várias  
 E mais do que três Marias  
 Lavadeiras entoam árias  
 Nos poços de calmarias.

És candura sem mágoa  
 Alma pura que irradia  
 Nos tombos de tua água  
 Correntes de energia.

Tua unidade separa  
 Benfazeja dubiedade  
 Linha d'água que ampara  
 E divide a irmandade.

Passarada voando  
 Pouso em gaiola presa  
 Sobradinho malogrando  
 O entrave da represa.

Seguir duradouro  
 Traçado destino  
 Berço de ouro  
 Fadário marino.

Segues peregrino  
 Claro gesto de amar  
 Dás o doce ao salino  
 Mineiro em busca do mar.

# Dois poemas

**Renato César Jardim**

*Juiz de Direito do TJMG, aposentado*

## Presente do pretérito

(Num passado pelas ruas da Cidade Jardim)

O homem que vende biju  
Traz nas costas um baú.

O amolador de facas  
Assobia nas catracas.

Já o vendedor de pirulitos  
Deixa os meninos aflitos.

E o velho do lambe-lambe  
Não quer que o sol descambe.

Um ressuscita a matraca  
(a madeira não pode ser fraca)  
Anuncia a tagarela  
O biscoito que esfarela.

O outro pedala a engrenagem  
(motor elétrico é bobagem)  
Esmerila até amolar  
(e como amola)  
As facas que vão enxergar.

Coloca as balas o doceiro  
Num estranho tabuleiro  
Pegando nos palitinhos  
As encaixa nos buraquinhos.

O retratista avestruz  
Esconde a cara num capuz  
Revela sua arte  
Andando por toda parte.

A saudade felizmente  
Alegra a vida da gente  
Fica algo intrinsecamente  
E o passado é presente.



# Quatro poemas

**Aldina Soares**

*Juíza de Direito do TJMG*

## Palavras

**E** screvi palavras truncadas,  
Sem sentido ou quase algum,  
Alforriei sentimentos,  
Freei corpo em ânsia.

Faço-me nelas, as coitadinhas,  
Tão belas e diáfanas  
ou secas, amargas e cruéis.

Quem as lê, não as entende,  
ou, me captam a mente.  
Digo verdades, leem falácias.

Que seja assim, então.  
Sigo-as de longe e perto,  
Tão minhas,  
Como nada mais é.

## Tantas Lagoas

**A** pego não exprimido  
desvia-se do prumo  
e em Lagoas, mais que uma,  
se faz naufrago.

Definhado,  
experimenta o amargo da terra.

Faz dia virar noite.  
Encanto em trovão.

Cava a própria cova  
na quimera de visitar  
as águas profundas e várias  
de quem se dista no perdido tempo.  
Conselheiro da cobardice.

## Eterna

**N** ão fosses tu,  
Não seria eu.  
Amor indestrutível,  
Laço,  
Forno de acolhida.  
Mãe.

## Nefasta

**C** asa nefasta  
Aprumada em dois andares  
Pintada em marrom escuro  
E desalentos.  
De varandas longas  
Janelas fechadas  
E tristeza eterna.  
Envaidecida de posses  
Esvaziada de harmonia.

García Márquez,  
Sobre ela escreveria  
Mulher dependurando roupa,  
com ponto final em voo livre da  
agonia.



# Dois poemas

**Llewellyn Medina**

*Desembargador do TJMG, aposentado*

## Sou do tempo em que Dom Dom jogava no Andaraí

**P**ensava ser imortal fininho esbelto malandro  
jogava pelada se achava o maioral  
não perdia ensaio de escola de samba  
decorava samba enredo marchinha de carnaval  
queria ser mestre sala consagrado  
conduzir passista com donaire e graça  
sambista de raiz respeitado na praça  
chapéu branco gracioso gesto pra moçada  
presto curva-se como se quisesse dizer  
isso não é metade de que mereço  
coroem-me com o cetro de Carlos Sexto  
erijam-me escultura de Rodin  
emoldurem meus pés na calçada da fama  
escrevam livros e enciclopédias sobre mim

sou do tempo em que Dom Dom jogava no Andaraí  
acho que Dom Dom se espelhou em mim  
Ney Lopes tornou-o imortal  
sobre mim nem notinha no jornal  
continuo anônimo e agora cansado  
mal não faz vivo bem no passado.



## Esse doloroso mistério que se chama lembrança

**S**im  
vimo-nos tão pouco e fortuitamente  
nos surpreendemos com nossas teatrais representações  
nossas conversas repetitivas e banais  
telefonemas mecânicos não encantam  
não provocam calafrios deslumbramentos  
preciosos dias fugiram entre nossos descarnados dedos  
já não apreendem incapazes de milagres e de arrebatamentos  
perderam-se as descobertas de ocultos encantos

diferentemente daqueles dias de então  
nossos indomáveis dedos corcéis árabes  
voluptuosos e perscrutadores de emoções  
descobridores de ocultas trilhas tantas vezes trilhadas  
sob a rija pele denunciadora de milagres

lembra

esse doloroso mistério que se chama lembrança  
faculdade que minh'alma perdeu o traquejo de exercitar  
fico triste e mergulho em amenidades  
que me atrofiam e afogam

“pode imaginar a solidão  
como pode ser sufocante”

a culpa é toda minha e tão somente  
por não ter te abraçado mais e ao aprisionamento  
ter olhado fundo no fundo de seus olhos de seda  
discutido com enlevo platitudes  
me embevecido com a leveza das coisas simples  
com que você por exemplo dizia “eu te amo”  
como se fosse verdade imorredoura e definitiva  
e portanto desnecessária

lembra

pensar que envelheceríamos com nossas virtudes  
mas são nossos defeitos que nos vergam os ombros  
se não fui capaz de ser feliz com você  
mais infeliz sou nesse abandono  
envelhecemos tristes e solitários  
executamos os últimos acordes  
do terceiro movimento do concerto de nossas vidas.

# Prelúdio ao meio dia

**José Maria Starling**

*Juiz de Direito do TJMG, aposentado*

O sol não é o mesmo de  
ontem  
Queimando minha pele  
Sua lembrança flamejante

O vento não é o mesmo de ontem  
Levando me às lonjuras  
De nuvens no horizonte

Esse mesmo vento  
Traz-me agora ao chão  
- folha cambaleante

Na preguiça de um fauno  
À luz da primavera  
O sonho de um novo sol queimante  
E de um novo amor ardente  
É o que me resta  
Nessa cansativa espera



# Três poemas

**João Quintino Silva Galinari**  
Desembargador do TJMG, aposentado

## Da ilusão da vida

**I**nevitável. Criança em desatino,  
A mão do tempo estraga todo rosto.  
É uma tragédia, um gesto do destino  
Que nos faz mal, que causa-nos desgosto.

A estrutura apolínea desmascara.  
Alquebra-se o fragílimo esqueleto.  
Somos rescaldo de uma imagem cara,  
Ser decaído,acrônico, obsoleto.

A vida é um caminhar, vezes sem tino,  
Por uma estrada de mistério e assombros  
Em que a gente suporta em fracos ombros  
O peso do existir, feroz, ferino.

O definhar da arquitetura humana  
Deixa atrás, todavia, essa virtude  
De ainda sentir na condição insana  
Como brilhou o Sol da juventude.

## Num velório

**V**eja, enfim, e o não crítico;  
Quando em tom de graça ou mofa,  
Em velório de homem rico,  
Um mendigo filosofa:

De um dilema sou cativo.  
O que traz mais desconforto?  
– Eu, um pobre, porém vivo,  
– Ele, um rico, porém morto?!

## Cemitério

**C**emitério,  
Lugar de demanda processional,  
Lágrima  
E desespero

Os vivos  
Carregam seus mortos.

Há os que voltam.  
Há os que ficam.  
Os que voltam deixam flores.  
Os que ficam  
Deixam saudades.



# Asas de luz

**José Venâncio de Miranda Neto**

*Juiz de Direito do TJMG Comarca de Contagem*

**B**rilho do sol da manhã  
Claro, límpido  
Mais um passeio  
O perfume do orvalho  
diz o caminho

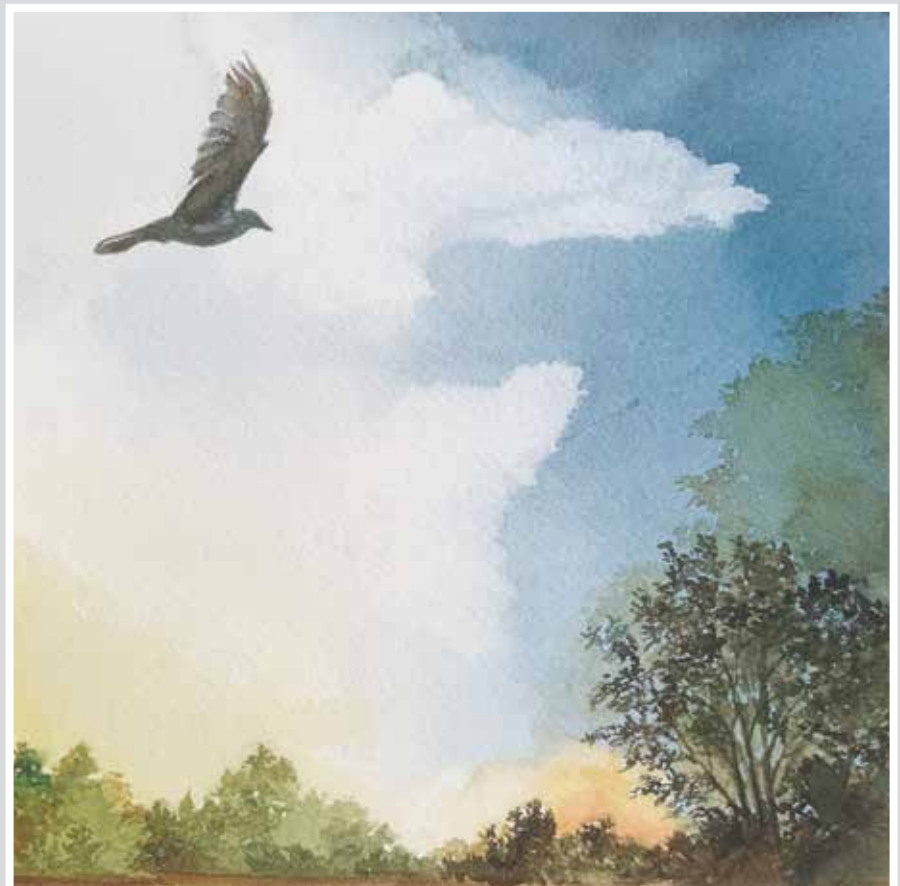
Ah, dia quente, já batemos asas  
O voo livre que vem  
E que vai  
Rodeando o tempo  
Sem compromissos a nos embaraçar  
Pássaro livre a cantar

E o mundo se vê  
Sempre belo e formoso  
Melhor ao cantar  
onde a tristeza não tem lugar

Voemos, cantemos  
A mágica do dia  
Que já vai tardar  
Parece acabar  
Até que sem aviso  
Assume o luar

Ah, pássaros livres a cantarolar  
Como aprendemos em observar  
Nas árvores, no tempo  
Na água ou no ar  
Ensina-nos a ver  
Na chuva ou no mar  
A beleza do olhar

Dias se vão  
E o voo a mostrar  
Que mundo mais lindo  
Do alto a vagar



# Nômades

**Amaury Silva**

*Juiz de Direito do TJMG Comarca de Governador Valadares*

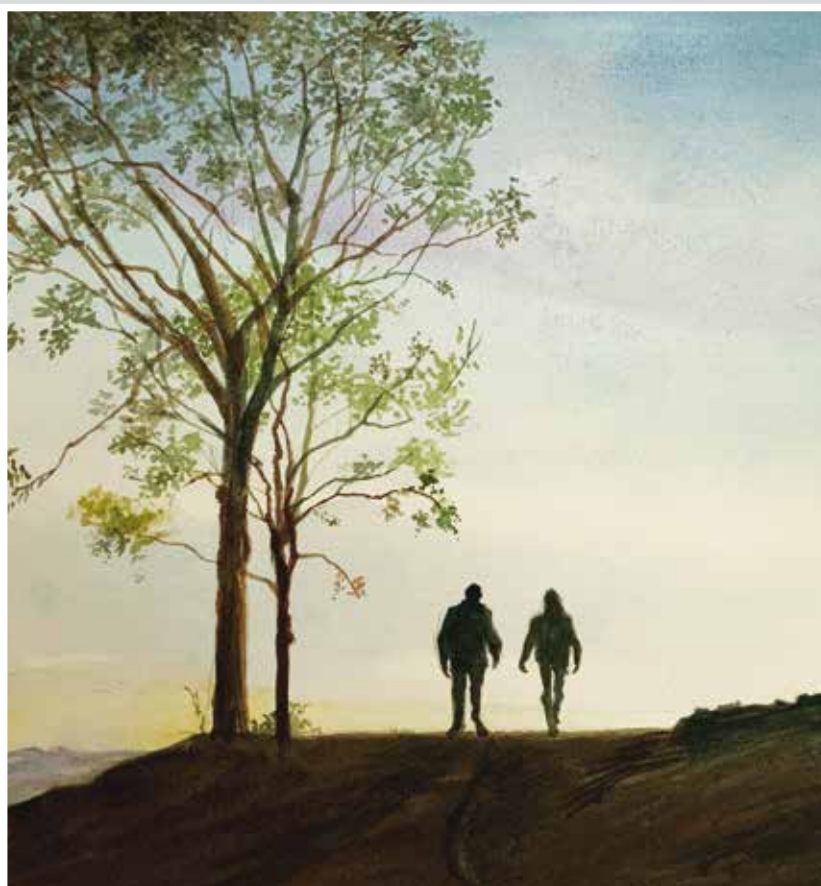
**S** em o sol da manhã civil  
assim, vamos partir  
cabelos molhados de lis  
e de cor

há quem não queira  
o odor  
sem fronteiras  
do horror

E sempre caminhar  
Em paradoxo do fim  
Estalos e gritos sem voz  
para varrer  
o bis do canto  
que se vê  
no meu pranto  
florescer

Ser nômades sem nomes, talvez  
as janelas vão abrir  
para saudar a placidez  
que a marcha sugerir  
cantando pela altivez  
da promessa não cumprida

Fora da faixa e em fuga da estupidez  
um rumo de azul  
e faces com lividez  
os azuis e fogos nus  
lua de qualquer mês  
habita na caverna





# O enigma da venda

Uma provocação iconográfica e jusfilosófica sobre os limites da atuação do julgador.

**Marcelo Cavalcanti Piragibe Magalhães**  
*Juiz de Direito do TJMG Comarca de Juiz de Fora*

**A**té meados do século XVI, não se tem conhecimento de imagem representativa da Justiça com venda nos olhos. Ao contrário, o maior atributo de quem julgava era possuir uma visão aguçada da realidade. O sol se fazia presente também para lançar luz sobre a verdade a ser descoberta.

Em Paris, no Museu do Louvre, na Estela do Código de Hamurabi (Imagem 1), onde há a figura de *Shamash* ('deus do sol') associado à verdade e à justiça e reverenciado na Mesopotâmia de 2000 a 1750 a.C., pode-se constatar a imagem dos raios de sol iluminando o julgador. Através da sua visão e da iluminação do sol "trazia o mal e a injustiça à luz". Imagem reproduzida, aliás, diversas vezes em outras obras artísticas.



Imagem 1: Código de Hamurabi

Na Grécia antiga, por sua vez, o olho grego da justiça, "*diques ophthalmos*", citado em abundância pelos historiadores, era traduzido através da expressão do olhar sempre atento e vigilante da justiça – '*Quia vigilavit justitiae oculus sempiternus*' – ou seja, '*nada era oculto aos olhos do julgador*'.

Na iconografia da Justiça, inúmeros são os artistas que associam o sol a uma visão aguçada do julgador. Nesse sentido, merece destaque a obra *Sol Justitiae*; or *the Judge*, do con-

sagrado pintor, ilustrador e teórico de arte Albrecht Dürer, datada do final do século XV.



Imagem 2: *Sol Justitiae*, de Albrecht Dürer

Contudo, por volta do século XVI, no auge do Absolutismo, surge a imagem da Justiça com a venda sobre os olhos, ainda hoje fartamente difundida como representação iconográfica. Um enigma não totalmente esclarecido pelos historiadores e estudiosos do assunto, pois acabou por incorporar sentido diametralmente oposto ao significado que inicialmente fora proposto, que era denunciar.

Tem-se como precursor desta alegoria o desenho "*A Justiça tolo de vendas nos olhos*", também de Albrecht Dürer. O intuito era denunciar os juizes que eram, na realidade, '*longa manus*' da vontade dos soberanos e, portanto, subordinados à vontade deles, sem possibilidade de julgar com independência.



Imagem 3: A Justiça tolo de venda nos olhos, de Albrecht Dürer



Imagem 4: Déclaration des Droits de L'Homme et du Citoyen, de Le Barbier

O historiador Panofsky, talvez o maior estudioso da iconografia contemporânea, analisa que a versão da Justiça vendada foi mal recebida pelos artistas, muito criticada e até desestimulada na época e que tal imagem é uma “*elucubração humanística recente*”.

De fato, a Lei foi repetidamente representada por um olho, como dito acima, o “*olho da lei*”, ou “*olho da justiça*”, tanto nas artes visuais quanto na poesia, desde os tempos antigos.

A título de exemplo, a pintura de *Le Barbier, Déclaration des Droits de L'Homme et du Citoyen – 1789* (Imagem 4), é encimada por um olho irradiando luz de dentro de um triângulo; o quadro de Mathias Blumenthal, *Justitia Majestata* (1762), retrata uma deusa da justiça guardada por um olho dentro de um triângulo invertido, que irradia luz. Ela também porta um medalhão em forma de olho. E não está vendada.

Na poesia, Schiller fez constar em um texto o dito “*o olho da lei vela*” (1800); dois mil anos antes, o poeta grego Amiano Marcelino escreveu que “*o eterno olho da Justiça velou*”.

Apesar deste movimento contrário à inserção do adereço na imagem da Justiça, o fato é que a acepção da venda traduzindo imparcialidade acabou prevalecendo e em uma parte muito expressiva da iconografia a ‘*Deusa da Justiça*’ aparece, até os dias de hoje, representada com a venda nos olhos. Às vezes, no mesmo ambiente, nos defrontamos com uma imagem coberta e outra sem a venda, como se constata em vários museus e tribunais de justiça existentes.

Exemplo bem expressivo verifica-se na iconografia da estátua com os olhos vendados, do artista plástico mineiro

Alfredo Ceschiatti, bastante conhecida, colocada na frente do Supremo Tribunal Federal (STF).



Imagem 5: A Justiça, de Alfredo Ceschiatti

Já no salão da Corte do Superior Tribunal de Justiça (STJ), a iconografia da Justiça, ao contrário, é retratada em uma representação de um enorme olho, dentro da mão de Deus. Uma bela criação da artista plástica Marianne Peretti.



Divulgação Assessoria de Cerimonial e Eventos - STJ

Imagem 6: A mão de Deus, de Marianne Peretti

### A Justiça deve ser cega?

O dilema por detrás deste singelo adorno – a venda – não se restringe somente a uma questão de leitura artística ou do estudo da iconográfica, da simbólica. Exsurge daí também a grande questão de cunho jusfilosófico, de intrincada e difícil solução na teoria e na prática: até onde o julgador pode levar sua visão sobre o caso posto a ser decidido? Deve se ater somente aos autos, tapar o sol para não enxergar as mazelas sociais e as injustiças que a demanda pode apresentar e ficar cego às partes que litigam, ou tem o dever de estar com os olhos bem abertos e de buscar fazer justiça no sentido amplo da acepção?

Teoricamente, atribui-se exatamente à filosofia do direito este papel de perquirir a análise crítica dos dogmas presentes no ordenamento jurídico, transcendendo aquilo que está positivado na busca por uma visão panorâmica do fenômeno jurídico no contexto social, superando, assim, a análise excessivamente técnica do Direito. Em outras palavras, e para incorporar ao viés figurativo imprimido no presente artigo, até que ponto deve o magistrado deixar o sol iluminar todas as vertentes do caso sub judice e fazer prevalecer a justiça?

Na prática, nós magistrados atuamos dentro dos limites da norma estatuída, com nuances da processualística, buscando equilibrar-nos sempre no princípio regedor maior, que é o da imparcialidade judicial, pressuposto de toda jurisdição. E, dependendo do ramo do Direito, há casos em que se permite uma busca da verdade real; mas noutros deve prevalecer o velho axioma de que *‘o que não está nos autos não está no mundo’* – *“Quod non est in actis non est in mundo”*.

Evidentemente, cabe-nos ainda interpretar conforme a exegese que entendemos adequada ao caso, dando decisões de acordo com a nossa percepção, o que pode ensejar decisões variáveis, consoante a compreensão de cada julgador.

Diante disso, uma solução imagética metafórica seria um olho coberto para os pratos da balança, significando a necessidade da cegueira do juiz diante das partes que compõem

“Na prática, nós magistrados atuamos dentro dos limites da norma estatuída, com nuances da processualística, buscando equilibrar-nos sempre no princípio regedor maior, que é o da imparcialidade judicial, pressuposto de toda jurisdição.”

o litígio, assegurando assim a imparcialidade; e o outro olho bem aberto, em um cenário com bastante luz do sol, iluminando todos os detalhes do contexto e das peculiaridades que envolvem a demanda.

# Palavra dos leitores

O jornalista e acadêmico Manoel Hygino dos Santos publicou em sua coluna no jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte, do último dia 20 de janeiro, sob o título 'Histórica edição', o seguinte comentário sobre as recentes edições históricas de *MagisCultura*, que focalizaram os perfis de 18 magistrados de destaque e a obra de Raphael de Almeida Magalhães:

*Tem completa razão o presidente da Amagis, Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos, ao referir-se à edição histórica lançada pela entidade há poucos dias:*

*"É publicação para ser lida com prazer e guardada com carinho por todos que atuam e têm apreço pelo Judiciário e, de modo especial, por estudantes de Direito em todos os níveis".*

*Depois da edição especial, em parceria com a Escola Judicial Edésio Fernandes, protagonizando a vida de um dos mais brilhantes magistrados deste país, Hermenegildo Rodrigues dos Santos, houve a publicação sobre vida e obra de outros dezoito elaborada por quem com eles conviveu e aprendeu a admirá-los.*

*Mais recentemente e para deleite intelectual de um infindo número de leitores, eis que se focaliza a trajetória exemplar de Raphael de Almeida Magalhães, a partir da inesquecível palestra do desembargador Luciano Pinto. Para não deixar por menos, a edição contou com prefácio de Rodrigo de Almeida Magalhães, bisneto de Raphael, professor de Direito na PUC e na UFMG.*

*Com tão rico material, o jornalista responsável pela revista, Manoel Marcos Guimarães, a excelente ilustradora Sandra Bianchi e a projetista gráfica Rachel Gomes Magalhães puderam regalar-nos com uma produção do maior significado histórico, cultural e artístico. Sem falar na relevância da edição para enfatizar a nobre missão de nossos magistrados.*

<https://www. hojeemdia.com.br/opinia o/manoel-hygino/historica-edic-o-1.996903>

## Mais repercussão

Prezados senhores,

foi com muita alegria que percorri as páginas da edição comemorativa da nossa revista.

Gostaria de parabenizá-los pela beleza da estética e pelo conteúdo, grávido de colunas que recordam as trajetórias de tantos notáveis juristas mineiros que tanto dignificaram a magistratura mineira e cujas trajetórias continuarão a nos inspirar em nossos humildes caminhos.

Parabéns a todos os envolvidos no projeto editorial.

*Pedro Câmara Raposo Lopes*  
Juiz de Direito



Caro Editor,

Venho registrar e agradecer o recebimento da Edição Comemorativa da *Revista de Cultura e Arte dos Magistrados Mineiros*. Para mim, trata-se de valiosa aquisição. Embora sendo advogada, no momento não exerço jornalismo jurídico. Fui editora do Judiciário em outros tempos, no "Minas Gerais". Mas continuo ligada a entidades culturais que se conectam com a Cultura mineira e jurídica. Primorosa edição. Bonito acabamento.

*Lúcia Maria Pires Nogueira*  
Advogada, jornalista e publicitária

A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

## NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

**MagisCultura** é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista ([magiscultura@amagis.com.br](mailto:magiscultura@amagis.com.br)) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.

